

LARISSA FINOCCHIARO ROMUALDO DA SILVA

UMA CARTOGRAFIA NA RUA: CUIDADOS E ESCUTAS POSSÍVEIS

SANTOS

2011

LARISSA FINOCCHIARO ROMUALDO DA SILVA

UMA CARTOGRAFIA NA RUA: CUIDADOS E ESCUTAS POSSÍVEIS

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido para a obtenção do grau de Psicólogo, Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, sob orientação do Professor Doutor Emílio Nolasco de Carvalho e co-orientação da psicóloga e Doutoranda em Psicologia Adriana Barin de Azevedo.

SANTOS

2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

SILVA, Larissa F.R.

Uma cartografia na rua: cuidados e escutas possíveis / Larissa Finocchiaro Romualdo da Silva. – Santos, 2011.
144f.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – Campus
Baixada Santista, 2011.

Curso: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Emílio Nolasco de Carvalho

1. Rua. 2. Cuidado. I. Orientador (CARVALHO, Emilio N. de) II.
Uma cartografia na rua: cuidados e escutas possíveis. III. Unifesp –
Campus Baixada Santista.

CDD150

LARISSA FINOCCHIARO ROMUALDO DA SILVA

UMA CARTOGRAFIA NA RUA: CUIDADOS E ESCUTAS POSSÍVEIS

Monografia defendida em 08 de dezembro de 2011.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Henz

Prof. Dr. Emílio Nolasco de Carvalho
(orientador)

Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista
Santos, 2011

Agradecimentos:

Aos meus pais Mara e Valdiso pelas nutrições filosóficas, musicais e pela amizade incomparável.

À minha irmã Luana que com seus vôos de pássaro me ajuda a olhar o mundo sempre de outros modos.

Aos meus avós pelo cuidado de uma vida inteira.

Aos amigos que encontrei desde pequena e outros pelo caminho.

À Bruna pela troca filosófica e intuitiva.

À Ana, Vitor, Larissa, Wilson por me ajudar a fazer da experiência da escola um espaço fértil e inventivo.

Às “Little Flowers”, por me ensinar outros modos de habitar uma casa/república e a viver junto.

À Aline, pelos temakis-filosóficos-culturais-terapêuticos que nos fortaleceram e desmontaram em tempos importantes.

Ao Karallargá por fazer acontecer aquilo que acreditamos, pelo aprendizado de uma vida em grupo, por me fazer cantar, compor e intervir no mundo pela arte.

Ao Rafael, pela música, vida, sonhos cada vez mais partilhados.

Ao André, pelos encontros e desencontros potentes, cujo olhar me contamina para inventar e suportar o risco de me lançar no mundo a cada vez.

Ao Emílio que me deu espaço para agir, escrever e perceber que outras educações podem ser inventadas.

À Adriana Barin, pelo acolhimento e delicadeza na co-orientação com sabor de torta de maçã.

Ao Alexandre, pela proximidade com as vidas que passam pelas salas de aula e fora dela. Um professor-menino-amigo com quem as composições são infinitas.

Aos homens e mulheres que vivem ou viveram nas ruas de Santos, cujas vidas, encontros, afetos, andanças interferiram intensamente na minha escuta e corpo, com quem aprendi a brincadeira das potências, composições e decomposições tão vivamente.

Ao Prato de Sopa, pelo acolhimento deste trabalho.

À natureza, pelo movimento e vida eternos.

Ao Manoel, Pablo, Gilles, Félix, Clarice, Machado, Carlos, Gregório, Cláudio, Baruch de Espinosa pelos diálogos imaginários e bons encontros.

A criança não pára de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos e traçar o mapa correspondente. (Deleuze, 1997, p. 83)

Resumo

Após aproximações com alguns sujeitos chamados por “população em situação de rua”, muitos afetos, questões e histórias foram tecidas. O trabalho conta a história de alguns percursos de um corpo curioso e brincante que se configura como uma “menina”, mas que se reinventa com os encontros que acontecem pelo caminho. O trabalho teve como proposta compor pensamentos que olhassem a rua não a partir da falta, mas sim com a pergunta: “o que acontece ali?”. Aproximar-se das histórias, dos modos como a vida na rua é vivida em sua singularidade possibilitou a invenção de trajetos e mapeamentos dos afetos experimentados. Muitos afetos circulavam pela menina e pelos habitantes das ruas de Santos e para tal aproximação escolheu-se fazer um intermédio de uma organização voltada para o trabalho com estes sujeitos, que oferece dentre outras coisas oficinas semanais de poesias e produção de textos, mais especificamente o haicai. Durante o acompanhamento de tais oficinas muitas conversações foram criadas, aproximações outras, escutas, passeio pelas calçadas, amizades. Foi possível ter mais notícias dos afetos que passavam por aquelas existências, olhando para o que nas suas relações com a rua, com a organização, com a própria vida aumentava ou diminuía suas potências. Para tanto, a menina fazia “fotografias” (textos narrativos que traziam aspectos importantes para a discussão dos cuidados e práticas direcionados a estes sujeitos), atualizando pensamentos em relação ao modo como esta condição é vista, sentida e cuidada. Muitos encontros foram fundamentais para as tecelagens e brincadeiras, além dos próprios habitantes das ruas, foram encontrados poetas, artistas, contadores de histórias, compositores, grupo de políticas públicas, filósofos, dentre eles, em especial, Baruch de Espinosa que compôs algumas noções importantes para toda a base da discussão das experiências vividas, principalmente as noções de Alegria, Tristeza e Potência. De tais tecelagens e diálogos, surgiram algumas pinceladas conceituais que foram se compondo ao longo do tempo com toda a polifonia que se mostrou a experiência de habitar a rua e se relacionar com uma organização voltada para estes sujeitos. Para um início de conversa ao final do trabalho, a menina traça pinceladas sobre a distinção entre Moral e Ética de que trata Espinosa colocando em questão algumas práticas e cuidados, a fim de provocar alguns pensamentos a partir daquilo que ela encontrou durante o percurso.

Palavras-Chave: Cartografia; população de rua; cuidado; afetos

SUMÁRIO

Introdução e metodologia

| | |
|--|----|
| Primeiro Encontro: Outros e primeiros encontros | 7 |
| 1.1: Quando se aprendeu a brincadeira das potências | 9 |
| 1.1.1. Passeios na casa grande | 10 |
| 1.2. Ligando a máquina cartográfica: inventando estratégias | 18 |
| 1.3. Primeiros passeios com sua máquina cartográfica: A rua e a organização..... | 21 |

Segundo Encontro: Uma pausa literária: Conhecendo alguns contadores de histórias, compositores e Políticas Públicas

| | |
|--|----|
| 2.1. Uma breve historieta | 27 |
| 2.2. Instituições Filantrópicas | 33 |
| 2.3. As Organizações Não Governamentais | 37 |
| 2.4. Políticas do Esvaziamento: As políticas públicas e outros discursos | 40 |
| 2.5. Encontros com alguns contadores de histórias da academia..... | 44 |
| 2.6. Olhares disponíveis com outros discursos | 47 |
| Um encontro breve e derradeiro | 56 |

Resultados e Discussões

Terceiro Encontro: Fotografias

| | |
|--|-----|
| 3.1: O que se passa por ali? Demorando-se nas oficinas de poesia..... | 57 |
| 3.1.1. Conversações: a relação com a organização | 62 |
| Encontro intensivo com Espinosa | 65 |
| 3.2: Os instantes entre tarefas | 88 |
| 3.3. Aos poucos fui percebendo as coisas vivas e tortas | 94 |
| 3.3.1. Conversações: a experiência da rua, uma polifonia..... | 101 |
| Uma pequenina fotografia (daquelas que dizem atualmente, três por quatro)..... | 112 |
| 3.4. Os provocadores | 114 |
| 3.4.1. Conversações: a caridade | 117 |

Conclusão

| | |
|--|-----|
| 4.1. Quarto Encontro: Um início de conversa | 122 |
| 4.2. Quinto Encontro: Fotografias, poemets, haicais e outros..... | 130 |

| | |
|---|-----|
| Referências Bibliográficas | 140 |
|---|-----|

| | |
|---------------------|-----|
| Anexos | 143 |
|---------------------|-----|

Introdução

PRIMEIRO ENCONTRO: Outros e primeiros encontros

Um modo singular de dizer o que se passou. Assim como os caminhos inventados, era preciso também inventar as linhas para contá-los. Porque não fabular uma espécie de “contação de histórias”? Assim se fez. Algo próximo a uma espécie de menina, linha, criança curiosa que não se torna uma figura estática em seus contornos, mas em constante movimento ao fazer ligações com outras linhas coloridas, compor com outras texturas diferentes das suas.

É contando seus percursos, peripécias e afetos, que no Primeiro Encontro a menina mostra os percursos que despertaram um olhar às sutilezas e potências das vidas de sujeitos. O cenário inicial é um equipamento da Assistência Social, apelidado pela menina de “casa grande”. É neste momento que ela encontra pistas que contribuirão para criar as estratégias de aproximação com outras vidas, histórias e lugares, bem como modos de registrar suas fotografias.

O Segundo Encontro traça um pouco o trajeto escolhido por meio das leituras, textos e autores com quem ela se encontrou pelo caminho que contribuíram com diversas visões e modos de ver e de discutir este tema. Alguns trouxeram uma visão ampla da história da condição destes sujeitos no Brasil, e como o cuidado e assistência foram se constituindo para que se estabelecessem ações frente àqueles “fora da ordem” das cidades.

A menina percebeu que muitos discursos acadêmicos e mesmo das Políticas Públicas partem da “falta” para compreender e criar estratégias para tal condição de rua, discurso este que inevitavelmente precisava ser explicitado de alguma maneira

neste percurso, pois, em geral, é nisto que as práticas em sua maioria parecem se apoiar. No entanto, foram encontrados autores que discursam sobre outros lugares, perguntando-se mais “*o que se passa e acontece nesta condição?*” ao invés de questionar somente “*como suprir aquilo que falta a estas vidas?*”. Era com estes últimos que a menina fazia novas tecelagens.

Estes traziam algo que ressoava com os pensamentos de um filósofo importante para os pensamentos e discussões produzidos aqui: Baruch de Espinosa. Passeando pelos conceitos de Alegria, Tristeza e Potência, a menina pôde inventar modos de se encontrar com tais habitantes das ruas menos a partir da falta e muito mais a partir dos afetos que passavam por aqueles corpos, inclusive o dela próprio.

Após estes saberes importantes de contextos dos discursos históricos e atuais sobre o tema e das instituições que se propõe a cuidá-los, a menina se dirige justamente a uma destas organizações no Terceiro Encontro. Com antigo caráter assistencialista e algumas mudanças atuais para agir de acordo com as Políticas Públicas, é nos escapes das linhas moralizantes que ela encontra espaços que permitem novos encontros e olhares para aquelas vidas.

Ela acompanhou semanalmente oficinas de poesia com os habitantes das ruas, freqüentadores da organização. Ali seu corpo-linha fez tecelagens com eles, podendo estar muito mais próxima do que diziam da sua relação com a organização, a atividade, a cidade, a própria vida.

Ela conversou com alguns mais demoradamente e fabulou uma espécie de “Conversação” que explicitava a polifonia dos diversos modos de experimentar a

rua. Cada vez mais percebia que há modos singulares de vida nestes lugares, o que aumentava os ruídos produzidos pelas políticas que chegam com diretrizes universais para tal condição.

No Quarto Encontro há um início de conversa. O pensamento de Espinosa que veio pincelando todo o trabalho, é base para a discussão de tudo que se passou neste tempo, principalmente no que diz respeito à distinção entre Ética e Moral, permitindo outros caminhos nos modos de escutar essas vidas que chegam e que também tem suas próprias potências. A menina percebeu que perguntar-se mais pelo o que *pode* um corpo e menos pelo que *deve* um corpo é algo importante para outras invenções no cuidado com estas histórias vindas da rua.

No último Quinto Encontro, aquilo que se expressou pelas linhas escritas em forma de poesia, haicais, poemets, fotografias. Uma mistura de olhares e afetos que escorregam pelas linhas entrelaçadas em todo o percurso...

Antes de qualquer coisa, tudo isto é um convite a um passeio...

1.1: Quando se aprendeu a brincadeira das potências

Não sei como desenhar o menino. Sei que é impossível desenhá-lo a carvão, pois até bico de pena mancha o papel para além da finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive.

Clarice Lispector

Lá estava ela...

De volta à vida cotidiana e rotineira, após deslocar-se por alguns dias dos lugares em que estava acostumada a ocupar. Experimentou encontros que

compuseram visceralmente com seu corpo. Pareceram anos de experiência inovadora, transformadora e não por isso, menos perturbadora.

Carregava consigo sua bolsa de sempre, confusa, daquelas que quando procuramos algo específico, encontramos outra coisa.

A menina, que não tinha nome, voltava a pisar em terras brasileiras, e enquanto estava sobrevoando as águas do mundo em direção a seu país de origem, pensava, escrevia, desenhava sobre quais eram de fato suas curiosidades após anos de encontros, leituras, cafés e conversas com as mais diversas figuras com quem se deparou pela vida dentro e fora da academia.

Lembrava-se de suas andanças e peraltices e ria... Lembrava-se também de momentos tensos nos quais não sabia bem o que dizer ao outro que lhe dirigia todos os seus sofrimentos. Alguns contextos eram preocupantes, outros até mesmo alegres.

Em alguns de seus passeios, caiu em lugares cheios de alegria e outros (e muitas vezes também os mesmos), cheios de tristeza.

Escolheu demorar-se em um desses.

1.1.1. Passeios na Casa Grande

Em que idioma cai a chuva sobre as cidades dolorosas?

Pablo Neruda

Era uma casa grande onde ficavam pessoas que não se conheciam direito, cheia de quartos coletivos, horário comum para as refeições, placas no saguão com os nomes escritos para lembrar-se de quem eram as próximas consultas. Eram nos

quartos onde se encontravam a maioria das pessoas, deitadas em suas camas na maior parte do tempo. Pareciam estar silenciadas e também silenciosas.

O cheiro de comida era bastante vivo. O cachorro entrava e brincava com as crianças. A televisão diariamente ligada, sempre no mesmo canal. Algumas pessoas ficavam ali, paradas, hipnotizadas pelas imagens quase sem som.

A menina caminhava pelos corredores e salão inquieta, curiosa. Quis entrar nos quartos, nas vidas, nas histórias daquelas pessoas que não tinham outro lugar pra morar, a não ser aquela casa grande onde dividiam algumas tarefas em relação à limpeza, sem muita disposição para outras trocas. Os corpos tinham trejeitos e modos de se expressar que ela ainda desconhecia. *Será que estavam quase sempre cansados, vagarosos, mesmo sem muita atividade durante o dia?* Os olhos de muitos tinham um brilho fraco e quase sempre estavam molhados, o que deixava a menina também de olhos molhados e ainda mais inquieta.

Havia outras personagens fora os moradores da casa. Ficam ali várias horas por dia, diariamente. Ocupavam um dos ambientes da casa grande que, diferentemente dos quartos era constituído por armários, mesas, cadeiras, papéis. Seriam estas personagens que *assistiam* àqueles moradores em suas tristezas cotidianamente? Para ela, o verbo assistir vinha com seu duplo sentido em relação à regência do próprio verbo: o primeiro de ver, olhar e o segundo, cuidar.

Mas aos poucos a menina foi percebendo ainda mais seus incômodos em estar ali. Uma espécie de “silenciamento das vidas” quase postas a esperar por algo que nem elas sabiam direito. Sabiam que precisavam sair da casa grande, mas iam acostumando-se, hora a hora. Incomodavam-se, mas ainda assim, calavam-se. Os

olhares em direção ao outro pareciam ser quase sempre que desconfiados, irritados ou tristes. No entanto, algo precisava ganhar outros corpos e escapar do discurso culposos e queixosos.

Aos poucos, a menina aprendia certa demora em estar com o corpo próximo, misturado com os corpos de alguns daqueles sujeitos. Não bastava apenas olhá-los de fora, assistir aos seus movimentos. Era preciso estar junto para se aproximar e poder compor algo com eles. Às vezes sentava-se junto a eles na calçada ou mesmo quando caminhavam um pouco pelas redondezas, conversavam sobre o mundo, as políticas, os medicamentos, a vida. Um dia ela se misturou tanto que foi confundida com uma moradora da casa grande por alguém religioso que passava sempre lançando bênçãos pelas ruas:

— Sejam abençoados. Tudo há de melhorar.

Antes dessa intervenção, a conversa era boa, leve, escapando de algumas durezas do cotidiano da rua e da casa grande. Mas era como se estar na calçada tornasse invisível àqueles que passam com pressa, tudo aquilo que dizia respeito da vida e dos encontros possíveis. A mesma calçada que acolhia com menos dureza tais encontros, produzia também outros sofrimentos.

Em outras vezes aprendeu a também ficar em silêncio ao lado de uma figura que sempre instigava por sua imensa resistência, suas intervenções e sofrimentos... Era também menina. Quem sabe seus encontros silenciosos traziam à tona suas dores e suas vidas sempre no limite entre escapar e se aprisionar pelo cotidiano das ruas e da casa grande. Para menina, viver e conviver com tais limites era muito

difícil. Talvez para os cidadãos, tal limite era insuportável. Para os que assistiam sua vida passar deitada na calçada, inaceitável.

— Como cuidar da menina?

Viver com seu sofrimento fez cansar as possibilidades visíveis a olho nu. Internação. Após algumas tentativas de apaziguar aquela vida que se sustentava no lixo e no medo de ser levada sem desejar. Assim aconteceu. E a menina ficou muda, ainda mais inquieta e triste em saber que as possibilidades se cansam, mas sem saber quando elas poderiam não se esgotar.

Enxergar não apenas o que faltava naquela existência que insistia em deitar-se na calçada e não na cama, em revirar os lixos, em incomodar silenciosamente aqueles que passam por ela. Era preciso enxergar que seus atos eram modos, modos de dizer o que lhe incomodava, modos de interferir no mundo, de sustentar o sofrimento que sentia. Ninguém sabia ao certo como cuidar da menina, antes de tudo, parecia ser importante mapear suas potências e afetos, abrir novos espaços para suas intensidades e expressões.

Enquanto tais encontros aconteciam, outros se davam com moradores da casa grande pelo salão, por vezes músicas eram colocadas ao invés da televisão, e quase todos dançavam com risadas gostosas e altas de um senhor festivo... Era uma festa.

O tempo foi passando, laços de amizade foram sendo criados. A menina aprendeu que eram muitas personagens e que ganhavam um nome coletivo por sua condição. Agora o nome passava a ser mais conhecido em seu vocabulário:

“população em situação de rua”. E viu que não somente aqueles moradores faziam parte deste coletivo, mas também outros que estavam em condições parecidas.

Contaram-lhe que muitos ficavam ainda nas ruas, outros em algumas casas com funcionamentos diferentes desta que ela acompanhava. Soube também que a casa grande tinha o nome específico de “Abrigo Provisório”. Uma provisoriedade que escapava, pois o tempo e ritmo de uns se diferenciavam dos ritmos de outros e um movimento que levasse alguns dias para alguns, poderia levar uma vida inteira. O que será que haveria de ser rápido e breve? Lembrou-se de Neruda ao criar uma pergunta:

Quanto tempo leva uma passagem de afetos, o tempo para encontrar uma alegria da vida?

Nesse tempo, a menina não sabia ainda o porquê de saber e fazer perguntas sobre esses termos, mas mais a frente, isto terá sua importância para ela compreender muitas práticas dirigidas a esses sujeitos.

Independente do nome que se dava ou não para aquele coletivo, ela foi percebendo sutis alegrias em estar junto àquelas pessoas. Começou a notar que eles também brincavam e que eles também sentiam vontade de lembrar suas histórias, seus sonhos, jogar papo fora, falar das dores da vida, dos amores, do desejo e do medo em sair dali.

A menina foi percebendo que havia naqueles corpos o que ela chamava de “potências”¹. Além de todas as tristezas, havia sutis potências que foram saltando-

¹ Este é um termo que mais a frente terá como base o pensamento de Espinosa, no momento ainda não carrega este conceito estritamente.

lhe aos olhos. Perguntava-se “ora, porque há quem apenas veja as tristezas e crie modos de gerir a vida do outro a partir delas?” Sem perceber, era com este tipo de olhar a partir da tristeza que os moradores ficavam esvaziados aos olhos nus.

Ao encontrar o termo “esvaziado”, a menina já fazia interlocuções com outras noções que trazia em sua bolsa e que comporiam com esta, como a de “despotencializados” e também a noção de capturas ou mesmo assassinato de singularidades² que ouvira dizer.

Não só os corpos traziam este aspecto de esvaziamento, como se afirmassem sua própria existência neste vazio produzido coletivamente, mas seus olhos à primeira vista, queriam permanecer calados em seus cantos. E caso não houvesse outra escuta e outros dispositivos para olhá-los, inventando um novo jeito de estar nos encontros com aqueles sujeitos, somente seria visto este vazio.

A menina compreendeu então sua primeira brincadeira das potências: era preciso demorar-se mais e estar corporalmente junto com o outro para inventar e perceber com eles suas próprias possibilidades e potencialidades de composição. Seus novos amigos tinham histórias tantas, saberes, canções próprias, sonhos, alegrias que ficavam escondidas debaixo de seus travesseiros.

— *Olha aqui essa música que eu fiz... vamos cantar um pouco e tocar violão?*

— *Você poderia ler algumas cartas pra mim?*

— *Sabe... eu também escrevo...um dia posso ler pra você.*

— *Quer conhecer o meu quarto? Minhas bijuterias? Eu também faço artesanatos e sei cozinhar.*

² O autor Luis Antônio Baptista trata de um termo que pode ser relacionado com esta idéia de esvaziamento: “assassinatos de singularidades”, no livro “A cidade dos sábios” (1999). Outro termo interessante pode ser encontrado com os autores Barembliitt (1992) e Guattari (2007) “despotencializados”.

Muitos haviam perdido suas lembranças alegres e era possível remexer o travesseiro antes de adormecer, ao mesmo tempo tentar criar com eles outras lembranças, momentos, inventar novas brincadeiras. Não era nada fácil, mas acontecia em alguns instantes.

Passado o tempo, a menina teve que sair da casa grande, alegre por ter aprendido algo tão intenso e ao mesmo tempo instigada com muitas questões que guardara na bolsa durante o tempo em que ficou ali. Despediu-se dos que ficavam e ficou com todos os encontros e personagens daquele lugar. Colocou em algum lugar de sua inseparável bolsa, para cima e para baixo, a tal da brincadeira das potências.

Os dias, meses foram passando. Volta e meia, a brincadeira das potências se perdia em sua confusa bolsa. Seus estudos na Universidade precisavam ganhar novos contornos e as questões novas foram tomando grande espaço. Era preciso aprender a alinhar tantas questões com possibilidades de invenção:

“É hora de fazer pesquisa!”

“quem é o público alvo?”

“Quais são suas referências?”

“O que, onde, por que e quando isso será feito?”

“Ora, no quinto ano já é esperado que você saiba alguns conceitos...”

Era preciso se organizar para gerar documentos, pensamentos, escritas em tempo determinado. Um caos. E no meio disso, a menina procurava

incessantemente suas curiosidades guardadas... Demorou certo tempo em excesso para encontrar algumas que pudessem iniciar um trabalho.

Resolveu silenciar um pouco ao perceber que tal busca incessante a fazia perder outras dimensões daquilo que a afetava e como a afetava, assim estava ainda à espreita do mundo. Cantarolava todos os dias, por vezes em lugares públicos. E para sua surpresa, em uma das vezes em que cantava e fazia arte com velhos amigos, viu um senhor dançando pra lá e pra cá ao ouvir sua música. Ele sorria, levantava os braços como quem segurava uma bela moça, girava e rodava. Suas roupas eram próximas a trapos. Não estava tão limpo como o restante do público. E suas invenções extrapolavam o lugar de espectador para o de alguém que se deixava afetar e afetava aquele lugar comum.

A menina sentiu-se muito alegre por ter percebido as expressões daquele senhor e do seu encontro com aquilo que ela fazia de corpo mais vibrante possível. Este encontro a fez lembrar-se dos moradores da casa grande, da brincadeira das potências que havia aprendido com eles.

Voltou a pensar nos encontros que teve com aquela chamada “população em situação de rua” e de que foi com eles com quem aprendeu algumas sutilezas nas escutas, com quem se encontrou diversas vezes e das mais diversas maneiras.

Talvez agora a brincadeira não pedisse que a menina voltasse ao mesmo lugar, mas que tivesse outros encontros com esses instigantes sujeitos que atualmente ainda habitam as ruas de Santos. No meio da bolsa que começava a se desmanchar, ela encontrou duas outras coisas que lhe trouxeram imensa alegria e novas idéias: a primeira, uma câmera invisível e indizível que ficava grudada em

seus olhos e que ela apelidou de “câmera cartográfica”. Esta câmera lhe criava a possibilidade de fazer fotografias, registrar instantes.

A segunda era um caderno cheio de anotações sobre coisas que a interessavam dentro e fora da Universidade e com muitas folhas em branco para produzir novos pensamentos.

Era assim que o trabalho se iniciava.

1.2. Ligando a câmera cartográfica: inventando estratégias

Depois de todos esses movimentos, parecia incabível criar outro modo de fazer o trabalho que não fosse pela Cartografia. A menina, desde o início de sua vida acadêmica, já estava interessada nos fluxos criativos de escrita, leitura, fazeres. A arte vinha como a primeira propulsora de suas invenções.

Ela sabia que ao encontrar a câmera cartográfica novamente, essa escolha implicaria em muitas coisas e a primeira era compreender mais o que é ser cartógrafo e aprender a mexer naquela máquina. Saber quais as potencialidades desse modo de criar conexões com o mundo e poder transformar essas conexões em textos, em práticas, em pensamentos.

Aqui, um encontro importante se dava com sujeitos que já falavam e escreviam sobre esse fluxo de pensamento que é a cartografia. A menina abriu o estojo da câmera e nele encontrou diversos papéis enrolados. Não sabia bem se eram manuais de como usar a câmera e, de início, ficou aliviada por tê-los encontrado, esperando algumas respostas de como fazer. Mas ao lê-los, percebeu

que não eram manuais e sim pistas sobre possibilidades daquela câmera cartográfica.

Em alguns com assinaturas de “Kastrup (2009)”, diziam que a cartografia não está interessada em definir uma relação de sujeito-objeto previamente, mas sim em produzi-la (quem sabe desmontá-la, dizia a menina silenciosamente).

Nos bilhetes, ela entendia que uma característica do método da cartografia seria inverter a lógica do sentido da metodologia e também da própria etimologia da palavra “método”, que implica uma criação de uma “*meta*” a ser alcançada antes do caminho (*othos*) a ser percorrido. A cartografia propõe o inverso: “*othos meta*”, e Kastrup escreveu em outro bilhete: “*Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento, um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude*”. (KASTRUP et al., 2009, p. 10).

Não era fácil de entender, mas o processo estava iniciado e para compreender um pouco mais sobre o cartógrafo, continuava a ler aquelas pistas que vinham de diferentes assinaturas, datas e lugares. Rolnik (2007) que falava sobre o modo como vivemos hoje de uma maneira muito peculiar, trazendo à tona o que ela chama de “crise da subjetividade”, dizia algo sobre um corpo que alcança o invisível, corpo sensível aos efeitos dos encontros, à passagem dos afetos.

Ora, o que será que ela estava dizendo sobre corpo, afetos, encontro? Esses eram termos que a menina guardou e escreveu com muito cuidado, pois ela sabia que precisaria ir atrás de outras leituras, poetas e quem sabe, outras pistas para aprender mais sobre o assunto.

Havia algo que encontrou no final de uma das pistas deixadas por Kastrup (2009), que lhe ajudaria muito a pensar o que ela própria queria exercitar:

(...) fazer falar aquilo que ainda não se encontra na esfera do já sabido, acessar a experiência de cada um, fazer conexões, descobrir tudo que vive no cruzamento e nas franjas desses territórios existenciais. (CAIAFA apud KASTRUP, 2009, p. 61)

E para isso, era necessário estar no mesmo plano intensivo. Como se daria esse processo de “estar no mesmo plano intensivo”? A menina se instigava a cada vez que lia algo sobre a cartografia que a ajudaria a fazer funcionar sua câmera cartográfica. Com tantas intensidades nessas pistas, ela parou um pouco para descansar, pegou sua câmera para tentar compreender melhor aqueles botões, telas, entradas e saídas. E em um lugar bastante estratégico encontrou um bilhete que dizia:

O aprendiz-cartógrafo, numa abertura engajada e afetiva (...) está ao lado sem medo de perder tempo, se permitindo encontrar o que não se procurava ou mesmo ser encontrado pelo acontecimento. (PASSOS e ALVAREZ, 2009, p. 137)

Com isso ela saiu para a rua, pois sabia que não era ali que encontraria respostas, mas sim experimentando a tal da câmera, inventando e fazendo combinações de botões, textos que apareciam na tela, palavras, lentes.

Tentou fotografar um menino que caminhava rapidamente e quase que sobrou apenas um vulto da imagem. Um borrão. Cheio de cores. Era bonito e antes de apagá-lo, ela decidiu experimentar outros borrões que não mostravam exatamente os contornos do corpo do outro, mas mostrava com o que suas cores se misturavam naquele instante de caminhada e movimento. Era uma primeira experimentação também de fotografar seus próprios pés caminhando pelas calçadas e seus próprios

borrões. Há quem diga que a fotografia tinha saído errado, mas a menina já tinha aprendido que isso não era questão para ela e se alegrava em compor novos olhares com a câmera cartográfica.

1.3. Primeiros passeios com a câmera cartográfica: A rua e a organização

Alegre por ter encontrado o bilhete e com todas as reverberações que surgiram das leituras sobre cartografia, a menina iniciou seus primeiros passeios pela rua. A idéia era conhecer novos sujeitos habitantes das ruas de Santos e também ver e registrar a própria cidade de modos diferentes do que estava habituada.

Viu muitos sujeitos perambulando por aí e aos poucos, percebia quando andavam em grupo, quando se separavam, quando ficavam um tempo próximo a um canal da cidade e depois mudavam de lugar. Ela via alguns com carrinhos equipados, cheios de coisas. Outros que carregavam apenas uma sacolinha ou mochila.

Muitos mexiam no lixo, dormiam embaixo do toldo, cobertos com um fino cobertor cinza. Alguns riam, outros choravam, outros gritavam. Mas quase nenhum cidadão ligava muito.

Havia ali um incômodo. Não se sabia muitas coisas, nem mesmo quando se aproximar. Algo que a impossibilitava de se dirigir direta e solitariamente aos habitantes daquelas ruas em seus territórios mais conhecidos por eles mesmos. Havia um movimento deles que era diferente daquele conhecido por ela desde a casa grande, o que assustava um tanto.

Quais afetos estavam em jogo nessa imobilidade? Quem sabe medo em criar outros territórios comuns logo de início? Algo que gerava certo desconforto. Não sabia o que era. Quem sabe afetos marcados de alguns séculos que ainda reverberavam em seu corpo e que a impediu de sustentar as escutas mais cruas vindas dessas vidas. No entanto, era preciso fazer algo com isto. Lembrava-se de um daqueles estudiosos da Universidade:

Afinal, como encaminhamos nossos incômodos?

Ela entendia que não se tratava de apressar seu corpo a ter de estar na rua e expor-se a encontros aleatórios. Quem sabe pudesse ser desta maneira, mas não neste tempo. Considerando que seu tempo se diferia daqueles prazos pedidos pela academia, uma estratégia possível que ajudaria a encontrar sujeitos diversos era fazer a intermediação com alguma organização³.

Em conversas com outros ainda na Universidade, contaram-lhe de um lugar, cujo nome era no mínimo de causar estranhamentos, mas que parecia permitir criar relações com essas pessoas de modo diferente do que experimentou com aqueles moradores da casa grande.

³ Este termo é entendido a partir da Análise Institucional, como a “materialização” das instituições. É nas organizações que todas as instituições que compõe determinado campo, se configuram em um arranjo estabelecido. Neste campo de pesquisa dos habitantes da rua, estão em jogo diversas instituições, tais como: moradia, linguagem, higiene, educação, trabalho, saúde, dentre outras. Por instituições entende-se um arranjo complexo de “(...) *decisões lógicas que regulam as atividades humanas, indicando o que é proibido, o que é permitido e o que é indiferente. Segundo seu grau de objetivação e formalização, podem estar expressas em leis (princípios-fundamentos), normas ou hábitos*” (BAREMBLITT, p. 103, 2002)

Logo de início já soube o nome: era a chamada “Associação Prato de Sopa Monsenhor Moreira”, em Santos, onde havia oficinas diversas com uma poeta⁴, uma psicóloga e posteriormente, um músico. A assistente social cuidava da parte da documentação e das possibilidades de trabalho que surgiam. Havia também uma professora de alfabetização, uma cozinheira e uma agitada moça que cuidava da limpeza. As outras cuidavam da parte administrativa da Associação, além das diretorias que não foram conhecidas.

A menina interessou-se por saber das oficinas que pareciam se descolar um pouco do nome que a Instituição recebia. Começou então a escutar as histórias deste novo lugar aonde chegava aos poucos.

Em conversas com as pessoas que ali trabalhavam, a associação tinha uma história extremamente marcada pelo assistencialismo. Ela começou a funcionar logo após a quebra da bolsa, em 1929, quando muitos que viviam do plantio e colheitas do café ficaram sem emprego e não tinham como sustentar suas famílias.

A instituição então oferecia um lugar de doação de alimentos, no caso a sopa, para estes sujeitos que não tinham condições de comprar comida. O caráter religioso também estava bastante ligado a associação. Todavia, era sabido que ela:

(...) passou por profunda reformulação, que modificou completamente seu processo de trabalho e de atendimento. Abandonando o antigo caráter assistencialista de suas atividades, hoje está focado em novos e mais amplos projetos, cujos objetivos são a inclusão social e o resgate da cidadania. (Prato de Sopa, 2011).

⁴ Aqui a expressão “Poeta” será utilizada para a personagem mesmo esta sendo mulher.

Claramente, as diretrizes das Políticas da Assistência Social vinham também reorganizar e dar outros sentidos às práticas assistencialistas que já existiam. A ordem deixa de ser estritamente da religião e passa a ter o Estado como corpo mais operante em seu funcionamento. No entanto, não é isto que tira absolutamente alguns aspectos moralizantes de tais práticas, no sentido de já dizer ao outro o que ele deve ou não fazer, ser, como deve agir, pensar, falar, amar, sujar, brincar, morar etc.

A menina não pretendia fazer uma Análise Institucional do local onde freqüentava, apesar de alguns conceitos permearem suas tecelagens, mas sim, aproximar-se mais dos freqüentadores, já que na rua propriamente dita ela ainda não conseguiria sustentar os encontros mais demorados como pensou primeiramente.

Após ouvir e conhecer as histórias do funcionamento daquela organização, a menina passou a freqüentar as atividades de poesia que lhe chamavam muita atenção, afinal, “quem estaria interessado em oferecer esse tipo de atividade a habitantes da rua? O que acontece nesses encontros?”

Foi quando a figura da personagem “*Poeta*” apareceu mais intensamente, sempre com um sorriso no rosto e um jeito calmo de receber todas as pessoas que ali chegavam para sua oficina semanal.

O horário chegou e era às 9h da manhã que ficavam todas as pessoas que trabalhavam na Instituição à porta de entrada para dar o “bom-dia” (curiosamente, todas eram mulheres, o que também faz alusão à própria história da associação,

quando quem fazia a sopa eram as mulheres e a maioria dos que precisavam dela, eram homens).

A menina entendia que essa postura também tinha um aspecto de “vigilância” para ver quem estava chegando e principalmente como estavam chegando, se não havia ninguém com claro aspecto de drogadição ou algo parecido. Era principalmente naquele momento que se efetuava a “segurança” e seleção daqueles que atrapalhariam a atividade porvir.

Por um tempo, a menina ficou também neste lugar, observando a imensa fila que se criava ali. Para entrar, havia duas condições (além de não estar sob efeitos de qualquer tipo de droga): lavar as mãos e permanecer dentro da instituição até as 12h.

Formava-se uma fila, em que muitos (talvez a maioria) eram cumprimentados pelo nome. Assim, sentavam-se por ordem de chegada, nas cadeiras dispostas frente a uma seqüência de mesas, uma ao lado da outra, formando uma ordem para a segunda fila.

O café era servido. Conversas à grande mesa. O início da atividade era logo em seguida ao café. Alguns eram freqüentadores assíduos, mas todos os dias havia muitos que estavam indo pela primeira vez ou que não voltavam há muito tempo.

Era difícil e interessante, pois nunca se sabia quantos sujeitos apareceriam, se sabiam das atividades do dia, como seria o desenrolar das oficinas. Os acontecimentos eram tecidos nos instantes, mesmo com atividades propostas e planejadas.

Ao observar um pouco tal funcionamento muitas questões surgiram. Para ela, o que estava fazendo ali era uma espécie de mapa, como perceber aquilo que aumenta ou diminui a potência de uma existência. A aliança com Espinosa começava a se intensificar, ouvira dizer sobre uma distinção que a própria menina esboçava fazer: não agir perguntando-se ou dizendo ao outro o que ele *deve* fazer, mas sim *o que aquele corpo pode fazer?* Ela mais estaria mapeando os afetos das vidas dos habitantes das ruas que encontrara naqueles moldes de organização, do que buscando modos de lhes dizer como devem viver, uma tentativa em se aproximar de práticas menos moralizantes, mais Éticas.

Ao mesmo tempo em que era preciso não perder tal dimensão de vista, era importante conhecer melhor quais trabalhos, discursos, pessoas estavam trabalhando atualmente com estes homens e mulheres que vivem nas ruas. Pelo que eram guiadas suas práticas e também um pouco da história de tais práticas, afinal, quando e como se começa a cuidar destes sujeitos? Estaria esta história ligada às práticas mais moralizantes do que Éticas? Era também importante escutar o que acontecia...

SEGUNDO ENCONTRO

UMA PAUSA LITERÁRIA: Conhecendo alguns contadores de histórias⁵, compositores⁶ e Políticas Públicas

⁵ Contadores de histórias serão referências aos autores que trouxeram questões importantes ao trabalho, mas que não criavam outra zona de composição além de compartilhar suas experiências.

2.1. Uma breve historieta

“Lá na varanda D. Quixote conversava com D. Benta sobre as aventuras, e muito admirado ficou de saber que sua história andava a correr o mundo, escrita por um tal de Cervantes. Nem quis acreditar; foi preciso que Narizinho lhe trouxesse os dois enormes volumes da edição de luxo ilustrada por Gustavo Doré. O fidalgo folheou o livro muito atento às gravuras que achou ótima, porém falsas.

- Isso não passa duma mistificação! – protestou ele. Esta cena aqui, por exemplo. Está errada. Eu não espetei este frade, como o desenhista pintou. Espetei aquele lá.

- Isto é inevitável – disse Dona Benta. – Os tis-toriadores costumam arranjar os fatos do modo mais cômodo para eles; por isso a História não passa de histórias.

-Mas é um abuso! -insistiu o fidalgo. -Eu, que sempre me bati pelas melhores causas, não merecia que me atraíssem deste modo.

Por fim fechou o livro; não quis ver mais.

- O meio, disse Emília – é o senhor mesmo escrever a sua história, ou as suas memórias, como eu mesmo fiz.”.

(Monteiro Lobato, O Sítio do Picapau Amarelo)

A menina sentia o início de uma empreitada longa pela frente. Era importante ouvir sobre a história das coisas e compreender pelo que as organizações eram constituídas, para que e para quem elas funcionavam.

Assim, ela voltou à Universidade lugar onde teve encontros importantes viajando pelas histórias contadas nos livros da biblioteca, encontros com artistas, sabedores, poetas, “tis-toriadores”, compositores, contadores de histórias e até mesmo uma espécie colorida e dançante que ela nunca vira.

Assim, foi misturando-se com aquilo que lia e ouvia, o repertório de palavras se ampliava, por isso a linguagem nestes encontros tornava-se diferente do primeiro, as aproximações entre os corpos produziam efeitos, ela sentia às vezes afetos alegres

⁶ Compositores são os autores que afetaram mais demoradamente com suas idéias e palavras. Tais encontros foram fundamentais para ampliar afetos, pensamentos e a própria discussão deste trabalho.

em outras, tristes. Ficara um tempo ali, o suficiente para ampliar suas percepções, afetos, saberes e vocabulários.

Nas anotações sobre as instituições e organizações, ela encontrara algumas noções de um velho amigo que a ajudariam a pensar sobre este assunto. Uma delas era sobre a relação de oferta e demanda, já que ela estava entrando em uma organização cujo apoio vinha diretamente do Estado e também por causas religiosas que ofertavam desde objetos, roupas, alimentos e também modos de vida. Suas anotações traziam estas noções esboçadas:

“toda organização de prestação de serviços transmite um recado de maneira mais ou menos consciente ou inconsciente durante o processo de oferta de suas prestações, que consiste aproximadamente em passar ao usuário uma mensagem que diz: "Eu tenho o que te falta e, além disso, você não entende, não sabe em que consiste." Essa mensagem subjaz, está "por trás" de toda oferta de prestação de serviços e, provavelmente, também de bens materiais. Então, quando essa oferta gera uma demanda, ela não pode estar modulada senão pela própria oferta.” (BAREMBLITT, 2002, p. 35)

Era com estas noções que ela começava a tecer seu aparato de fotografias, encontros, conversas e leituras, compreendendo cada vez mais que tal condição era complexa e expressava-se também sob esta relação de produção de demandas, assim como todo o sistema capitalista em que se vive. Perguntava-se: *o que oferece uma organização voltada especificamente para estes habitantes da rua que não aparece somente naquilo que está dito e visto explicitamente?*

Aos poucos a menina foi percebendo a importância de recorrer à história da existência desses sujeitos que não fazem parte do mercado de trabalho formal e que vivem pelas ruas dos centros urbanos. Entre as andanças e aproximações com as

vidas de alguns deles, outros encontros também foram acontecendo ao longo do caminho.

Pelos lugares que se passava, a menina encontrava alguns contadores de histórias que por vezes contavam suas experiências rapidamente, enquanto outros a convidavam a parar e conversar vagarosamente.

Um destes compositores era Lilia Lobo.

A menina encontrou esta compositora quase por acaso, em meio a uma conversa sobre quais eram aqueles sujeitos que haviam estudado melhor aspectos da história neste campo teórico, eis que ela surge logo após um almoço na Universidade. A conversa foi então se inventando. A compositora trazia consigo seu livro: “Os infames da história” sobre os desclassificados, desocupados e vadios traçando uma linha história do Brasil.

Ela contava sobre o Brasil Colônia, quando um pouco mais da metade do século XIX, a condição de trabalhador livre para os ex-escravos eram ainda quase que piores do que aquelas que viviam em seu tempo de cativo.

Ela explicava que não é somente com novas divisões do trabalho e impossibilidades deste que surgem os chamados “vadios”, mas que desde o século XVI já havia um número grande de sujeitos que não eram senhores nem escravos e que viviam por entre o campo e as vilas. E contava:

— *Para o indivíduo livre, destituído de recurso material ou de instrução, era muito difícil encontrar um meio de vida* (LOBO, 2008, p. 223)

E a menina alinhavava:

— Então há séculos existem aqueles sujeitos que são porta-vozes da miséria, constituindo-se em lugares menos prováveis para o acontecimento da vida humana, como a própria rua!

— Sim, desde aquela época havia aqueles que vagavam “*de léu em leu à cata do que se manter e que, apresentando-se a ocasião, enveredam francamente pelo crime*” (LOBO, 2008, p. 223)

Eram os “vagabundos” e “vadios”, que não tinham:

“outro defeito mais do que ser vadio, ou porque a natureza assim lho pede ou porque sua educação o pôs unicamente aplicado aos divertimentos e à folia; esse mancebo, que ate aqui é pesado ao Estado, pode ser útil assentando praça. Há de trabalhar à força e o longo uso lhe há de formar uma nova natureza” (Rendom apud LOBO, 2008, p. 224).

Com as cidades se organizando neste tempo e o número grande desses sujeitos, já que o próprio trabalho assalariado era muito mal remunerado, governadores decidiram fazer um alistamento de todos os que escapavam da ordem. Saber exatamente a origem, família e trabalho das pessoas. Daqueles que o governo tivesse dúvida, chamava-se um por um para saber seus modos de subsistência e se ainda assim houvesse recusa ao trabalho, obrigavam-no com punições corporais a sair para o campo e a trabalhar nas terras. (LOBO, 2008)

Eram estes que também geravam medo pela sua rebeldia, transgressão e poder de criar suas próprias regras, confrontando as regras dominantes e o poder estabelecido.

A menina se surpreendia com suas histórias:

— E aumentava então a quantidade de pessoas que se recusavam ao trabalho que não gerava nenhum estímulo de melhorar de vida, de mudar as condições que até então eram em sua maioria vindas da escravidão?

Lilia respondia com um sorriso no rosto:

— Sim, o modo como foi se construindo a relação com os subempregos desde o início já contava com a presença marcante e ameaçadora daqueles que tinham a *“liberdade de não trabalhar, ser tão ocioso quanto seus antigos senhores”* (LOBO, 2008, p. 228).

— E essa ociosidade que antes era digna dos ricos, passa a ser atacada e vista como uma das principais causas de degeneração social, pois *“(...) O Vadio era aquele que se negava a pagar a dívida social com o suor do rosto, era além de um fardo, uma ameaça à ordem constituída pelo trabalho e pela lei – aquele que consumia sem produzir para a comunidade”* (LOBO, 2008, p. 228)

A menina entendia que começava então um processo de relação da vadiagem com a pobreza, e também com a criminalidade, já que quem obtinha seu sustento por outra forma que não fosse o trabalho, estava colocado na chamada “classes perigosas”. E Lilia Lobo confirmava:

— *“É na miséria que se encontram as causas degeneradoras da espécie, pela falta de educação religiosa e moral e de respeito às convenções sociais que deveriam funcionar como um contrapeso a maus instintos”*. (LOBO, 2008, p. 229).

A menina desenhava ainda em seu caderno:

— Vem com isto a expressão concreta de práticas moralizantes...

E essa idéia cria a ideologia da classe dominante de que a pobreza e a miséria, por suas condições estruturais, estariam intimamente relacionadas ao crime. Com o enraizamento disso, bastava então criar modos de controle e vigilância para essa população ociosa, vadia e perigosa que ameaçava constantemente a sociedade.

A solução para acabar com isso seriam leis de trabalho compulsório: controlar o tempo de trabalho, o modo de trabalho e criar uma parcela de lucro que geraria capital para a “sociedade”: tirar do trabalho a idéia de “escavidão” e fazer com que as pessoas o desejassem!

Ao mesmo tempo em que o trabalho era cada vez mais investido para o controle maior da população, as formas de controle das cidades iam aperfeiçoando-se, de um lado a polícia, e do outro, as práticas filantrópicas. Dificilmente os sujeitos mergulhados nessa “faixa” da exclusão, não passaram por alguma instituição seja assistência, hospitais, escolas, prisões.

— Aqui a gente começa a perceber que a lógica não era mais a expulsão daqueles “perigosos” e “vadios”, mas sim a fixação em um interior “perfeitamente quadriculado” (Lobo, 2008), onde terão suas histórias fichadas, e serão colocados numa ordem *“de um desvio qualquer, mesmo que nenhuma providência seja tomada para melhorar sua vida, o que é mais provável. Estranho ideal: sofreros os efeitos da violência dessa integração e ainda assim lutamos para aperfeiçoá-la.”* (LOBO, 2008, p. 262)

A menina espantava-se e instigava-se ao mesmo tempo, enquanto ouvia estas canções de Lilia Lobo. Instituições pareciam ser criadas não para dar conta da

desigualdade produzida socialmente, mas para mantê-la e manter a população sob controle.

2.2. Instituições Filantrópicas

Ainda neste contexto histórico, Lilia Lobo dizia:

— A caridade nunca teve a pretensão de erradicar a pobreza, *“mas de viver dela, nesta e na vida eterna”* (LOBO, 2008, p. 295). Apesar de ainda hoje muitas instituições religiosas funcionarem como pontos de apoio assistencial até mesmo ao próprio Estado, o sentido religioso foi enfraquecendo-se com o tempo (embora não desaparecesse) e ganhou outros espaços a partir de alianças com o poder médico.

Uma forma de vigilância social se dava por meio dessa nova aliança, que buscava cada vez mais modos de colocar ordem na cidade e de controlar as vidas que escapavam das leis morais do trabalho e das relações sociais.

Lilia afirmava:

— *“importava civilizar essa gente e eleger a cidade como um lugar estratégico, ao mesmo tempo de defesa, regeneração e controle”* (LOBO, 2008, p. 299).

A cidade passa a ser um campo de intervenções de novas disciplinas tais como a Sociologia, Psicologia, Medicina, práticas higienistas, dentre outras. Um saber científico vinha normalizar as vidas e colocar ordem nos aglomerados humanos, além de modificar as estruturas físicas da organização das cidades que começava a separar os lugares que seriam ocupados cada um pela classe social que lhes era mais compatível.

— É também a partir disso que se transformavam as relações e modos de convívio que se davam nestes espaços: a construção de moradias particulares, intervenções nos modos de organização da própria rotina familiar, reconstrução de serviços públicos, de instituições voltadas a grupos específicos (asilos, prisões, fábricas, escolas, hospitais). (LOBO, 2008)

A menina indagava:

— É então com estes saberes que se constroem discursos fortes sobre como os sujeitos devem se vestir, falar, morar, conviver, trabalhar. Quem escapasse disto, já estaria bem contornado por todo aparato institucional que lhe fosse mais cabível.

E Lilia complementava:

— Muitas intervenções eram feitas também pelas casas filantrópicas e de caridade. A compositora cita diferenças entre elas, em que a filantropia preocupava-se mais com aqueles que dariam recursos para o país, mesmo que posteriormente como as crianças e mulheres ao invés dos velhos, inválidos, que ficariam sob os cuidados de instituições caridosas. (LOBO, 2008).

Aos poucos práticas como as de regenerar a mão de obra ociosa, obrigando-os a trabalhar, ao construir a “Casa de Correção”, tornava possível enviar cada sujeito com suas características distintas a locais diferentes: inválidos para o albergue (construído para mendigos inválidos), doentes para a Misericórdia (instituições filantrópicas), vadios válidos para a Casa de Correção, e um pouco depois, loucos para os hospícios.

Lilia finalizava:

— É nesta época que já surgem construções para os mendigos, uma delas que não durou muito, chamada Conselho de Assistência da Candelária, cujo chefe de polícia da época reproduziu em seu relatório notas sobre seu funcionamento. Como não se sustentou por muito tempo, os tais mendigos foram enviados pela própria polícia a cidades vizinhas.

A menina ao final da conversa começava a compreender que a pobreza não era algo a que queria se combater e eliminar. Ao contrário, foi naturalizando-se cada vez mais, e criando-se gradativamente um imenso número de instituições para assistir essas pessoas. O Estado não poderia por si cuidar de todos, e por isso, era e é conveniente que haja assistência particular (ONGs, associações, etc.) que podem ocupar-se das vidas destes sujeitos, ainda mantendo (com apoio do Estado) a relação desigual entre ricos e pobres.

Este diálogo e troca com Lilia Lobo possibilitou a menina a fazer uma construção a respeito da história do país em relação a estes sujeitos que escapam das normas do corpo, do trabalho, da higiene e não por isso, estão garantidos de não serem capturados por outros mecanismos mesmo na própria rua.

Assim foi possível compreender um pouco melhor as práticas que acontecem atualmente dirigidas àqueles que ameaçam a vida urbana das cidades que ainda podem ser deflagradas como práticas que se sustentam no higienismo. Limpar as cidades, fichar suas histórias nas instituições assistenciais, atualizam e afirmam não só o dever do estado em garantir o direito de todo e qualquer cidadão a uma vida digna, mas também como garantir os meios de se exercer o controle sobre esta

chamada “população de rua” com ajuda de organizações, associações, centros religiosos.

Quando então a menina perguntava no início: “para que e para quem estas organizações funcionam?”, é importante poder recorrer a toda esta construção histórica da relação do Estado, das instituições e das organizações com estes sujeitos que escapam de alguma maneira às normatizações do corpo e da vida.

Também para criar novas linhas de pensamento e conhecimento exige da menina certa atenção aos modos hegemônicos que circulam e regem as vidas atualmente. Para que o pensamento possa criar seus espaços de crítica e atualizem novas possibilidades, há outros compositores com quem a menina poderá se encontrar pelo caminho.

2.3. As Organizações Não Governamentais

Ao passear um pouco por uma organização durante as andanças, a menina deparou-se com a necessidade de saber um pouco mais sobre tais organizações “não-governamentais”. Houve brevíssimos encontros com alguns contadores de histórias⁷ que sabiam melhor sobre as construções históricas das instituições, associações civis e outros que já teciam críticas a respeito delas.

Numa roda de conversa com tais contadores, ela soube que foi na década de 80 movimentos sociais começaram a ter mais voz, contribuindo também para a construção da Constituição Federal de 1988, que vinha para pressionar o Estado a garantir os direitos humanos a todo e qualquer cidadão.

⁷Os autores de artigos, teses, cartilhas que foram lidos mais brevemente mas que contribuíram para as discussões do trabalho serão chamados de “*Contadores de histórias*”.

Diziam que o confronto era ainda com o próprio Estado, que desde sua constituição histórica, violava os próprios direitos da população, contribuindo ainda mais com a naturalização da pobreza e das desigualdades sociais.

Era neste contexto que surgem as chamadas Organizações Não-Governamentais, compostas pela articulação da sociedade civil, que se inseriam fora do poder do Estado (Primeiro Setor) e ao mesmo tempo fora do poder privado (Segundo Setor). Mostraram a ela alguns escritos a respeito destas divisões, principalmente sobre o momento quando se cria o chamado “Terceiro Setor” que:

“abrange ações públicas que saem do domínio estatal, e passam a ser encampadas por organizações da sociedade civil. É o surgimento da iniciativa privada com fins públicos, com o objetivo de combater grandes problemas do mundo atual, como a pobreza, violência, poluição, analfabetismo, racismo, etc.”. (Ambiente Brasil site, 2011)

Este terceiro setor abrangia a luta para criar e partilhar outras formas de se fazer política, pensando em criar possibilidades de um Estado mais democrático, a favor principalmente dos grupos menos favorecidos.

No entanto, com a crise do país em 1990, o número crescente destas organizações com diversas alianças estrangeiras e as funções do Estado passariam então a contar com o “apoio” destas organizações para efetuar aquilo que seria seu por dever. Infelizmente, as ONGs que viriam com forte caráter de contestação às violências vindas por todos os lados, inclusive do próprio Estado, passavam a aliar-se a ele.

Ao unir estas informações novas com aquelas histórias que aprendeu com Lília Lobo, a menina passava a compreender que os jogos de poder estavam cada vez mais claros e expressivos nas organizações com apoio Estatal.

Surge neste meio um contador de histórias chamado CERA (2005), sujeito com críticas interessantes sobre o assunto, possibilitando olhos mais críticos às políticas envolvidas nestas organizações.

Ele dizia:

— É justamente o caráter fluido das ONGs e o modo como elas foram inseridas no contexto econômico e político da década de 80 e 90 no Brasil, que as problemáticas surgem:

“Quando as organizações do terceiro setor assumem atividades de responsabilidade do Estado, podemos pensar na sua função de prestadora de serviço e operacionalizadora de atividades. Esta concepção é tomada por alguns autores principalmente quando se pressupõe uma relação de parceria com o Estado e não de contestação às suas políticas (FISCHER; FALCONER, 1998; GONÇALVES, 1996). Isto nos leva a crer numa condescendência destas organizações às orientações governamentais, o que não poderia ocorrer. Torna-se paradoxal pela sua “função política” que é tão proclamada”. (CERA, 2005 p. 14).

Com sua fala, a menina considerava o fato de que há práticas que podem afetar alguns de tal modo que aumentem suas potências de agir, ampliando suas ações e intervenções políticas. No entanto, é preciso principalmente considerar que estas organizações têm uma construção histórica de movimentos de ruptura, inclusive com o Estado e que é justamente com ele que elas acabam por criar fortes alianças.

Todas estas conversas contribuíram para que a menina ampliasse sua capacidade de tecer críticas no território onde estava pisando. Tais críticas não seriam carregadas de lamentos, queixas ou denúncias, mas sim, com capacidades de ampliar os espaços para um novo pensamento, não apenas para práticas já sabidas e cristalizadas nas relações de cuidado e assistência.

Era também um modo de tecer outras linhas com a organização e com as políticas que a atravessavam. A partir da história das ONGs era possível compreender melhor a história da própria organização que a menina passeava, bem como suas alianças com práticas de governo. Os interesses vinham misturados, de um lado pela história religiosa e cristã em que a caridade tinha força política e de outro, como aprendeu com Lilia Lobo, o Estado que não dava conta de garantir os direitos de todos, e mesmo com suas estratégias de apoiar-se em outras entidades, as singularidades das vidas pareciam continuar esmagadas.

Tanto o Estado quanto as ONGs (aliançadas a ele) ainda passavam pelas linhas moralizantes que não davam conta das questões que a menina se propunha a fazer ao se aproximar daqueles que habitavam as ruas. Mesmo assim, era preciso conhecer para ver quais as dimensões das composições e não composições com estes discursos produzidos.

2.4. Políticas do Esvaziamento: as políticas públicas e outros discursos

A menina continuou a caminhar pelas ruas e pela universidade e no caminho, havia um grupo que não parecia nem de contadores, nem de compositores. Parecia ser um grupo importante, ambíguo, contraditório, alguns falavam muito alto, mas diziam coisas que interessavam em aprender e que foram se tornando importantes, pois a menina percebia que este grupo tinha um poder maior em relação a muitas experiências já contadas.

Na rua, já estava circulando um assunto de que uma menina vinda de outro lugar estava ali, mapeando como era a vida na rua (os próprios habitantes das ruas já vinham dizer isto a ela diretamente). Prontamente este grupo chamado por

“Políticas Públicas da Assistência Social” apareceu no caminho contando algumas coisas que era preciso saber para compreender melhor o contexto vivido e as práticas direcionadas atualmente para aqueles habitantes das ruas.

Diziam:

— Os processos de discussão sobre os sujeitos que habitam as ruas iniciou-se na década de 1990, um pouco após a Constituição de 1988. Isso iniciava com alguns movimentos por parte destes sujeitos, bem como das organizações que já se ocupavam desta questão, em geral, de caráter assistencialista, mas que buscavam a luta pela cidadania e a criação de estratégias para que estes sujeitos saíssem dessa condição.

Outros complementavam:

— Os chamados “moradores de rua” são entendidos por nós como parte desse grupo, portanto, desde 2006 há discussões mais amplas e abertas a respeito desta condição, também por parte dos próprios habitantes da rua, que passam a se formalizar em fóruns e na criação de políticas públicas voltadas para a agora chamada “população em situação de rua”.

Eles contavam que as práticas direcionadas às questões sociais vêm traçando um trajeto com muitas transformações, como a menina aprendeu anteriormente. Diziam:

— O próprio Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome reconhece que essas práticas *“eram um mix de ações dispersas e descontínuas de órgãos*

governamentais e de entidades assistenciais que, gravitando em torno do Estado, construíram relações ambíguas e contraditórias” (Cartilha SUAS, 2010, p. 14).

A menina entendia que era então com um marco político que grandes transformações começam a acontecer neste campo: a constituição de 1988 e a criação da chamada Lei Orgânica da Assistência Social (1993) começam a constituir as primeiras bases para a consolidação da *seguridade social* como direito de cidadania.

Com o esvaziamento dos espaços públicos, das grandes privatizações, redução de órgãos estatais, cortes nos gastos sociais que o país sofreu na década de 1990 (como os contadores das ONGs contaram anteriormente), foi somente em 2004 que os atores desse campo político conseguiram concretizar a Política Nacional da Assistência Social (PNAS) e posteriormente o Sistema Único da Assistência Social (SUAS) que trazia uma força maior para a efetividade de suas diretrizes, já que agora passava a ser uma Política Nacional, não mais à mercê de mudanças de governo as quais poderiam acontecer.

As palavras técnicas vinham em quase todos os seus discursos e afirmavam então que a proteção social somente existe para aqueles que necessitem da Assistência do Estado. A proteção social é entendida como importante ação Estatal, já que estamos imersos em um contexto capitalista cuja desigualdade intensa exige que existam diretrizes para o enfrentamento desta desproteção.

Afirmavam com bastante intensidade:

— A proteção social tem por base: *“o desenvolvimento humano e social, os direitos da cidadania, e os seus serviços, programas, projetos e benefícios devem estar articulados com as demais políticas sociais para efetivamente se constituir um sistema público”*. (Cartilha SUAS, 2010, p. 45)

— Para você entender melhor, a própria Assistência dividiu as ações dessa proteção para ser mais efetiva em: Proteção Básica, que cuida de famílias e pessoas que se encontram em territórios de vulnerabilidade a fim de prevenir situações de violação de direitos; e em Proteção Especial que se dedica em cuidar de situações cujos direitos já estão violados.

E é nas políticas da Proteção Especial que a População em Situação de Rua se insere como grupo cujos direitos estão extremamente violados e pelos quais a Assistência tem o dever de intervir.

A menina via que era extremamente recente a discussão e concretização de debates realizados acerca dessa condição que tem se tornado cada vez mais comum nos municípios. No entanto, ela ainda se incomodava com o modo como o discurso deste grupo era colocado em práticas ainda endurecidas.

Para a menina, tais discursos ficam claros quando ela entendia que esta política foi construída com o objetivo de “inclusão social” desta população. No entanto, há uma dificuldade imensa, desde tantas particularidades envolvidas nessas vidas, até mesmo pelo fato de haver modos singulares de experimentar esta condição que em geral não são considerados.

Eis a idéia de esvaziamento que apesar de tratarem de direitos importantes para a sociedade, quando colocados em prática, parecem produzir certo “assassinato das singularidades”, como a menina pensava no início. A idéia de olhar a vida na rua somente a partir da falta pode produzir modos de se relacionar com tais habitantes cotidianamente com estes mesmos olhares. Assim, o conhecimento sobre suas potencialidades, expressividades e fazeres possíveis ficam também assassinados em nome da urgência em “tornarem-se cidadãos”.

Havia então a necessidade de uma atenção maior a tais discursos e práticas que provinham deles, já que as diretrizes traçadas eram dirigidas para um coletivo já denominado “população”. Isto fazia com que cada experiência singular da vida na rua ficasse esmagada e fosse escutada já por uma idéia do que a menina ouvira por “inadequada”, ou seja, somente pelo efeito que aqueles habitantes produziam nos seus encontros pela cidade e não pela constituição singular de seus corpos.

2.5. Encontros com alguns contadores de histórias da academia...

Em seus passeios pelas ruas e pela Universidade, a menina percebia que muitos discursos de contadores de histórias acadêmicos passavam pelo mesmo lugar que as políticas públicas.

Em relação ao que ouviu sobre o autor⁸ Castel, soube que ele denomina esta condição como *processo de desfiliação* e a contadora Ghirardhi et al. (2005) dizia que este processo em relação aos moradores de rua:

⁸ A denominação “autor” ou “autora” indica que os conceitos trabalhados por estes autores foram apenas citados aqui e não foram articulados ou aprofundados.

“(...) se estabeleceria como consequência da crise contemporânea em torno das relações de trabalho (e o alto índice de desemprego) e definiria um movimento que levaria o sujeito de um pólo de inclusão social (com moradia, com saúde e com trabalho) para uma situação de perdas de direitos sociais e de progressivas rupturas de redes sociais” (GHIRARDI et al., 2005, p. 602)

A menina percebia que tais linhas e discursos, partiam do mesmo lugar quando dizem dos sujeitos “desfiliados”, ou seja, sujeitos sem vínculo algum com as instituições sociais tais como trabalho, família, cultura dentre outros. Aqui era marcada uma política da “falta” da qual ela desejava escapar.

No entanto, era um discurso muito comum também defendido por outros contadores de histórias, como Paugam (2008), que trazia brevemente o tema da exclusão, e especificamente, sobre a questão da ruptura dos vínculos familiares em algum grau e de vínculos empregatícios, pois relacionava a discussão da pobreza com a dependência dos serviços de assistência.

O contador ainda dizia que tal condição:

— *“caracteriza-se por um acúmulo de fracassos que conduz a um alto grau de marginalização”* (PAUGAM, 2008, p. 76) que traz como compensação o álcool e as drogas. E assim, a violência e insegurança são praticamente regra neste meio de vida.

Outros contadores de histórias apareceram na conversa, chamavam-se Mattos e Ferreira (2004). Eles diziam que com o passar do tempo, em geral, tais habitantes sofriam processos de “estigmatização” e acabam sendo vistos como “vagabundos”, “perigosos”, “sujos”, “loucos”, dizendo do modo como as representações sociais repercutem na construção de tais identidades:

Um deles dizia:

— Existe uma grande importância do trabalho tanto materialmente quanto simbolicamente e o modo como toda a sociedade se baseia neste campo, ao mesmo tempo em que ele é organizador e essencial para se viver na sociedade capitalista, ele funciona à base da exploração, dominação e reprodução, produzindo uma intensa desigualdade e sofrimento. E ainda há a “culpabilização” dos sujeitos em situação de rua por não terem um emprego e pouco se discute a produção social desta condição.

A menina ampliava a discussão com algumas questões:

— Inserir no mercado de trabalho pode ser ainda oferecer a estes sujeitos outra imensa captura, dependendo do modo como isso for discutido e feito.

Eles traziam outras dimensões dos estigmas baseados na “falta”: falta de higiene, falta de dignidade, falta de potencialidades expressas, falta de sanidade mental e ainda como produtores da violência:

— Além disso, há uma imensa discussão sobre a dicotomia “normal e patológico”, o discurso mais intenso e estigmatizante que caracteriza estes sujeitos é aquele que os trata como doentes mentais:

“Ora, se morar em uma residência fixa, trabalhar formalmente e constituir família são padrões sociais que caracterizam os indivíduos normais, logo, sem residência fixa, sem família e trabalho formal, as pessoas em situação de rua são alvos de investidas ideológicas que acentuam suas anormalidades.” (MATTOS e FERREIRA, 2004, p. 50)

Teciam algo que beirava algumas críticas:

— Produz-se uma relação de dominação, em que a pessoa é vista como fraca e necessita de ajuda de outrem. Assim também funcionam as organizações filantrópicas que se constroem com base na própria religião e na lógica da caridade.

A menina fazia conexões e anotações rapidamente que deixavam cada vez mais claro que tais discursos e práticas estavam muito mais permeados pela Moralidade do que por uma Ética que ela ouvira dizer. Esta era uma problemática que a interessava e que já apresentava seus sinais nestes encontros.

Compartilhar experiências e encontros com outros personagens da academia não traziam resposta alguma, mas noções e caminhos que outros estavam percorrendo e que a faziam entender como o embate era intenso.

2.6. Olhares disponíveis com outros discursos

Após o encontro, a menina começava a perceber um pouco quais linhas a fazia tecer algo novo e alegre. Sabia, ainda mapeando os afetos de seu corpo com os encontros, que havia um circuito de pensamentos e vida que a deixavam muito mais disponível a fabular e pensar o mundo de outras maneiras.

Encontrou alguns compositores interessantes neste tempo. Um deles era Costa que se interessava por discussões a respeito da relação destes sujeitos com as instituições. Em seu trabalho ele se aproximou da vivência da rua, com um olhar mais aberto e disponível aos encontros, dizendo que queria desvencilhar-se da rua:

— *enquanto experiência de exclusão e isolamento, colocando-a como centro de convergência de processos variados.* (COSTA, 2007, p. 13)

Havia uma ausência da discussão que se faz em torno de como as instituições, agentes e políticas públicas se posicionam frente a essa questão, bem como a grande quantidade de autores que se debruçam sobre o tema com interesse em compreender o “porquê da rua”.

Ao mesmo tempo em que aumenta o número de pessoas nas ruas, aumenta o número de ONGS, projetos, diretrizes, entidades religiosas que entram em conflito para delimitar quem é a população de rua, como é, quem deve tratá-la, como tratar, quem deve falar para eles, por eles e deles:

— *“Toda essa heterogênea rede de atores, instituições e saberes, parecem carregar consigo a premissa de que é inconcebível que alguém esteja habitando as ruas da cidade”* (COSTA, 2007, p. 21).

O compositor dizia que pelo fato da rua ser tratada como um problema a priori, pouco se discute a postura das instituições que se dispõe a cuidar da questão. E aqui, a menina criava novas composições mais inventivas!

Como o próprio compositor continuava seus pensamentos, como visto desde a construção histórica do país, esses habitantes da rua passam a depender dos serviços de assistência, também como um dispositivo de controle social.

O próprio compositor, afirma que as instituições e políticas estão mais preocupadas com a quantidade de habitantes das ruas que conseguiram sair desta condição (seria este movimento quase sempre ligado a estas mesmas instituições?). Este número em geral é baixo, afirmando ainda em cima disto o discurso do

“fracasso institucional” já que e as instituições não concretizam o que se “propõe” a fazer, ou pelo menos “dizem se propor”, que é tirar as pessoas das ruas.

Ele dizia à menina que entende tais funcionamentos como um dispositivo “perverso”, dizendo:

—*“não só a produção acelerada daquilo que se chama ‘população em situação de rua’, como também a dependência desta população em relação à rede de serviços.”*

(COSTA, 2007, p. 224)

E ainda a própria noção de “população” que o ele conta à menina ter aprendido lendo o filósofo Foucault, gera questões políticas importantes, pois é criada para que os coletivos sejam geridos, protegidos e classificados por características comuns. E assim, qualquer um que escape de tais classificações se torna “desviante”, alvo de uma intensa disciplina (COSTA, 2007).

Ele conta relatos dos próprios moradores dizendo que é possível viver oito anos sem pagar aluguel ou comida, apenas pulando de instituição em instituição. Ou seja, cria-se outro modo de estar nas ruas.

A menina dialogava com ele:

— Está muito presente um discurso já conhecido das instituições como Abrigos, Albergues, etc., de que estes lugares: *“não podem ser tão ruins a ponto da pessoa não querer entrar, mas não podem ser tão bons a ponto da pessoa não querer mais sair”*. Além disso, é dito que muitos ficam “acomodados com o mínimo oferecido”, ou como já se ouve “cronificados” nas instituições.

Para este compositor, estas experiências de instituições assistenciais, deixaram de lado o discurso da “reinserção social”, dizendo que ela se tornou algo secundário em detrimento da vigilância das vidas que interrompem e atrapalham o andamento da cidade. Pelo modo como fala, seria necessário criar outros dispositivos sobre como fazer esta reinserção social destes sujeitos, que pouco acontece nas práticas que vivenciou e pesquisou.

Assim, quase no mesmo lugar onde conversava com Costa, outro contador de histórias lhe foi apresentado pelo mesmo, Mendonça (2006), que problematizava a produção do conhecimento acerca da população em situação de rua apenas partir de uma visão sociológica da condição que fica localizada em um plano que dificilmente discute sobre as singularidades dos sujeitos, a produção subjetiva de um indivíduo e/ou grupo.

Suas questões se afinavam com aquelas que a menina queria trazer, pois ele também dizia da produção de demandas como uma discussão importante no campo da Assistência Social, pois em geral, produz-se uma demanda e uma necessidade de transformar esses sujeitos em seres que produzem no mercado como também, escondê-los das vistas da cidade.

Em alguns relatos dos seus entrevistados havia a idéia: “viver pra trabalhar”, como uma crítica aos modos de produção do trabalho, como sendo oposta a “trabalhar para viver”, que é o modo como este próprio habitante se percebe na sua situação atual, e fica satisfeito com isto.

Em suas entrevistas também notou discursos diferentes da experiência de rua, pois segundo um dos entrevistados, dizia:

— *“a vida migrante possibilita a ele uma satisfação, e até mesmo, mais saúde”*
(MENDONÇA, 2006, p. 84)

O que este contador de história ajudou a menina a pensar era na questão de que a falta de bens materiais nem sempre configuram em despotencialização, em esvaziamento. A rua aparece como um espaço vivo, que se configura de maneiras singulares para os sujeitos, podendo ser um espaço de potência, em que o sujeito consegue se mobilizar pelos diferentes territórios, ainda que seja nos movimentos de saída das ruas, ao mesmo tempo em que há sujeitos que se afetam de outras formas, despotencializando-se cada vez mais em suas experiências.

Os serviços e organizações voltados a estas questões podem contribuir tanto para a potência quanto para o esvaziamento, ainda funcionando com resquícios da lógica do fracasso ou recuperação, como se a saída das ruas significasse este último.

A discussão aumentava e se densificava. Chegou à conversa um rapaz estrangeiro, de nome que lembrava um filme que a menina havia assistido na Universidade. Ele chamava-se Kasper, um artista plástico que dizia:

— *“problematizar a rua em termos de falta é certamente a mais distante da presente tese, na qual procurou-se, ao contrário, investigar a situação de rua por ela mesma, como uma forma de vida possível.”* (KASPER, 2006, p.17)

É desse modo que este artista-compositor continua fazendo alguns contrapontos contra os argumentos de que na rua só é possível a resolução de necessidades básicas.

Kasper se interessava pelas construções inventadas pelos moradores de ruas. Não estava interessado em discutir profundamente a questão da pobreza e da miséria, altamente imbricadas na situação de rua, mas sim em invenções possíveis de moradias que são criadas nesta condição, bem como compreender o que é “habitar” um espaço, apostando que é possível pensar em “habitar” sem a noção de “casa”.

É por meio de seus encontros, relatos de suas andanças pelas ruas de São Paulo, que foi possível conhecer um pouco mais as artes e invenções criadas pelos habitantes das ruas em suas construções ou mesmo em suas ocupações do espaço, que não necessariamente passavam por outras formas de “casa”.

Sobre a reinserção, ele trazia aspectos interessantes:

— Tem também um aspecto da reinserção social, extremamente presente em praticamente todos os trabalhos encontrados. E há uma autora interessante, a francesa, Joana Barros⁹ que:

“(...) aponta essa preocupação com a ‘reinserção’ como uma nova fase do trabalho das entidades assistenciais, cujo objetivo é de “conformar os sem-tetos a uma identidade de trabalhador”, resgatando a “autonomia e o respeito de si”. Ora, a reinserção prometida não passa, nas condições atuais, de uma miragem: “apesar de toda essa questão de reinserção, não se insere (...) acaba sendo uma política que visa tirar [os sem-teto] da vista”. (KASPER, 2006, p. 224)

A menina anotava alegremente tais falas, pois sabia que eram provocações importantes para, no mínimo, balançar alguns discursos e práticas que via e ouvia.

⁹ Barros J. **Entre programmes sociaux et invisibilité publique: la politique d’assistance aux sans-logis à São Paulo**, *Espaces et Sociétés*, v. 1-2, No 116-117, 2004, pp. 125-142

Este artista-compositor, assim como ela, também não entendia a rua a partir da falta. Dizendo que estes sujeitos perderam três aspectos fundamentais para a vida: casa, família, trabalho, aspectos tais que constituem a identidade dos sujeitos.

E assim ele questiona:

“O morador de rua “perdeu” os três. Perdeu ou libertou-se? Se a identidade é o suporte indispensável de certa normalidade, não se pode esquecer que há casos em que se tornou vital fugir dela. Haveria, assim, situações em que a rua propicia as condições de uma recomposição subjetiva, fora dos moldes, uma criação de novos modos de existência” (KASPER, 2006, p. 214)

Ela sabia que Kasper não estava fazendo uma apologia a viver nas ruas, mas que colocava em questão muitas práticas e teorias e que buscava no seu campo, o que há de inventivo nessas existências. Deixando o discurso da falta de lado, ele mostrou como é possível criar territórios e habitar um espaço público de modos singulares.

Ele despede-se da menina, finalizando:

“Os moradores de rua não conseguem impor novas leis por muito tempo; tudo que produzem está condenado a desaparecer rapidamente. Insiste, no entanto, nos territórios efêmeros que eles edificam a partir do lixo, a afirmação muda de uma outra cidade possível.” (KASPER, 2006, p. 215)

A menina foi compreendendo que não há como generalizar e dizer que habitar a rua é por si só algo inventivo, assim como não se pode dizer que todos são criminosos, todos não têm mais relação com a família, todos usam drogas, etc. São existências que escapam das normas impostas, mas que não por isso também estão fora de circuitos violentos.

Com tantos novos encontros e muitos fluxos compondo com suas idéias, a menina percebeu e escreveu muitas composições e não composições entre os contadores, compositores e os tais representantes do Estado. Aqueles que

demarcaram mais a experiência das vidas na rua como absolutamente precárias e sem produção de vida — os primeiros contadores de histórias da academia com quem se encontrou — se distanciavam daquilo que a menina buscava com a Ética de Espinosa.

Seus discursos eram importantes de serem sabidos, pois prevaleciam em muitas práticas com tais sujeitos, no entanto, não possibilitavam um novo pensamento em relação a novas propostas e modos de se encontrar com essas vidas, não estavam interessados em ter o conhecimento dos afetos dos corpos, do que eles são capazes, o que em cada existência aumenta a capacidade de afetar e ser afetado, aspectos que interessavam a menina. E era isto que Espinosa a ajudava a pensar.

A menina percebeu que o discurso mais forte ainda é o das Políticas Públicas, que direcionam muitos trabalhos acadêmicos e práticas de organizações e equipamentos do próprio Estado. Mas estes discursos também não davam conta daquilo que mais a interessava. Ela percebeu a própria organização onde se encontrava com habitantes das ruas funcionando para tirar “o povo da rua”, de acordo com diretrizes do Estado e também religiosos, estes últimos um pouco mais silenciosos, mas também presentes.

Ao mesmo tempo, ela via aquilo que escapava de tais lógicas, os afetos em jogo, as amizades feitas, as composições. Com todas as questões problemáticas, havia composições e potências também nesta relação com a organização. Outro tempo era preciso para mapear tais afetos que ela ouvira por alegres e tristes nestes encontros.

Diferente destes discursos que esclareciam algumas lógicas mais moralizantes da organização e também das políticas envolvidas, os contadores de histórias da academia com outros olhares teciam pensamentos que lhes interessavam, Kasper (2006), Costa (2007) e Mendonça (2006) não estavam preocupados em tirar os sujeitos daquelas vidas em que tudo faltava, mas insistiam na vida como ela se dava, nos acontecimentos dos grupos que se formavam, nas redes inventadas para sustentá-los nas mais diversas dimensões.

Ou seja, eles pareciam aproximar-se um tanto do que Espinosa trazia como questão: os encontros dos corpos como constituintes destes mesmos corpos, um olhar para as existências naquilo que elas têm de mais potente. Uma linha tênue que distingue quando alguma prática não se ocupa em afirmar a vida do outro com as durezas das moralidades, mas em estar junto, sendo afetado por ele e construindo um campo comum.

As histórias dos homens que vivem nas ruas contadas por Lilia Lobo, os modos como as cidades foram se organizando para encaminhar estes corpos incômodos para alguma instituição ou mesmo os enquadrando numa espécie de “população” diz também das configurações de cuidados e vigilância atuais.

Ainda hoje há resquícios das lógicas mais moralizantes de cuidado com estes sujeitos. Dessa forma, o percurso escolhido por passar um pouco pelos contextos históricos, as dificuldades do Estado se responsabilizar absolutamente por esta condição, o apoio de organizações e entidades que no momento da sua criação poderiam servir a outros propósitos políticos, tudo isto permite sustentar os modos de efetuação das Políticas Públicas e dos discursos que se afinam a elas. Os

discursos, em sua maioria, não ajudavam a pensar os afetos, a vida e os modos de se relacionar com o outro destituídos da “falta” como premissa.

Cada vez mais, era com a filosofia de Espinosa e os contadores mais próximos de suas idéias que ela conseguia produzir novos pensamentos e caminhos para registrar seus encontros, incômodos, afetos e atualizar com isto, algumas singularidades que estão vivas no mundo das ruas.

Um encontro breve e derradeiro

Após isto tudo, ela sentou-se em algum lugar da cidade. Ali, continuava debruçada sobre suas anotações e pensamentos, quando viu uma coisa. Aquela mesma espécie desconhecida, colorida e dançante que ela havia encontrado na Universidade. Na rua, ele também tinha expressões faciais muito interessantes.

Ela ria com ele. Dançava sozinho e também com quem passasse ao seu lado na calçada. Inventava movimentos, gestos que pareciam dizer sobre a vida, a política, a arte de um jeito tão novo que seu corpo parecia estar vibrando incansavelmente.

Abraçaram-se. E após mexer na gola de sua blusa, ele foi embora.

Ela ficou alguns minutos sentindo todas as vibrações do corpo com aquele encontro. E quis mexer na gola, quando caiu um bilhete:

"O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: procurar e reconhecer o que, no meio do inferno, não é inferno e preservá-lo e abrir espaço." (CALVINO, 1972)

Tantas complexidades estavam atravessando aquele corpo com o trabalho e fotografias que ela fazia que tal bilhete fora extremamente provocativo, quase um susto e um convite.

Era um convite a um passeio para justamente, em meio à “falta” enquanto discurso quase hegemônico, reconhecer outras coisas e abrir espaço.

Resultados e Discussões

TERCEIRO ENCONTRO: Fotografias

3.1: O que se passa por ali? Demorando-se nas oficinas de poesia...

Todos entraram. Uma média de 30 homens, um número parecido com outros dias, principalmente de chuva. Alguns mais cabisbaixos, outros cansados, outros até com sorrisos no rosto. Um deles chamou a atenção, foi um desses de sorriso no rosto. Cantarolava a música que tocava no salão (costuma-se recebê-los com uma música). As músicas escolhidas neste dia foram alguns sambas de Chico Buarque.

“Pés dançarinos

Não ligam para sujeira

“Corpo alegre”

Havia música.

Uma festiva música na entrada dos sujeitos para o café.

Havia música. Entre a tristeza dos olhos de muitos, alegria nos olhos de alguns.

Havia pausas entre os seus passos, suas falas. Havia pausas quando via sorrisos e danças... Quando via medos e tristezas...

O rapaz dançava com seu café em uma mão e o pão na outra, dançava de frente, de lado e de costas. O sorriso vinha no meio de tantos outros corpos cansados... Passeava por entre as mesas e o quadriculado do chão. Uma figura com quem a menina estava se encontrando, e que não trazia o esvaziamento com o qual ela se deparou nos seus primeiros encontros com outras pessoas ditas “de rua”. Ficava a pergunta: que produção é essa que se dá nesta condição?

Começa a oficina com a explicação da assistente social de como funcionava a associação para aqueles que nunca a freqüentaram. Ela falava em tom forte o

suficiente para que todos ouvissem muito bem, gerando no grupo um silêncio quase absoluto.

Após os esclarecimentos sobre as regras, sai a assistente social e entra a poeta.

A poeta começa apresentando a menina e a deixa sozinha com aqueles trinta sujeitos – homens em sua maioria – e vai buscar papel. Ali, a menina percebe que os olhares dirigidos a ela são de muito estranhamento e curiosidade, além de muitos parecerem quase “fixados” com a sua presença.

A sensação era que estes olhares que beiravam a invasão colavam em seu corpo recém-chegado, uma mistura de novidade, nova idade, corpo novo que chega manso e também curioso por aquelas vidas d(n)as ruas.

No mais, encarar ruidosamente aquele habitante da rua que encarava a menina não era nunca uma opção escolhida, mas quando isto acontecia, outras vibrações passeavam pelo seu corpo e sua câmera. Afinal havia naquele momento nova mistura e diferenças nas relações por entrar em jogo uma estudante, classes sociais diversas, circuitos de vida distintos, relações de gêneros. Por vezes, instintos mais animalescos percebidos pelo modo como era olhada pareciam se expressar.

No entanto, havia uma necessidade em demarcar um território que escapasse de tons invasivos e até mesmo sexualizados com a presença daquele novo corpo de uma menina que chega vagarosamente nos circuitos daqueles que vivem a rua. Embora, essa demarcação fosse tão fluida quanto água de rio.

- *E agora?* , *perguntam.*

- *E agora?* , *diz a menina em tom fraco e indeciso.*

A poeta volta.

- *Alguém já ouviu falar em ‘haikai’¹⁰?*

Quase todos. No entanto, ela explica um pouco o que é essa prática, de onde ela se origina e sua relação mais próxima com a natureza, além de ser um exercício para a objetividade “falar tudo sem falar muito”.

Muitos estranham, mas brincam com o nome e outros em japonês que ela conta a eles justamente por perceber a brincadeira. Sugere, depois da explicação e alguns exemplos, que eles experimentem fazer o tal “haikai”, alguns com muita resistência, outros tentam mais facilmente, outros fazem rápido como se quisessem se livrar logo da “tarefa”.

¹⁰ Haikai é uma forma poética de origem japonesa que valoriza a concisão e a objetividade. Os poemas têm três linhas, contendo na primeira e na última cinco sílabas e sete na segunda linha. É escrito em linguagem simples, sem rima. Além disso, o haikai tradicional deve conter sempre uma *kigo*. Estas são palavras ou frases, utilizadas na poesia japonesa, que têm uma associação com uma estação do ano.

Pedem ajuda.

- Moça, é mais ou menos isso que é pra fazer...? Acho que não entendi direito isso...

Chamam a menina para ir à mesa e ela vai prontamente. Aproxima-se deles, ouve, tenta dizer o que entendeu, já que também estava aprendendo junto a eles essa coisa de “haikai”. Encontros vão se dando de outras formas, agora com a palavra e a troca.

- Sabe, eu tocava saxofone, violão... Hoje em dia eu parei, mas pretendo voltar.

- O que você acha de colocar a palavra ‘voam’ ao invés de ‘saem voando’?

- Olha, eu também não sei, vou pensar junto com você, vamos lá...

- Isso aqui não vai mudar em nada na minha vida. Posso até vir aqui, escrever, fazer o que ta sendo pedido. Mas eu lá quero ficar lembrando da Páscoa? Só tenho desgraça que aconteceu na Páscoa, não quero ficar lembrando disso, falando disso... escrevo qualquer coisa aqui porque tem que fazer, mas isso não muda em nada na minha vida não.

Com algumas fotografias, a menina se perguntava:

— Ao invés de dar mais voz à correção e a uma figura detentora de um saber, por que não aproveitar os escapes e o instante para estar junto e escutá-los de outras maneiras?

No início, o canal de aproximação era quase sempre este: chamar à mesa para corrigi-los e o exercício da menina em aprender a desmontar esse lugar era praticamente constante, afinal, ela não estava ali pra ensinar ninguém, mas sim, para encontrar-se com eles e ficar um pouco junto.

Era neste tempo que ao folhear algumas pistas de Baremlitt após estas conversas, a menina percebia alguns processos que poderiam ser interessantes ao pensar no que estas práticas e o desmonte de lugares específicos do saber

poderiam produzir. Alguns conceitos foram trazidos por ele e ajudavam a menina a olhar para os habitantes da rua como possíveis:

(...) protagonistas de seus problemas, necessidades, interesses, desejos e demandas, [podendo] enunciar, compreender, adquirir ou readquirir um pensamento e um vocabulário próprio que lhes permita saber acerca de sua vida, ou seja: não se trata de que alguém venha de fora ou de cima para dizer-lhes quem são, o que podem, o que sabem, o que devem pedir e o que podem ou não conseguir. (BAREMBLITT, 2002, p. 6)

A menina se perguntava:

— Considerando que muitos participam de atividades grupais nas instituições e também nas ruas, como se dá o possível “protagonismo” destes sujeitos, entendendo neste momento o termo protagonista como uma espécie de apropriação da própria vida? Em quais direções acontece?

As pistas apareciam aos poucos e sutilmente. Cada vez mais ela encontrara outros compositores para tecer novos pensamentos coletivos e justamente provocar este desarranjo de um *expert* que sabe muito mais daquilo afeta o outro e quais os efeitos disto do que o próprio sujeito. Ela percebia que muitas práticas de cuidado e assistência ainda estavam pautadas nesta relação de poder e de saber, e aquilo que mais interessava, era escapar desta lógica.

Apoiando-se nestes aparatos teóricos e práticos, era preciso estar atenta quando estava dentro da organização ao modo como eles chegavam, eram recebidos, à obediência e silêncio do salão quando alguém falava. As regras eram claras e estabelecidas.

Ao mesmo tempo, não se abria espaços para alguns corpos tumultuosos, eles então se expressavam em movimentos, gestos, falas que muitas vezes eram silenciadas. Mas a não ser em uma conversa baixinha, não se criavam outros efeitos nem mesmo na organização e na gestão da atividade. Alguns problemas não pareciam caber naquele lugar. De qualquer modo, tais problemas dariam seu próprio jeito de sumir dali.

Aquele que disse que não fazia sentido estar naquele encontro, nunca mais apareceu na atividade. Ele parecia estar buscando algo que não encontrou. Talvez fosse possível dizer que ao invés de uma resistência, o que estes corpos decididos queriam ao não voltarem, ao buscarem uma coisa específica como o trabalho, o que eles queriam era algo que eles sabiam que lhes faria bem. A menina percebia que eles podiam, justamente neste movimento, estar atentos às composições, estar em busca delas e por isso faziam escolhas, e por isso, negavam algumas atividades ou espaços. Encontrariam na rua as suas composições?

Ao mesmo tempo em que parecia importante desmontar a lógica da hierarquia de saberes, ela percebia que o mesmo encontro produzia efeitos diferentes em outros corpos.

Os encontros e conversas com aqueles personagens também foram tecidos em outros arranjos que diferiam das atividades coletivas. Momentos em que ficavam a sós com a menina, fora deste espaço de oficina e diziam sobre como era estar ali, como era participar da atividade, narravam momentos vividos na rua, fragmentos de suas histórias.

Os corpos ali expressos em uma diversidade de experimentações, afetos, histórias de vida, mostravam uma polifonia nos modos de afetar e serem afetados pelas lembranças e pelo que escolhiam dizer.

Em meio a tantas vozes controversas e diversas, a menina ia também se aproximando mais de alguns e puxando uma conversa. Era interessante mapear como cada conversadeiro (era o modo como os apelidava) em sua experiência singular construiu seus trajetos. Ao mesmo tempo, os discursos a afetavam como uma polifonia, intensivamente e modos possíveis de organizar essas vozes era inventando um arranjo de conversação.

3.1.1 Conversações¹¹: a relação com a organização

Alguns estavam ali diariamente. Cada dia com um humor, disposição, cansaço. Em dia de chuva, muitos ficavam cansados por não dormirem a noite que passara, em outros dias chegavam brincando, falando alto. Ao se aproximar de alguns, a menina chamava-os para uma conversa.

Um deles era Miles¹², um senhor que tinha dois registros de idade, em São Paulo tinha sessenta anos, na Bahia sessenta e cinco. Fazia questão de pontuar

¹¹ A idéia de “conversações” explicita as entrevistas realizadas individualmente com 7 habitantes das ruas de Santos e freqüentadores da associação. Optou-se por este termo pois o momento das entrevistas já era produtor de algo, reapropriação, memórias. Não eram apenas coletas de dados, mas sim um encontro onde algumas linhas e aproximações com experiências singulares das ruas e das oficinas puderam ser tecidas, lembradas e ditas. Em Deleuze: *Certas conversações duram tanto tempo, que já não sabemos mais se faz parte da guerra ou já da paz. É verdade que a filosofia é inseparável de uma cólera contra a época, mas também de uma serenidade que ela nos assegura [...]* Como as potências não se contentam em ser exteriores, mas também passam por cada um de nós que, graças a filosofia, encontra-se incessantemente e em guerrilha consigo mesmo. (DELEUZE, 1992)

¹² Todos os nomes dados aos conversadeiros são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

este erro de registro. Muito calmo, estava há oito meses na rua, dormindo no mesmo local onde trabalhava antes dessa situação.

Contava suas lembranças com um detalhe tão imenso que era como se cenas, fotografias, cenários acontecessem ali dentro da sala onde a conversa acontecia. Uma riqueza de memórias que vinham com intensidade e eram sempre familiares, falava principalmente de seus pais, expressando um carinho e amor muito grande pela sua vida com eles, saudade do tempo de criança. Ria da relação que eles tinham de companheirismo. Contava também de seus filhos, cuja história acabou de modos muito violentos para todos eles.

— *“Minha família se desmanchou”.*

Agarrava-se às lembranças dos pais, sorrindo e emocionando-se. Chorava ao falar dos filhos, das perdas. Falava da vida com todos os percursos e alegrias, e com muitos pesares, dizia que tinha muita saúde, auto-estima e que tudo tinha um sentido. “Tem coisas que a gente tem que passar.”

Dizia da rua também com suas belezas, as pessoas que conheceu, as amizades que fez, o jeito que aprendeu a dar outros valores para a vida, para suas coisas, sua história.

— *“Meus valores mudaram.”*

Foi essa experiência que o possibilitou criar outros significados para todas as lembranças que descrevia tão detalhadamente. Esta vida ganhava então novos sentidos, amizades e também afetos.

Sobre as atividades de haicai ele dizia:

— *Esse haikai que a Dona Poeta faz... isso começou a me despertar... eu sem querer to andando na rua, e penso ‘nossa vou guardar isso aqui, quando ela pedir vou escrever isso...’ no cotidiano eu vi um cara atravessando com carrinho, aí um cara breçou em cima dele...o cara pediu desculpa...desceu do carro...ajudou ele a levantar o carrinho...aquilo me parou...pensei “ vou fazer um haikai disso aqui”... é tipo uma foto né...coisa que eu não entendia... “a gente vai absorvendo essas coisas, vai aprendendo né...”*

Menina e ele ficaram amigos.

No meio disso, outro aparecia:

— *Cada coisinha dessa aí... (apontando pros haicais) tem alguma coisa da vida... uma poesia, uma conversa... tudo...um livro que você lê fala com você...*

Este era mais jovem que Miles, a menina chamava-o de Almir.

Um rapaz jovem que logo de início já dizia da saudade da família, da esposa cuja relação tinha dezessete anos de casamento, dos nove filhos, da dependência de suas filhas em relação ao pai, da vergonha do momento em que seus próprios filhos o procuravam nas ruas e estava ali, usando droga com outros habitantes da rua.

Fugiu.

— *“venho aqui para me esconder da rua.”*

Ao mesmo tempo tinha uma amizade muito intensa com outro rapaz, desde que veio de sua cidade. Como um irmão. Um alguém com quem se podia confiar e contar. Outro que queria e desejava criar meios para poder resistir ao vício.

Era difícil, mas não impossível. Oficinas ajudariam nestes aspectos?

Para ele sim. Aprendeu a ler. Ampliou modos de pensar. Alargou um pouco as possibilidades de encontro e de sua própria vida.

Participou apenas destas conversações aqui relatadas, uma única vez. Na semana seguinte voltou para sua cidade, feliz, com sorriso no rosto, parecia saber que aquela escolha era a melhor a ser feita. Era um movimento. No fim, pelo menos por este pequenino tempo de despedida da instituição, estava aumentando seu grau de potência ao expressar sua margem de manobra, agora mais ampliada de quando chegou.

Sobre as oficinas de haikai, ele complementava:

— *As pessoas começam a se apegar sabe... Na rua, eles falam de haikai! Eles falam na rua... “oh, vou tentar fazer um mais da hora... e tal” antes ninguém sabia o que era haikai, agora isso tá maior falatório na rua sobre isso... É interessante como afeta isso.*

Ao ouvir e ver estas falas, gestos e risos quando dizem do haikai, a menina se deparava com porosidades e possíveis que se criavam dentro daquele espaço. O mesmo espaço que trazia algumas durezas e moralidades expressava-se também com linhas que escapavam, que passavam por afetos de alegria, ampliando sua capacidade de afetar e ser afetado por algum encontro com o poema, com a escrita, com as outras pessoas.

Rabiscando em seu caderno, a menina criara algumas pistas em ressonância com pensadores de muitos séculos atrás para começar a compreender tais afetos nos encontros com estes habitantes da rua. Em um passeio pela Universidade, encontrou novamente aquela espécie colorida, dançante, silenciosa e naquele dia lhe mostrara um vídeo. A imagem não era tão atual, quem sabe filmada na década

de 80. No entanto, o que aquele homem do vídeo dizia era bastante afinado e atualizado para os dias de hoje, no que diz respeito aos pensamentos do filósofo-compositor Espinosa.

O encontro intensivo com Espinosa

O homem do vídeo era chamado Cláudio Ulpiano¹³. Ele dizia com tanta intensidade sobre tal filósofo-compositor que a menina quis demorar-se mais em sua aproximação com ele. Foi o primeiro encontro que fez vibrar o interesse por novas conexões com Espinosa.

Ulpiano contava sobre a vida de Espinosa em Amsterdam cujo ofício era polir de lentes e que seu pensamento havia sido um dos mais instigantes da sua época (século XVII). Ele havia sido intensamente criticado e por muitos anos seu livro mais conhecido, “Ética”, chegou a ser proibido em alguns espaços acadêmicos e de composição de pensamento.

Havia algumas provocações muito interessantes neste filósofo-compositor.

Afinal, o que pode um corpo?

Era uma pergunta que ressoava cada vez mais em seus questionamentos e experiências. Parecia cabível pensar que esta pergunta feita no século XVII e ao mesmo tempo tão atual, trazia diferentes forças, políticas e saberes em jogo. Havia uma singularidade neste pensamento em não pensar mente e corpo como substâncias distintas e em relação de hierarquia. Tudo que afeta o corpo, afeta do mesmo modo a mente.

¹³ O vídeo foi gravado em 1988 com o título: “Pensamento e liberdade em Espinosa”.

É nesta relação diferenciada em seu tempo entre mente e corpo, que a menina passava a compreender algumas coisas a respeito das idéias e dos afetos. A própria idéia de corpo era entendida como um conjunto de relações constituintes singulares, sob as quais algumas se mantêm mesmo frente a todas as mudanças que acontecem na existência, enquanto outras estavam em constante movimento.

Assim, a menina procura os escritos deixados diretamente pelo filósofo-compositor. E ali, ela começa a passear pelo que ele diz sobre a definição de afeto e a escrever bilhetes, diagramas com aquilo que encontrava:

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, e ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções. (ESPINOSA, 2009, p. 50)

Tais afecções apareciam como aquilo que provoca imagens e marcas ao corpo. Em um encontro, os corpos são afetados por outros corpos, assim como as idéias (mente) também o são. Os efeitos destes encontros nos corpos são o que a menina começa a entender por afecções.

Neste tempo, ela começa a se perguntar:

— Ora, mas e se tenho conhecimento apenas destas afecções? Ou seja, dos efeitos que outros corpos produzem no meu sem saber a constituição daquele outro corpo e do meu próprio?

Ao se demorar um tanto nas leituras de Espinosa, ela aprende que isto que pensara era a chamada “idéia inadequada”. Quando o encontro se dá apenas nesta dimensão, não se produz um conhecimento verdadeiro (no sentido de Espinosa, conhecer pela causa adequada) da constituição dos corpos e suas singularidades. Encontrar-se apenas conhecendo os efeitos do encontro é produzir idéias

inadequadas, produzir apenas imagens, sem saber as causas reais até mesmo da própria idéia.

Ou seja, era preciso criar espaços para quando possível escapar disto e conhecer as coisas pela causa e os corpos por suas constituições singulares. Mesmo que ao longo de uma existência não fosse possível compreender a constituição de corpos a tal ponto, a menina percebia que seria ainda menos possível este conhecimento quando tais habitantes são taxados por outrem de “população”. Assim a menina se relacionava com algumas noções mais ampliadas até mesmo para pensar sobre as políticas públicas e discursos que se entrecruzavam com as experiências de campo, gerando diversos questionamentos ao compreender muitas práticas e discursos embasados nas idéias inadequadas sobre aqueles habitantes.

— Como desmontar tais idéias inadequadas e aproximar-se mais das idéias adequadas?

A resposta não estava pronta nem clara, mas aos poucos o pensamento de Espinosa ganhava novas dimensões e o pouco conhecimento que era possível já trazia efeitos importantes nas vidas e encontros que se davam. A menina via que as afecções podem ser alegres ou tristes, que são os afetos primordiais para o filósofo. É neste momento que tais palavras começam a ser tornar conceitos e ganham mais intensidade para a menina. Alegria é então, o afeto que aumenta a capacidade de agir do indivíduo, que amplia sua capacidade de afetar e ser afetado, ou seja, sua potência. Enquanto Tristeza é o afeto que diminui tal capacidade (ESPINOSA, 2009).

Entendendo assim os afetos, a menina percebe que tais saberes já estavam presentes de alguma maneira em seus modos de pensar seus encontros desde quando visitava a casa grande e vai aprendendo que a dinâmica da vida afetiva se dá através dos encontros, das composições e das decomposições. Pois nos encontros entre os corpos acontecem as alegrias e as tristezas, neles são engendrados os desejos. E de fato, os encontros alegres falam de uma composição de corpos, pois são encontros nos quais há uma concordância entre os corpos, uma espécie de aliança (que pode ser fugaz) que permite o aumento da potência.

Já nos encontros tristes, há discordância e disrupção entre os corpos, há decomposição do corpo de um, de outro ou dos dois. É aqui que em meio a uma tecelagem delicada e difícil de ser feita, a menina encontra passeando pela Universidade, ruas, centros de arte outro filósofo-compositor chamado Deleuze.

É ele quem a ajuda a entender essa dinâmica dos encontros quando fala que o que é composto ou decomposto não é necessariamente a matéria do corpo, mas suas relações constituintes.

Deleuze vem alertá-la:

— Quando se trata da Ética, há uma capacidade cada vez mais aumentada de selecionar nossos próprios encontros. Saber o que convém e o que não convém com a nossa natureza. Cada um de nós é um grau de potência da natureza, é isto que distingue os seres: o seu poder de serem afetados (DELEUZE, 2002).

O diálogo com Deleuze foi bastante demorado e conversavam sobre muitas questões de Espinosa. Ele dizia que os seres todos estão “fadados” ao Acaso dos

Encontros com corpos e forças exteriores, mas que o homem se constitui justamente por tais forças exteriores.

Ela lembrara-se do vídeo, quando Ulpiano dizia que os homens, entre eles e entre as coisas, são necessariamente constrangidos por forças externas a eles e que parece que não há possibilidade dos homens serem livres (com toda a complexidade que tal termo traz no campo filosófico), de agir sem que haja sobre eles tais forças externas, pois estariam sempre se confrontando com forças que vem de fora. E é por isso que todos os seres que existem são dotados de ação e de paixão¹⁴.

A menina então questionava Deleuze, ao recordar também esta fala de Ulpiano:

— Ora, se somos constituídos por tais forças e temos o conhecimento inadequado dos corpos, pois sabemos quase sempre apenas os efeitos que os corpos têm sobre o nosso e não a constituição exata dos corpos, se não há como dominar as paixões e com isso, ter conhecimentos adequados sobre o que pode nosso corpo, como é possível a ética?

O que havia eram pistas. Assim como as pistas que ela encontrara nos bilhetes da câmera cartográfica. Em meio às outras, ela encontrara uma anotação à mão em seu caderno. Não era dela e lembrou-se do modo de escrever de uma moça chamada por Azevedo que conhecera na Universidade enquanto lia alguns

¹⁴ Os conceitos de paixão e ação nos termos de Espinosa são entendidos de forma que as ações são sempre alegres, pois expressam um grau máximo de potência de agir do indivíduo. No caso das paixões, são as forças que vem de fora que são causa dos afetos. No entanto, saber distinguir paixões alegres e tristes já possibilita ao indivíduo outro grau de conhecimento sobre os encontros, diferente do primeiro gênero do conhecimento em que se conhece o mundo apenas por seus efeitos, inadequadamente. Este outro conhecimento pode dar pistas sobre as constituições dos corpos, as composições e decomposições possíveis, o que já é interessante para uma existência mais próxima da Ética de que fala Espinosa.

livros de Espinosa, muito instigante e acolhedora. Em tal anotação estava escrito algo que ajudaria a menina nos passeios por algumas noções do filósofo-compositor Espinosa:

“Só existimos pelo encontro com outros corpos, se não for assim, nunca descobriremos que somos capazes de sentir e pensar. É sentindo o mundo, ou seja, vivendo a mistura dos encontros no próprio corpo, que aos poucos vamos conhecer os corpos que se compõem com o nosso e nos fortalecem. Então vivemos no mundo das paixões. Mas é exatamente por isso que podemos ter alguns momentos de eternidade, ou seja, porque alcançamos uma "quantidade tal" de afetos alegres, que somos impulsionados a agir, no momento em que não vemos o mundo apenas pela composição de corpos, mas vemos o mundo como um encontro entre potências singulares. Quando sentimos e pensamos isso em algum momento específico é porque agimos. Então sermos causa primeira de nossos afetos é uma conquista que depende da busca de bons encontros e de um máximo de paixões alegres (em que o corpo esteja proporcionalmente formado mais por paixões alegres e menos por paixões tristes).”

Um bom encontro com tal anotação e lembrança da moça que contribuiu bastante com os pensamentos tecidos pela menina sobre as ações, paixões e afetos, esclarecendo um pouco mais que é também por saber distinguir as paixões alegres e tristes, selecionando aquilo que aumenta a potência de cada um, que é possível aproximar-se da Ética e da ação.

Nestes diálogos e leituras, parecia então que a possibilidade da ética está justamente na possibilidade de fortalecer o que Espinosa na terceira parte da Ética,

proposição VI, chama de “*conatus*”, isto é, o esforço do indivíduo perseverar em seu ser, pois para ele nenhum ser busca a autodestruição. (ESPINOSA, 2009)

A menina recordava-se de seus diálogos com Deleuze, que por sinal não gostava muito desta idéia de “*esforço*” e compreendia que o que Espinosa estava dizendo ao afirmar que cada indivíduo persevera em sua existência é que cada um efetua sua potência a cada momento, tanto quanto tem em si. (DELEUZE, 2005)

Para ele, de forma muito simplificada, há um aspecto sob o qual não se pode distinguir os homens, que é pelo ponto de vista das potências, pois cada um efetua sua potência tanto quanto pode, isso não significa que eles têm a mesma potência, mas que se esforçam o quanto podem por efetuar sua potência singular, ou seja, por perseverar em sua existência.

Por outro lado, é possível fazer uma distinção sob o ponto de vista dos afetos, pois o que os diferencia são os afetos de que cada um é capaz, certos tipos de afetos que são “*as formas sob as quais a potência se efetua em tais ou quais condições*”. (DELEUZE, 2005, p. 24).

O que isso tudo tem a ver com os pensamentos da menina sobre a população de rua? Dizer que cada corpo efetua sua potência de modos singulares e em diferentes graus, é dizer que também as vidas que habitam as ruas têm suas potências singulares e a efetuem tanto quanto podem.

Assim era possível pensar que o poder de ser afetado de um filósofo, de uma criança, de um cão é diferente do poder de ser afetado de um habitante da rua, de um poeta ou mesmo de uma formiga. A menina começa a brincar de enxergar os

seres pelas suas capacidades de serem afetados e assim, a produzir outras lógicas de relação com o mundo.

Nisto, a idéia de *conatus* que por conceito impossibilita a idéia de autodestruição, passa a ser cada vez mais importante de ser entendida, pois parte-se da idéia de que essas vidas não estão buscando linhas de destruição, mas pelo contrário, buscam aquilo que lhes fortalecerá, suas paixões alegres, perseverar em suas existências naquilo que podem seus corpos.

Este pensamento é importante, pois começa a trazer como questão muitas dimensões sobre modos hegemônicos de pensar os habitantes da rua como seres que buscam se autodestruírem de alguma maneira, principalmente por estarem em um circuito violento, onde a dependência química também tem uma grande intensidade.

A escolha ou a situação de estar na rua, a desistência e outros aspectos que apareciam nos encontros com estes habitantes e conversadeiros, de modo algum significavam uma tentativa de se destruir. Todos os exemplos, falas e fotografias que a menina fazia no percurso inventado, mostram que eles estavam sempre tentando se compor com outros corpos, mesmo na tristeza eles indicavam o quanto isso incomodava e essa indicação já era indício de que eles lutavam contra ela.

Havia uma sutileza sobre as possibilidades das potências dos indivíduos. Afinal, era necessário notar que os corpos *podem* muitas coisas, inclusive destruir o outro e em algumas situações se deixar destruir.

No entanto, isto ficara um pouco mais compreensível quando Deleuze dizia sobre um indivíduo em alto grau de servidão, ou seja, quando ele deixa-se habitar

quase completamente pelas forças externas, diminuindo cada vez mais sua potência singular ou mesmo quando ele necessita da destruição e da tristeza do outro para efetuar sua potência. A menina entendia que este indivíduo está exercendo-se em um registro triste, com sua capacidade de afetar e ser afetado diminuída.

Ao acompanhar Espinosa nestes caminhos, a menina passava a tirar da oficina o caráter de espaço somente de alegria ou tristeza e a colocava em um lugar em que ambos os afetos parecem estar acontecendo, seja nos mesmos corpos, seja em corpos distintos.

Com isso, era mais possível ver que alguns eram afetados pela atividade da leitura e escrita, outros por outros encontros, e que isso fazia parte de uma multiplicidade de produções e singularidades que nunca seriam homogêneas.

Perguntar-se por que um habitante da rua aprende haikai, também pode cair nesta questão, pois como tecido no encontro anterior, as primeiras práticas que as organizações lançam mão quando se trata desta condição são aquelas que possibilitarão o sujeito a sair das ruas imediatamente, seja a relação com o trabalho ou mesmo tirar os documentos perdidos.

As apostas feitas em outros encontros eram tecidas ainda diante de tantas práticas em outras direções. Criar novas possibilidades de encontros estava sendo também acompanhado e produzido pela própria menina, mesmo dentro da organização. Era nas brechas das instituições que ela brincava.

Ela percebia cada vez mais uma problemática trazida por Deleuze:

— Entre o “poder fazer” (potência ética) e o “ter que fazer” (dever moral), há uma distinção!

E tal distinção era bastante importante ao pensar em assistência e cuidado com o outro. Era aqui que outras práticas e pensamentos podiam se atualizar, ao considerar que uma experiência como esta de leitura e produção de textos, haicais que podem ser consideradas “perfumaria” para muitos, podem ser possibilidades outras de abrir espaço para a reinvenção da própria vida.

Neste tempo, enquanto alguns se afetam com as práticas de poemas, outros se afetam por outros encontros...

Após a conversa com Deleuze sobre Espinosa e as articulações com toda aquela experiência que ela experimentava, estava de volta à organização, com novas questões e aberturas.

Neste tempo alguns conversadeiros voltavam a falar das atividades e também a perceber e expressar o que daquele lugar compunha com seus corpos.

Almir voltava a compartilhar o que percebia e sentia das atividades:

— *O pessoal falando em comprar uns instrumentos... essas coisas mexem né, parecem que não... aí sexta feira é musica, já vem outros caras que gostam mais da música... Eu gosto de tudo que tem aqui...os exercícios...é tudo coisa boa! Você sai daqui aliviado, contente, sabe? Dá pra pensar o que você vai fazer da vida... o que quer da vida...*

Há muitos aspectos que se confluem e confundem nestas discussões, já que entra em questão o território onde estão inseridos e todas as particularidades deste território, como a cidade com temperatura mais quente e úmida, históricos intensos

de práticas caridosas que ainda hoje mantém entregas e doações de alimento, roupas, etc.

A menina lançava a pergunta fabulando uma roda de conversa¹⁵: quais composições possíveis traziam aquelas pessoas para retornar sempre a este lugar? Quais apetites estavam aparecendo ali?

Foi neste tempo que apareceu mais um conversadeiro, Jorge.

Um senhor leitor. Estava sempre com seus óculos de haste quebrada, lendo, lendo, lendo. Fazia empréstimos da pequena biblioteca da instituição para ler livros na rua. Não dormia mais em calçadas, já estava morando em um apartamento emprestado.

Veio fazer um serviço em Santos e ficou. Mulher, entorpecentes, bebida. Não podia mais voltar para sua casa no Rio de Janeiro. Em suas falas, estava em um lugar ainda suspenso, por vezes dizia “nós” e outras dizia “eles”, referindo-se aos moradores de rua.

Gostava muito das atividades e das aulas que vinham para “ensinar aos outros as boas maneiras que eles perderam”, como ele dizia.

— Nem necessito vir aqui pra comer, venho mais pelas aulas... Venho mais por isso, pra poder me ocupar de alguma coisa...E eu me envolvo muito com a leitura...se eu começar a ler, e for muito interessante eu fico parado lendo o dia todo...aí aconteceu isso com meu olho... eu não enxergo direito agora, tenho que botar o óculos... A leitura pra mim é uma coisa muito boa... pois além de ocupar a minha mente, meu tempo, meu dia, evita eu pensar besteira...certas coisas negativas... Você sabe, vou falar “nós”, porque eu também sou... nós, moradores de

¹⁵ A roda de conversa não existiu. É apenas uma estratégia textual de organizar as falas das entrevistas realizadas individualmente.

rua, tem sempre um que quer te levar pro cominho torto e se você se deixar levar, pra voltar é difícil...é complicado...

Cada vez mais outras vozes vinham contribuir, afinar, desafinar, destoar, compor com estes conversadeiros. Outro chegava.

Era Bento. Na primeira conversa contou sua história de vida em cinco minutos, quase sem pausas nem vírgulas. Contava que sempre viveu em organizações. Não conheceu pai nem mãe e foi criado por sua irmã, após um tempo por alguns padres. Era por eles que seu afeto de amor era grande e por quem sentia saudade.

— O que mais me marcou? Quando me separaram da minha irmã...quando a gente era pequeno. A gente ficava no mesmo colégio, esperaram eu ir pra escola pra levar ela embora, no Pacaembu ainda. Chorei pra caramba...era pequeno, só tinha ela né...ela que tomava conta de mim, meus pais não iam visitar a gente. Parecia criança de colo, chorava pra caramba...fui me acostumando, nunca mais tive contato, não deixaram endereço nem nada... aí fiquei sozinho...

Era um homem sério. Não era de brincadeiras, risos à toa. Dificilmente estava expressando felicidade. Era quieto. Muito amigo de Jorge.

— A gente recicla junto.

Tinha a Dona Marta como uma amiga, alguém em quem confiava muito. Chorava ao falar dela. Chorou quando se lembrou dos momentos em que na rua, era tratado como “gente”, sem preconceito, sem distanciamento, uma cena justamente com Dona Marta.

Seu objetivo maior era arrumar emprego, neste dia de conversa, estava pra sair dali.

Após dizer um pouco de si, aquilo que achava importante, voltou à conversa de antes sobre a oferta da alimentação em tais organizações:

— *É, eu também. Comer eu num preciso, comer tem bastante lugar... eu vim mais aqui pra ver se entrava alguma coisa diferente na minha cabeça, uma palavra de apoio que eu não tinha, não me dava bem com a minha mulher, só me criticava...ai me separei dela... vim aqui, sempre tive uma palavra de apoio, uma palavra amiga...*

Almir confirmava:

— *Muitas vezes eu venho aqui pra me esconder da rua... não é por causa do café, não é por causa da comida porque isso tem em tudo quanto é lugar... Eu venho pra me esconder mesmo...*

Nenhum dizia sobre a necessidade daquele espaço para comer, apesar de terem como opinião que para a maioria dali era diferente. Na fala de um deles, “90% dos que estão aí não estão interessados nas atividades, vem mesmo pela comida.”

No entanto, estes conversadeiros diziam voltar ao encontro por outros apetites, de acordo com suas próprias falas, Jorge dizia:

— *Pois é... aqui me traz muita tranquilidade, muita paz de espírito... mais conhecimento, humildade para com o próximo, respeito... Mas pra mim está sendo bom estar aqui, pelo menos pra passar pras pessoas que não sabem que não tem essas (como eu vou falar...) tendências de caráter, que falta respeito, disciplina, uma ética... está sendo muito bom... dá pra tirar muita coisa boa daqui... dão um incentivo também pra você procurar um trabalho.*

Você vir pra cá, você vai aprender aquelas coisas você não aprendeu novo, depois de velho...vai ter uma cultura mais nova...vai aprender outras coisas e isso é muito importante... a cada dia que passa é um novo conhecimento...outro tipo de linguagem...

Como ele, seu amigo recente, Bento, também compartilhava:

— *Comecei a vir, fui fazer a ficha com Dona Marta, ela disse que trazia o classificado...aí num parei mais de vir...venho todos os dias! É sagrado pra mim vir aqui por causa do jornalzinho, e das pessoas também né...eu gosto das pessoas daqui, sempre me trataram bem, com respeito. Mas venho mais por causa do jornalzinho... depois que ela falou dele, e que fazia currículo, eu falei “ah, é aqui mesmo que vou ficar”... aí num parei mais de vir. Sempre olhava o jornalzinho e ficava reparando no pessoal... neguinho tomava café de manhã... aí olhava lá, e falava pra assistente social mandar meu currículo... agora, de tanto insistir, vou conseguir um emprego...*

— *Participar das atividades pra mim é bom...tu esquece a maldade que tem na rua, a droga... tua cabeça funciona de outra maneira...gosto dos haicai, das atividades... eu gosto porque faz minha mente trabalhar de uma outra maneira...só pensar naquilo que está fazendo...pra mim é interessante...eu gosto mesmo!”*

Assim ela percebia que havia ali composições e as escolhas e seleções deles em estar neste espaço. Pareciam perceber que algo ali aumentava sua potência, e então, retornavam em busca destes encontros. A menina começava a mapear que algo das relações que se estabeleciam ali entre as mulheres da organização e aqueles habitantes da rua, tinha uma composição de corpos. Para alguns era mesmo um bom encontro.

Sobre as atividades da organização, um recém chegado também iniciou conversas com a menina. Ela chamava-o de Rodrigo, quase se lembrando de uma história da escritora Clarice.

Ele era um homem, por suas falas, “já adulto”. Seu modo de significar este momento de vida era após os 40 anos. Queria voltar à escola, arrependeu-se intensamente por ter abandonado.

— *“aqui eu me sinto na escola.”*

— *“aqui eu me sinto em casa”.*

Para falar das suas saudades, dizia bastante emocionado:

— (...) *Dos meus irmãos... um que faleceu, vai fazer quatro anos agora... dos meus outros dois que estão pra são Paulo, e outro que está em São Sebastião. Saudade da minha casa também, eu perdi minha casa. Saudade daquele meu emprego que perdi agora também. Saudade do meu pai que faleceu e me dava muita força, minha mãe não posso falar, ela morreu quando eu tava com cinco anos. Mas tenho saudade dela também. Eu sei que ela era negra, negra...mas não sei a cara dela. Eu tenho saudade de voltar pro Rio de Janeiro...tenho vontade de dar uma passeada por lá, uma volta por lá.*

Era um homem cuja experiência da rua era triste. Estava desajeitado, sem lugar, andando pra lá e pra cá. Parecia não saber por onde começar a se movimentar.

Diferente de Almir e Miles, suas margens de manobra não estavam muito ampliadas. Não tinha amigos, não expressava confiança em ninguém. Estava sempre sozinho, acostumando-se com a rua. Era nesse contexto um tanto desterritorializado que dizia:

- Me apeguei um pouquinho aqui...gostei do trabalho da dona Moça, ela explica as coisas mesmo...é isso que ta me atraindo pra cá...o trabalho deles aí... hoje mesmo eu não ia vim, mas aí vim pra cá...gosto do trabalho deles...eu me sinto no colégio, numa escola...É ótimo! Nossa. O trabalho deles é muito bom... É isso que ta me atraindo pra cá...

Cada vez mais a menina sentia as atividades como possibilidades. Não como possibilidades diretas para tirar as pessoas das ruas, apesar de que uma aposta principalmente do governo e das próprias instituições possam funcionar neste sentido. Mas a menina fazia também outras apostas.

Aparecia nas conversações, a amizade com as pessoas envolvidas no trabalho, o modo como relações de confiança se criavam ali dentro. Em quase todo o discurso dos conversadeiros, expressava-se a figura daqueles que estavam encontrando composições que se diferiam daquelas experimentadas na rua.

A menina sabia que tais composições dependiam da constituição daqueles corpos, suas disposições para o encontro. Sabia que aquilo que fazia um corpo derreter, fazia o outro se endurecer. E assim, recordava-se do encontro com Deleuze quando este dizia sobre Espinosa escrevendo passagens de suas falas:

“(...) ‘o sol faz fundir a cera e endurecer a argila. Não se trata de outra coisa. São as idéias de ‘affectio’. Eu vejo a cera que se liquefaz e depois, justo ao lado, eu vejo a argila que endurece; é uma afecção da cera e uma afecção da argila. E eu tenho uma idéia dessas afecções, eu percebo os efeitos. Enquanto eu permaneço na percepção da afecção eu não sei nada.” (DELEUZE, 2005, p. 11)

Ao mesmo tempo em que um objeto/encontro pode aprisionar e entristecer um corpo, outro pode alegrar-se e justamente com este tipo de atividade, ampliar suas possibilidades de vida.

Neste momento, a idéia do que era uma afecção voltava a aparecer. Eram estas afecções que indicavam os efeitos experimentados por aqueles corpos. A menina compreendia que enquanto houvesse apenas afecções, somente se saberia os efeitos de um corpo sobre o outro, o que geraria uma idéia inadequada daquele encontro e corpo, sem conhecer a constituição do outro e do seu próprio. Por exemplo, quando um diz que gosta de haikai, pois esta atividade faz sua mente trabalhar de outra maneira, estava clara a afecção do seu corpo, o efeito que o haikai produzia nele, sem que ele soubesse a causa, o quê na atividade produzia composição com o seu corpo. Era também um indício de que ele estava aprendendo que ali havia composição.

Das composições que se davam com as atividades de haikai, o mais interessante era que não havia um tipo de homem e mulher mais “propício” para tal.

Era uma diversidade de trejeitos, histórias, percursos anteriores, saberes que circulavam por ali diariamente. Era uma polifonia grande de corpos que estavam sendo afetados e pelo que dizem, ampliando suas capacidades de serem afetados.

Miles afirmava com toda a calma que trazia na voz:

- Aqui...é como se eu tivesse... o jeito que elas tratam você...a cozinheira...tem aquele jeito dela assim, mas é boa de coração...ela trata a gente, sente...tem uns que chega e é mal educado...mas elas tratam a gente bem...a V. é outra que faz o que pode...ela fala que não tem, mas depois ela vai lá e arruma roupa. Dona Poeta uma pessoa ótima...Dona Marta é a mesma pessoa aqui dentro e do lado de fora...

Almir concordava com ele:

- Ajudou muito eu vir pra cá...Olha... muito conselho bão...que a gente não ouve na minha cidade. As reuniões que a gente tem aqui, muito bão... antes eu não gostava de ler de jeito nenhum, hoje não consigo ficar sem ler... não consigo. Eu to lendo um livro que peguei ali não consigo parar, amanhã termino... É bom. Distrai a mente, você não fica pensando em coisa errada... aprendi a ler aqui. Pra sair da rua e aprender o que aprendi... até no filme você aprende...é tudo realidade nossa... tem pessoa que não tem a mente aberta... aquela ali, ta falando pra você fazer um haicai, escrever não sei o que...você pensa que é pra nada, mas tudo aquilo ali tem um porque, um objetivo já certo...

Alguns, quem sabe muitos, não dizem de motivos tão intensos sobre as relações criadas ali e são afetados por outras maneiras.

Assim, vinha para o encontro de conversa com a menina outro rapaz.

Nem jovem nem idoso. Já havia sido contatado por outro que queria ajudar sempre qualquer movimento e esboço de necessidade que a menina tivesse. Nas primeiras vezes em que as conversações seriam fora da instituição, ele foi o primeiro a aceitar.

“a gente te mostra nossa maloca lá.”

Era um homem que andava sempre de banho tomado, barba feita. Não emagrecia muito como acontecia com outros que freqüentavam o local. Estava sempre rindo ou dormindo. Participava da atividade, sem muita solicitude.

Dizia que em geral ficava em uma região próximo a uma praça. Onde faziam churrascos, encontros e mostravam um jeito de estar na rua que passava por circuitos outros de grupalidade e segurança.

Suas falas diferiam daqueles que habitavam a rua por circuitos longe do mercado de drogas, festas, boates. As falas dele eram de quem sabia encontrar diversão nesta condição. E não só a diversão, mas aquilo que vinha junto com ela em alguns (e não todos) dos aspectos deste território da rua: roubos, assaltos, violência, drogas.

Era carroceiro, sentia saudade da família, mas estava com relações de composição (e decomposição) muito intensas nesta cidade para sair daqui.

Era ele quem dizia:

— Ah, eu gosto daqui... de manhã, não tem nada pra fazer de manhã... dormir, eu não posso... a marquise é loja, a loja abre às 9h...eu levanto às 8h...já venho pra cá...umas 11h e pouco que é a hora que começa a engrenar aí já to na rua...

Era como se freqüentar a organização fosse, no momento, a melhor opção para ele. Sabendo que seu corpo suportaria estar ali dentro participando da atividade proposta por cerca de duas horas, era suportável estar em um ambiente que de uma maneira ou de outra o acolhia, sem necessariamente despejar intensos afetos de amor pelas pessoas dali ou mesmo pelas atividades, como expressavam os outros.

Sobre as regras estabelecidas ali, algumas falas eram mais claras e diretas, não deixando de trazer consigo outros questionamentos. Seria possível naquele espaço viver sob a disciplina e a moral? As regras não necessariamente poderiam ser criadas com base em tais campos, poderiam ser feitos acordos com eles para pensassem juntos de que forma a atividade poderia acontecer. No entanto, elas já vinham em formato de “leis” até onde a menina podia ver, o que a incomodava. Mas os discursos deles mesmos traziam outros sentidos para esta relação que discordavam dos pensamentos iniciais da menina:

O primeiro a expressar-se era Bento:

— *Aqui não tem isso né. Se vier gente tumultuando a Dona Marta bota pra fora...o pessoal bota pra fora...Aqui tem regra né... o tratamento é diferente, não tem bagunça... lá (outra organização) você ficava na fila, aí quando abriam a porta vinha todo mundo furando a fila... não respeita você que ficou na fila desde cedo... parece que tu é bobo...*

Almir também concordava:

— *Aqui é bom porque é organizado, nos outros lugares eles são tudo desorganizado, falam palavrão...aqui é mais rigoroso, mais certinho as normas né...*

Eram muitas formas de se aproximar daquela organização. Uma organização regrada que se fazia necessária para quem queria criar outros territórios. Assim, apareciam também indícios de outro afeto que também percorria aqueles corpos, a tristeza, pois eles sentiam que precisavam obedecer para conseguir algumas coisas.

A menina lembrava-se de Espinosa e de Deleuze, quando em suas conversas, aprendia que a lógica de mandamento-obediência era em si pautada em uma lógica moral, pois ao obedecer a uma lei sobre a qual não se sabe nada em

relação às suas causas e processos de criação, não se produz conhecimento, ou seja, não se amplia as possibilidades de apropriação da vida daqueles corpos.

Ao escutar dos próprios freqüentadores que experimentar as regras era algo potente, a menina ainda se perguntava: é possível que tais regras entendidas ainda em registros disciplinadores, sejam potentes para alguns corpos?

Como compor o coletivo com as singularidades ali presentes? Em um ambiente com as regras já dadas, parecia ser mais difícil reconstruí-las a cada encontro com o grupo que chegava, e assim, algum nível de coordenação e planejamento do espaço/atividade fazia-se necessário de algum modo. A questão era que alguns modos seriam mais potentes para alguns e não para outros. A dificuldade estaria também na oferta de modos de organização que fossem menos violentos, quem sabe. No entanto, ainda prevalece a ordem dada hierarquicamente.

Nestes moldes, para quem estas formas de organização estavam funcionando?

Aos poucos a menina ia percebendo que talvez, devesse funcionar para aqueles com intenções de sair da rua por intermédio de uma organização, no entanto, ela também funcionava para aqueles que apenas suportavam permanecer ali ou mesmo aqueles que criavam relações e afetos de amizade, mas que não necessariamente desejavam sair das ruas.

O interessante é que ela aprendia que as produções ali eram também de captura. Assim como a rua e a experiência dela também tem arranjos que se configuram ora como captura, ora como possibilidades de ser um espaço para que perseverem em sua existência de alguma maneira.

A palavra “captura” já estava incorporada em seu vocabulário há algum tempo, sem necessariamente conhecer seus sentidos filosóficos. Antes de compreender este termo utilizado por Deleuze e seu amigo Guattari, ela recorreu ao seu antigo compositor de tecelagens de idéias, Baremblytt que explicava que ‘captura’ era aquilo que estava:

Instituído, organizado, estabelecido. Em especial o Estado, (...) as classes e grupos dominantes, procuram detectar, classificar e apropriar-se de toda e qualquer singularidade e força produtiva. Quando o conseguem, as incorporam à lógica acumulativa do Sistema, fundamentalmente transformando as linhas de fuga revolucionário-desejantes e seus produtos em mercadorias. (BAREMBLYTT, 2002, p. 89)

Era então se utilizando de aparatos de captura que o próprio Estado e demais organizações atualizavam o instituído, que com sua tendência a permanecer estático e imutável, torna-se resistente e conservador. A menina compreendia que tais aparatos desde discursos, teorias, manuais, até organizações, equipamentos, regimentos, modos de gestão de coletivos, tipos de atividades escolhidas, dentre outros funcionavam para tentar resolver a questão dos homens e mulheres de rua.

De certo modo, para alguns corpos era justamente esta forma de organização que parecia trazer algum sentido e potências. A menina passeava por todas estas falas e não sabia ainda distinguir se ali havia a alegria que Espinosa contava a ela, ou alguma outra coisa, que não necessariamente era potente. Era como se quem defendesse os discursos da rua apenas a partir da falta e a sua resolução com a inclusão no mercado e mundo capitalista, estivesse lutando pela sua servidão e não pela sua “salvação”. Essa era uma frase de Espinosa que muito ressoava com seus pensamentos, como se a Ética, a liberdade de que fala o filósofo-compositor, estivesse então sabotada, como se o discurso da emergência e urgência em “tornar-

se cidadão” que era colocado em prática expressasse este modo de vida que parece lutar por uma liberdade, mas que por fim, pode distanciar ainda mais os sujeitos de suas próprias vidas e potências.

A confusão e polifonia destas questões traziam uma complexidade imensa! Não havia resolução e ao menos balançar pensamentos e práticas que parecem muito claras pelas políticas públicas e por aqueles que trabalham com estas afirmações da cidadania era uma brincadeira que muito interessava.

Era esta mesma situação das regras que provocava afetos diferentes em cada um que passava por ali. Alguns defendiam o lugar de obediência, outros se irritavam, outros não consideraram esta condição como determinante da sua passagem por aquela organização. Assim, estava claro que não eram nem os habitantes das ruas, nem a organização os responsáveis pelos afetos, mas os encontros ali vividos.

De algum modo, os afetos que aqueles conversadeiros traziam para o mapa da menina, pareciam ser próximos de afetos de alegria, encontros que aumentavam a capacidade daqueles corpos de afetar e serem afetados. Tudo isso era um desmonte na lógica que a menina trazia consigo antes de se dispor a estes encontros, pois ela pensara dantes que as regras instituídas jamais poderiam ser potentes, que a alegria e potência estariam mais ligadas a certos modos de organizações do que de outros.

Pela experiência de cada um daqueles corpos conversadeiros, alguns encontros pareciam potentes justamente porque estavam cumprindo alguma ordem. Seria possível que alguns arranjos favorecessem mais encontros alegres do que

tristes? Ou pela filosofia de Espinosa isto seria impossível já que somente cada corpo pode conhecer “o que” nos encontros aumenta e diminui sua própria potência, sendo que não se pode oferecer atividades plenas e a garantir o aumento de potência para todos os corpos presentes?

Os questionamentos às regras apareciam para balançar uma ordem já dada e possibilitar outros arranjos grupais, sem com isto, garantir qualquer coisa ou efeito alegre/triste. O tema era um incômodo que permanecia, quem sabe seria encaminhado para tornar-se outro, em um outro tempo.

3.2: instantes entre tarefas

Início de dia. Um confronto com a figura da ordem na instituição, ela é quem deixa claro todas as regras visceralmente, desde sua postura, tom de voz e conteúdos ditos. Uma discórdia acontece. O rapaz se retira com seu problema espaçoso demais para aquele lugar.

Muitas linhas vão sendo tecidas. Alguns arrumam as mesas, expressam modos de estarem disponíveis no encontro. Penduram coisas no salão.

- *“deixa que eu penduro. É só fazer um nó aqui.”*

Pedem entre si que façam silêncio e que possam escutar quem está tentando dizer algo...

“haicai?”

A proposta de inscrição em um prêmio era difícil, principalmente quando as normas precisam ser seguidas com temas específicos.

“Orvalho e andorinha”.

Muitos não conseguiam fazer... Outros desistiam. A insistência de pensamento e tentativas de vocabulário se tornava um empecilho. Encontrar outra palavra, remexer, apagar, corrigir, refazer, refletir, etc. Era preciso compreender com certo esforço o que está em torno do haicai para saber que não é correção, mas “troca” mútua e criação coletiva.

Muitos criam estratégias, alguns se recusam a fazer, outros pegam a atividade e criam sobre outro tema:

- *“nunca vi uma andorinha, como vou escrever isso?”*

-“moça, não sei fazer isso não...nem sou letrado!”

-“se é pra falar do aqui e do agora, vou falar da marreta. Do trabalho. A andorinha do trabalho é a marreta.”

O outro ao lado ri.

Uma moça pergunta de cinco em cinco minutos

- “que horas são? Que horas vão servir o almoço?”

Alguns encostam e dormem.

Outros conversam. Papeiam. Lêem jornal.

- “não pode ficar sem fazer nada... se não querem fazer isto, pelo menos leiam algum livro para depois compartilhar com o grupo”

Desordem.

Retornos constantes à mesa da senhora que ainda estava um pouco entusiasmada, um tanto assustada... Contou rapidamente da sua vida, dos momentos que havia lembrado para poder escrever, dos sofrimentos. Contava fragmentos de vida. O título de seu escrito era “momentos especiais”.

Tecelagens com a menina também acontecem:

- “cadê os óculos? Está de lente hoje?” pergunta um senhor que é aposentado mas que frequenta aquele espaço.

- “sua voz parece a voz da Marisa Monte...estava ouvindo você falar assim...”

Alguns saem. Pedem isqueiro. Passam o isqueiro.

Outros voltam, repassam o objeto para outro, este se retira. O banheiro parece também um lugar outro de encontro, silenciosamente.

“até você?”

Um discurso é feito como uma manchete.

Saía das ruas um senhor que viveu 19 anos nas ruas de Santos, estava trabalhando em uma escola. Dizia à assistente social que a sua família eram aquelas pessoas que ali trabalhavam. Um discurso sobre como é possível e necessária a conquista de sair das ruas e inserir-se no mercado de trabalho.

O silêncio pairava com aquelas palavras.

Alguns abanavam a cabeça concordando, outros, nem sequer olhavam pro que estava sendo dito.

Aos poucos uma fotografia do entorno: alguns dormindo, desenhando, lendo jornal... outros, conversando e esquivando-se de escrever seus nomes ou aparecer em alguma das fotos que a poeta tirava constantemente.

No meio do salão, falando bem baixo, um senhor pede pra sair.

- *“meu senhor, você ouviu no início quando explicamos claramente que quem entrasse não poderia sair... não há como liberar o senhor...”*

A senhora veio de novo puxar conversa, agora com um alerta:

- *“moça...vai ali ver o que esta acontecendo, pois o rapaz que esta sentado comigo aqui na mesa, está brigando lá fora...vai lá ver!”*

Enquanto isso, alguns aceitavam estranhamente qualquer proposta:

- *“já terminou de escrever sua história? Se quiser, pode pegar um livro ali na mesa... quer?”*

- *“claro...vamos ler o livro”...*

Pegou o mais colorido sobre a Boitatá...lia em desordem da linguagem tudo que estava escrito enquanto seu companheiro de mesa indagava insistentemente:

- *“isso no seu bolso é um celular?”*

- *“Estou vendo algo quadrado...poderia ser cigarro mas você não fuma...”*

- *“me dá o seu numero?”*

- *“seus olhos agora estão verdes! Mais cedo estavam cor de mel...”*

- *“eu não quero escrever minha história... não sei escrever... posso contá-la a você, e você escreve?”*

Este jovem tinha costume de desafiar às ordens estabelecidas, perambular pelo salão durante as atividades, raramente cumprir a tarefa pedida. Tinha algo de menino e uma vontade em se conectar com outras coisas que não somente as drogas, como ele mesmo dizia querer escapar...

A menina pediu então que ele lesse a história do Boitatá para ela.

Fez gaguejar a linguagem.

Ele leu, precisando para isto, desmoronar toda aquela postura de segurança e identidade que já colavam nele diariamente... Como se ficasse sem defesa, gaguejando um pouco... Um menino... Em meio aos mais velhos antigos dali... Mas leu a história e ainda terminou dizendo

- *“ah, essa não é a história do Boitatá que eu conheço...”*

Focos de criação começavam aparecer... fragmentos... Um senhor lia mais alto um poema que havia feito a partir de outro de Mario Quintana... ao compartilhar com o grupo, contava a história que tinha lido como se conhecesse o autor do sul...

Outro, se encontrou com um poema ritmado e rimado... quase como um cordel... recitou-o na frente de todos, como quem estivesse falando num rodeio...

Terminando com um sorriso e falando bem alto “seguuuura peão”... todos acharam graça e bateram palma...

Os escapes acabam por produzir algo.

A senhora volta. Com um sorriso imenso.

- “eu não sabia que você era psicóloga! Sabe...eu percebi que queria muito que você lesse minha história... senti uma coisa tão boa com você... acho que deve ser isso! Você tem um dom com as pessoas, deve fazer isso...ai, que alegria que eu estou!”

Abraço apertado. Um pouco sem jeito depois, como que num impulso algo lhe trouxesse uma alegria que não vinha de graça, nem sempre...

Em quase toda oficina: os escapes. A menina via e até participava destes instantes possíveis de conversa, já que neles havia passagem para uma troca outra que não somente fazer a atividade e permanecer em silêncio.

Eram estes escapes que traziam as vidas mais para perto do encontro, que possibilitavam sentir o fluxo e movimento daqueles sujeitos que vinham dos mais diversos lugares, que partilhavam de vidas diversas na rua. Trazer a rua para dentro da organização traria, possivelmente, efeitos de desordem.

A menina se perguntava se tinha algo de interessante em oferecer outras possibilidades de fazeres ao invés de uma única proposta em todo encontro já pensada e arquitetada previamente.

- Quais efeitos poderiam ser produzidos quando oferecemos pensar coletivamente algumas atividades, considerando os saberes daqueles que estão ali vindos tão diretamente do cotidiano da rua? Quais saberes eles tem?

Notar que a composição dentro da organização não era apenas com a oficina em si, mas também com aquilo que lhe escapava. Tal composição gerou caminhos

diferentes e tornou tudo mais complexo e instigante. Estar à mercê da ordem não era simplesmente obedecê-la, assim como participar de um espaço era uma condição longe de somente fazer o que estava sendo pedido.

Os corpos **podiam** outras coisas, irritar, silenciar, dormir, sair da sala, criar fluxos passando objetos “proibidos”, conversar sobre outras coisas. Tudo estava naquilo que os corpos podiam, no entanto, traziam com isso outra espécie de captura e ao mesmo tempo suas potências.

Com isso, a menina pensava sobre aquilo que é oferecido para o outro. A lógica de oferta e demanda que, em conversas com Baremlitt, ela entendia que a oferta também produz a demanda. E deste modo, tudo aquilo que é oferecido para estes habitantes da rua passam necessariamente por jogos políticos e produções de desejos.

Quando aparecia o termo “desejo” a menina percebia que não se referia ao desejo psicanalítico que a grosso modo considera o desejo como “falta”. Era de outro modo de compreender o desejo mais próximo do que Deleuze dizia:

“não há desejo que não corra para um agenciamento. O desejo sempre foi, para mim, se procuro o termo abstrato que corresponde a desejo, diria: é construtivismo. Desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto, conjunto de uma saia, de um raio de sol.” (DELEUZE, Abecedário, 1988)

Desejar algo era então sempre em um coletivo. Não era desejar um objeto simplesmente, mas todo agenciamento possível que aquele objeto, aquela vida, aquele discurso possibilitaria. A menina começa a entender então que a oferta da oficina também produzia desejos e determinados arranjos para os corpos que estão ali que podem muitas vezes servir de estratégia para novas capturas.

O desejo de estar ali e produzir escapes não era simplesmente por que a oficina era considerada “boa” ou “ruim” para eles, nem mesmo estava em jogo somente a atividade em si, mas todo o agenciamento possível daquela atividade, o fato de estar junto a outras pessoas, compartilhando coisas da vida, recebendo apoio que diziam não receber em outros lugares, mesmo na família, produzindo espaços comuns ainda invisíveis aos olhos da ordem da organização, justamente porque não caberiam em tais ordens.

Estar no encontro e produzir seus escapes, não era necessariamente fugir da vida, ou mesmo de algum enfrentamento, poderia também e justamente ser entendido como criar espaços para que as singularidades aparecessem.

Como Espinosa disse, não desejamos algo por que é “bom”, mas é “bom” justamente porque o desejamos (ESPINOSA, 2009). Ou seja, não caberia a menina tentar encaixar e fazer juízos de valor sobre as oficinas, as ofertas, ouvir deles se eram boas ou ruins, mas de mapear que aqueles conversadeiros estavam ali pois produziam composições e desejos das mais diversas ordens.

Nesta relação com a instituição, havia uma mistura incessante de desejos que chegavam bastante vivos ali, daqueles que buscam comida, um tempo debaixo de um teto, uma conversa diferente, a tirada de um documento, a busca por emprego, a ajuda no currículo, a amizade que se cria com as pessoas da organização.

— Inventar as possibilidades de cada um produzir seus próprios desejos e não ficar somente à mercê daquilo que o mundo produz e deseja para cada indivíduo e grupo.

A menina pensava cada vez mais em todas as falas, gestos, movimentos de alguns dos habitantes das ruas como expressões de suas singularidades. Elas estavam por bastante tempo abafadas, mas também mostravam-se vivas e vibrantes, cada um com o encontro que lhe parecia mais propício e conveniente. Era notório como cada indivíduo se apropriava em graus diferentes daquilo que lhes afetavam mais como campo subjetivo e chegando um pouco mais próximo, era possível perceber traços pequeninos os quais mostravam o que aumenta e diminui a potência de cada um daqueles corpos.

Eram questões difíceis que estavam diariamente permeando aquelas vidas todas. Interessava menos criar estratégias para encaminhá-los a modos corretos de vida, e mais inventar estratégias para que cada um se apropriasse de sua própria vida, podendo constituir-se singularmente e não apenas receber discursos hegemônicos como as únicas possibilidades de manejo e movimento.

Em alguns dias, a menina quis xeretar e mapear em outros cantos vividos por aqueles habitantes. Experimentou o passeio pelas calçadas acompanhado de uma escuta de experiências reais de vida, histórias, lembranças, memórias...

3.3. Aos poucos fui percebendo as coisas vivas e tortas¹⁶...

O sol estava a pino.

A saída de um lugar protegido para experimentar as escutas a céu aberto acontecia calmamente, com caminhadas por ruas movimentadas, casarões antigos abandonados, cumprimentos de toda espécie daqueles que conduziam o passeio.

¹⁶ Referência ao poema “A primeira vez que entendi” de Affonso Romano de Sant’Anna.

Moças estendendo roupa em uma praça, pessoas agrupadas em um canto. Alimento sendo feito. Mulheres que se distanciam cada vez mais. Outras que chegam perto, ficam por um tempo, conversam, lançam um cigarro, vão-se embora. Todos se conhecem. Alguns conhecidos da menina pelas oficinas.

- *“Sabe...estar na rua não é fácil não.”*

- *“eu só estou na rua porque tenho uns afazeres aí, terminado isso, já volto pra minha casa”*

- *“Não dá pra dormir... fumo pra ficar acordado. Outro dia aí tinham dois dormindo e levaram paulada na cabeça.”*

Debaixo de uma árvore, a única sombra daquelas redondezas, instalaram-se alguns juntamente da menina, onde conversações sobre a vida e seus encontros foram sendo tecidos.

“Por algum motivo, algo acontece...” a sensação que descrevem é uma fração de segundos, como se de repente caíssem lá, na rua. As pessoas se vêem forçadas então a aprenderem as regras, a respeitarem as regras da rua. Aprendem a se endurecer, a serem frios, a brigar por comida. “A lei do mais forte ainda prevalece”.

- *“Não gosto de ir a alguns lugares (organizações, associações, ONGs) porque é muita bagunça. Mas se você não aprende a lutar pela sua sobrevivência, fica pra trás.”*

(O violeiro que dizia entusiasmado sobre suas experiências, tinha animado o encontro de poesias no mesmo dia pela manhã e era professor de inglês. Após a conversa, precisou se retirar para ir dar aula.)

Códigos internos. Sinalizações. Interesses. Tudo ficava forte e vivo em suas falas!

Alguns praticavam o roubo, também com suas regras claras para quem está imerso neste mundo “paralelo”, como um dizia.

Outro em discórdia afirmava que não havia “mundo paralelo”, era tudo o mesmo mundo, todo mundo estava sendo afetado com os acontecimentos, as mudanças das regras da rua. Um debate sobre o crime e a segurança. Afinal, “quem é que manda no Brasil?”

Os corpos ficavam eriçados e agitados.

O caderno que a menina levava, estava em branco. Os registros estavam sendo feitos corporal e afetivamente, de modo bastante intenso.

O cheiro de alimento voltava. Um churrasco no meio da praça.

O violeiro e professor de inglês voltava completamente arrumado, de cabelo lavado e penteado. Bolsa atravessando o tronco. Sapato.

- *“o pessoal da escola não sabia da minha situação. Quando contei, parece que vão me arrumar mais aulas e aí consigo sair de vez desse circuito.”*

Mulheres se distanciavam pra outra calçada, rapazes iam e vinham sem camisa, alguns tomavam sol.

Uma briga acontece.

Um senhor de mais idade, um rapaz mais novo e esquentado. Outros intervêm *“vai brigar com o velho? Tá maluco?”*

Movimentação na rua de trás bem em frente a um equipamento da Assistência Social. Um dos que conversavam se aproximou da briga. Alguns gritos.

- *“velho folgado!”*.

Ao mesmo tempo, movimentação de drogas.

Ali também acontecia o mercado delas.

- *“este é um dos lugares mais perigosos. À noite não dá pra entrar aqui não... nem de dia, só conhecendo alguém, eu mesmo não durmo aqui não”*.

- *“tem muito roubo por conta do cais. Os gringos chegam aí e já são surpreendidos pelo esquema.”*

A proteção ali estava estabelecida e “invertida”, já que em geral a relação de quem cuida e quem é cuidado já está instituída dentro das organizações. Ali, a céu aberto, um tipo de cuidado se tecia por outros discursos.

Regras novamente apareciam:

- *“se vier um cara trabalhador e mexer com alguém que está com você, você não vai bater nele, pois ele não sabe quais são as regras, mas vai alertá-lo que da próxima vez, você quebra ele todo”*.

- *“pode deixar que estando comigo você está protegida.”*

Medo por sentir que aquele sabe mais do que o outro o caminho que este deve percorrer.

Lembranças ao olhar outra árvore do outro lado do canal.

- *“ali debaixo já morreu muita gente. Muita vingança, muita mulher que já engravidou ali.”*

Diálogos e questões:

- *“Hoje a rua está com a bandeira vermelha. Significa que pode matar.”*

Um silêncio permanece. Um cuidado com o que se diz e também com o que se ouve. Era suportável escutar tudo aquilo?

- *“Pronto. Agora você vai poder dizer como é a rua, o pessoal estendendo as coisas ali, onde faz a comida. Tem muita história.”*

Em frente a um equipamento da Assistência Social, discussões sobre política, segurança, polícia. Outra sobre cuidado e assistência.

- *“tá vendo aquela placa ali? O serviço existe, a população também, tá faltando a atenção... Não adianta fazer isso que eles fazem. É legal, vai lá almoça, faz as atividades, mas isso não é suficiente. O pessoal da rua precisa de outra atenção...”*

Após duas horas de conversa:

- *“acho que precisamos voltar.”*

- *“vamos caminhando ali, pra você ver o pessoal na calçada...”*

O outro reluta:

- *“melhor não. Tem coisa que não convém. Vamos direto.”*

Na calçada do outro lado da rua, homens e mulheres deitados no chão. Panos faziam uma espécie de cabana. Conversas em alto tom, vai-e-vem constante de gente. Apenas quem era conhecido poderia passar por aquele espaço.

Olhares estranham a companhia. Uma estrangeira que observa e anda com um caderninho e caneta. Ao mesmo tempo, indiferença. Continuam seus afazeres e caminhos.

Passam por outra árvore. Aquela das histórias, mortes, bugigangas, gentes. Alguns olham com olhos de lembranças, amores, sexos, vinganças.

- *“Sabe, esse trabalho que você tá fazendo, eu gostaria de fazer também quando eu cursar a faculdade de jornalismo. Mostrar a realidade da rua, as histórias... tem gente com cada história triste”*

“é muita droga também né. Tem gente que nem precisa estar na rua, tem casa, família, emprego, mas por causa da droga fica aí...tem um monte de mulher trabalhadora que depois do trabalho vem pra rua por causa de droga”

Em meio às conversas, voltaram direto para a instituição.

- *“você teria uns 5.00 para cada um da gente?”*

Outro susto. Novo incômodo.

- *“Não.”*

A menina recebe um presente. Despedem-se e cada um segue seu caminho.

Ao encontrar-se e demorar-se com alguns, as intensidade de tais encontros colocavam em questão a capacidade de afetar e ser afetada, que já estava alargada

demais devido a efeitos de encontros diversos e quase destruidores para aquele corpo. A linha arrebentou e não podia mais fazer costuras tão rapidamente. Era preciso reconstruir alguma outra coisa com tais afetos para que não se tornassem destruidores com o susto que levava.

Ela soube que a experiência de estar na rua em meio a tantos corpos e acompanhar seus movimentos de perto não era simples, nem fácil e não deixava de ser violento. Algo mais intenso do que ela experimentara no início deste percurso todo.

Questionou-se sobre a possibilidade do cuidado e do encontro quando uma paralisação acontece, paralisação esta que não podia ficar apenas na indiferença ou na fuga. No entanto, era preciso criar outro espaço e tempo para tais afetos desconhecidos. O tempo de seu corpo não era compatível ao tempo cronológico do trabalho e dos mapas.

Indagações ficavam no corpo-linha da menina. Muitas das brincadeiras e desenhos que andava fazendo sobre suas fotografias, encontros organizados e leituras foram desmoronados com essa experiência. Estar misturada aos corpos e sustentar isto não era algo simples. Enquanto ela ficava com os afetos produzidos dentro da instituição, de possibilidades de escapes e tentando perceber/criar linhas de fuga, começava a sentir que outros afetos e relações estavam em jogo nesta condição.

Não eram apenas potências que produziam algo alegre, mas eram potências que produziam também violências. A relação fora da organização produziu efeitos,

tristeza. Por meio do prestígio, da proteção, da hierarquia, a menina pela primeira vez se entristeceu neste tempo.

Sobre o que aqueles mesmos corpos podiam dentro e fora da instituição, havia uma grande distinção. Não eram as mesmas potências em jogo, nem os mesmos poderes.

O afeto aproximava-se do medo. E ela então, perdeu o apetite. Pensou que seria muito difícil inventar novas tecelagens.

— Como sustentar o encontro quando o medo parece encharcá-lo?

Ao mesmo tempo viu outras rupturas que não esperava. Quem sabe o aumento da potência daqueles corpos estava também naqueles momentos na rua e não somente nas apostas que aconteciam dentro da instituição (onde mais se aproximavam daquilo que se entende por sujeitos controlados e obedientes às regras estabelecidas)?

Apesar de todas as leituras e ingenuidades que circulavam em muitos de seus fazeres e pensares sobre as produções e vidas criadas na rua, a menina cuja potência de algum modo estava diminuída, se deparou com borrões mais vivos que os de antes: para se encontrar com aqueles sujeitos de modo mais potente, era preciso desmontar as instituições: a rua, as ONGs, a assistência, o cuidado.

Era preciso aliar-se a um modo de estar junto que suportaria os afetos mais diversos que passam por aquelas existências, quando dizem do cotidiano, das regras criadas, das violências, das festas, da diversão, da saudade, das tristezas, do medo.

Era urgente se deparar com o medo não como afecção, mas como afeto, ou seja, fazer o exercício de compreendê-lo a partir do que Espinosa dizia de idéias adequadas, das causas, da constituição do corpo do outro e do dela próprio. Era difícil, pois o que ficara mais marcado eram as imagens e os efeitos de tais encontros, que carregavam valores morais de séculos e séculos pelas camadas de seu corpo-linha. No entanto, ela percebia que sustentar uma escuta que não buscava eliminar os pontos mais violentos daquelas vidas, era o mais próximo daquilo que ela mesma entendia por “estar junto”.

O seu afastamento quase imediato por alguns dias daquelas regiões e até mesmo do próprio mapa que estava fazendo, trazia à tona uma seleção não muito consciente dos seus próprios encontros, o que mostrava encontros que diminuían sua potência, mas ao mesmo tempo, aparecia uma idéia inadequada.

Ao se deparar com tal idéia, sabia que não podia criar estratégias com base naqueles efeitos tristes. Era necessário inventar outro campo comum com aqueles habitantes que faziam aparecer a tristeza, quem sabe afeto mais conhecido pelos cidadãos quando se trata do encontro com estes homens e mulheres das ruas.

Isto exigia tempo e não necessariamente um tempo regulado por outras instâncias acadêmicas. Um tempo de composição e decomposição de relações do corpo-linha da menina com encontros na rua que não estavam suportáveis naquele arranjo e configuração.

Assim, outras estratégias foram necessárias para que algum esboço de mapa pudesse ter continuidade.

Ela fez uma escolha entre algumas pausas e decidiu continuar as conversações dentro da organização, sabendo de todos os atravessamentos que isso acataria e todos os discursos prontos que viriam ao seu encontro. Era preciso também saber selecionar seus próprios encontros e não insistir em linhas de destruição.

Um tempo.

Um tempo para deixar de ver apenas linhas de captura que neste momento estavam tão expressivas. É possível pensar em cuidado como um encontro que suporta minimamente a potência e tristeza do outro sem violentá-lo com discursos enrijecidos sobre as instituições? Como pensar em intervenções quando os aparelhos de captura estão por toda parte? Na rua, nas organizações, nas políticas?

É preciso estar sensível para encontrar e mesmo produzir os instantes e os escapes. O que Deleuze e Guattari chamam de linhas de fuga, quem sabe.

3.3.1. Conversações: a experiência da rua, uma polifonia.

Se em alguns momentos era preciso escutar sobre a relação com a organização, em outros era preciso aproximar-se do que eles mesmos dizem de suas vidas na rua. Em conversações dentro da organização, falaram sobre a rua, a rotina, aquilo que marca suas existências...

O discurso que se diferenciava dos outros conversadeiros continuava sendo o de Adoniran, já que fazia parte de outros circuitos da rua:

— *Ficar na rua é aquele batidão da vida assim, sabe... na rua tem uma certa assim... Alegria falsa né... porque é uma alegria falsa. É uma alegria de momento, e hoje principalmente que é dia de chuva, molha o chão, a coberta... entendeu? E tem também as horas de alegria também, a gente se reúne, faz um churrasquinho, com umas bebidas, faz uma festinha... é uma alegria falsa. Depois vê que tá tudo na rua, no sofrimento... Mas a gente vai tocando. Não abaixa a cabeça e chora não. (risos)*

Há aqueles que discordam, como Almir:

— *Olha, na rua você vê muita coisa errada... gente brigando por causa de droga, brigando por causa de comida, brigando por causa de um copo de café... na rua você acaba aprendendo a ficar sujo, aprendendo a não gostar de água. Coisa que eu não consigo, ficar sem tomar um banho, não consigo nem dormir... um dia tá limpo, outro dia tá sujo... cheirando mal... meu deus... É muita falta de higiene... sujei uma roupa, não vejo a hora de trocar... o tênis encharcou d'água. As pessoas acabam se acostumando a ficar sujas na rua... eu também tava me acostumando, eu comecei a ver isso de outra forma quando comecei a vir aqui...*

Bento que já tinha transitado por diversos circuitos da rua, tanto de roubo, drogas, quanto de uma solidão outra que o possibilitava selecionar com quem queria estar junto neste momento da vida, afirmava com intensidade:

— *A rua? Ah, você enfrenta de tudo... enfrenta preconceito, o pessoal parece que tem medo de você, as vezes a gente tá sujo, as vezes não. Mesmo limpo, com sacola na mão ou mochila, se vem uma pessoa de encontro contigo ela desvia... te olha com olhar de desprezo, preconceito... ela sabe que você é morador de rua, não sabe se você vai roubar ela ou não. Então fica com medo, tem preconceito... Comigo já aconteceu várias vezes, eu tá passando e a pessoa desvia de mim... ou então a pessoa olha pra trás, já segura a bolsa, acelera o passo... isso é preconceito! Não vou te roubar, porque vou roubar pedestre? Num tem nada me que interessa ali... aí já chateia, já revolta... mas eu não ligo não...*

Enquanto isso, Rodrigo dizia em tom bem baixo com o olhar longe e marejado:

— *Morar na rua é um pouco péssimo, viu... é péssimo. Porque quando chove você não tem onde ficar, não tem onde deitar... comer ainda tem. O ruim é quanto tá chovendo mesmo, aí você fica sentado numa marquise, numa praça coberta. É horrível quando tá chovendo. Quando não tá, aí dá pra arrumar o que fazer... arruma um servicinho aqui outro ali...*

Almir era incisivo em sua discordância com Adoniran:

— *A rua é terrível, você só aprende coisa pior... não tem nada de bom, falam a rua é uma escola, é nada!*

Neste tempo, Miles pergunta para a menina:

— *Você chegou a fazer a pesquisa na rua?*

— *Não, fiz aqui dentro.*

Responde a menina.

— *Você ia sentir...você descobre cada coisa na rua, você descobre pessoa que você não sabe...você se surpreende com a pessoa. A rua te surpreende a cada dia... cada dia você conhece pessoa e cada dia você vê cada um conversar com um português correto, estudado, fala tanta coisa. Você não entende nem o que é...momento de vida...cada um tem seu ponto né...*

Estas falas traziam os modos singulares com que cada um experimentava essa vida nas ruas. Nenhum deles dizia que gostava e que escolhia estar ali. No entanto, alguns diziam sobre os aprendizados e os bons encontros que fizeram neste tempo que estão nessa condição. Aquele que dizia das festas e das comidas que cozinhavam em grupos, parecia mais tranquilo com este modo de vida, no entanto, ainda dizia que tudo aquilo era uma “alegria falsa”. Um termo interessante para quem estava buscando mapear o que parecia aumentar a potência desses conversadeiros e aquilo que a diminuía.

Esta expressão usada por um dos conversadeiros trazia outras questões para pensar inclusive alguns momentos dentro da instituição, pois ao fazer um encontro festivo com músicas, conversas e brincadeiras, não necessariamente aconteciam bons encontros e aumentos de potência. Ou seja, o encontro festivo não necessariamente traz alegria.

É com estas questões que a menina não apenas via possibilidades em tais encontros dentro da organização, como também se confundia naquilo que parecia ser alegre, em termos espinosistas, quando era apenas um encontro festivo.

Bento com experiência em viver na rua em outras cidades dizia:

— *De noite lá na outra cidade só dormia né... de dia tava no movimento, tentando arrumar dinheiro... mas era frio...tem gente que te dá apoio né... cê chega lá, os caras te ajudam né, te dá coberta, te arruma um papelão pra deitar...as pessoas da rua ajudam mais do que o resto... o pessoal ta sofrendo né, ta na mesma situação, não vai deixar você sofrer mais ainda, se ele tiver uma coberta a mais ele te empresta, não deixa você passar frio...ele sabe como é os movimentos... Aqui em Santos também né! Mas aqui tem que saber conversar, se não souber o cara não olha na tua cara...*

Miles complementava:

— *Engraçado que você encontra pessoa boa. Você encontra mais ser humano que passa mais pra você do que a própria família sua...de você ta molhado, e ele te dá uma camisa, ele nem tem pra ele, mas te dá comida...isso na rua tem, não são todos...mas tem. Tem coisa adversa.*

Mais uma vez, outro modo de viver a rua se expressava com Adoniran:

— *Olha, não é maioria não... isso é pouco...a maioria dos moradores de rua querem roubar outros...tem que dormir com um olho aberto e outro fechado...*

— *é mesmo?*

— *Opa... morador de rua rouba...entendeu? tem mais é pra atrapalhar do que pra ajudar...eu não vejo isso de morador de rua pra ajudar. Agora... tem morador de rua pra ajudar...por exemplo, você chega nos lugares que eles entrega refeição, os que chegam atrasados eles pegam pra dar pro outro, coberta...assim, o que ele pode também né... tão numa situação difícil né, de rua...o que da pra ajudar ele ajuda mas tem uns que tiram sua coberta de você...então, não é assim não...eu discordo que morador de rua ajuda...são poucos.*

Era possível ver que os circuitos diferentes na rua criavam imagens diferentes para eles próprios e para quem escuta tais histórias. Adoniran que estava em um circuito mais próximo ao uso e mercado das drogas e de regiões mais próximas às “crackolândias” trazia uma imagem do morador de rua como alguém perigoso, que aprende a roubar o outro mais do que ajudar.

Já aqueles que diziam estar em outro circuito, traziam outras imagens e experiências da vida na rua e suas relações, com tons mais amigáveis e companheirismo entre eles.

- Mas então dá pra criar amizades? A menina questionava.

— *Ah, sim... desde que eu cheguei na rua, tem uma pessoa...o M... ele não gosta de vir, ele cata latinha e recicla... ele me chama, mas eu tenho vergonha...*

Dizia Miles, enquanto Rodrigo continuava a expressar sua despotência nesta condição:

— *Olha... eu...olha, eu não to aprendendo nada na rua, porque eu não me meto com ninguém. Fico sozinho, não tenho nada com ninguém, amizade com ninguém. Fico andando pra lá e pra cá.*

Jorge complementava a sensação de Rodrigo, compartilhando o modo como lidava com essas companhias que não queria:

— *Então, eu já procuro sempre me dar com eles... mas de uma certa distância...pra caminhar prefiro caminhar sozinho...ou com um que tenha a índole parecida com a minha.Mas conversar e frequentar o mesmo ambiente, isso é normal...agora caminhar, prefiro caminhar sozinho... Porque vai que eles tão com droga... aí o guarda pára, e revista...vai que eu to junto com um desses, e ele tem na bolsa, mochila, um entorpecente...aí eu entro em cana junto... Posso ter amizade... mas aquilo de andar junto com esse tipo de pessoa não...*

— *Uma coisa boa que aconteceu comigo foi ter feito amizade com o Jorge. A gente se dá bem...agora com os outros aí...num faço questão. A gente ta sempre junto, recicla junto, ta sempre pra lá e pra cá...*

Dizia Bento.

Nesta questão, Adoniran concordava com o resto das falas:

— *Pra dormir fico em grupo sim... mas pra andar mais sozinho... ficar andando em maloca não presta...dois, três... tem gente que anda três , quatro...aí não dá... mas pra dormir a gente tem um grupo e sempre aquele grupo né... quando um não vem sente até falta. Até pega pro outro a comida...quando não vem fica preocupado... é que nem falaram pra você desse lado bom do morador de rua né, quando um vê o que o outro não chegou, pega a comida pra ele. Esse tipo de coisa... morador de rua faz essas caridades aí, de pensar no outro que não chegou e a comida já foi...*

As histórias e lembranças também compunham esta outra rede “marginal” que não é muito reconhecida por aqueles que somente são afetados por ver o habitante da rua de longe. Nisto Almir contava:

— *Na minha cidade conheci um japonêsinho e um outro, fiquei na rua com eles. Um dia viemos pra cá, ele também tem família, mas a família não dá atenção pra ele... Ficávamos juntos dia e noite. A gente se dava bem demais, os dois sabiam falar não pra droga... então era bão... a gente ia fazer outra coisa, almoçar em algum lugar... Já não era nem amizade...era um irmão. Tem irmão da nossa parte, nossos irmãos não faziam pela gente o que a gente fazia um pro outro...*

A amizade e confiança aparecia como aspecto importante para sustentar este modo de vida. Havia sim uma rede de pessoas, organizações, serviços, amigos da rua, donos de bares e restaurantes que ajudavam de alguma maneira estes habitantes. Era notável que tais amizades aumentavam a potência deles, e ao saber disto, aproximavam-se cada vez mais destes amigos. Era aqui que também se dava a “seleção”, não consciente, mas seleção das paixões alegres por composição de corpos.

Enquanto isso, Rodrigo ainda entristecido com a condição que está na rua, com a vida, com os acontecimentos, não podia neste momento criar confiança e vínculos com ninguém:

— A pessoa passa a ser um adulto... a idade avança, as pessoas que te conhece na infância, não fala mais contigo, vira a cara, as pessoas que estudou com você, ta grandão, não fala mais com a gente... morou na rua as pessoa já acha que é bandido, traficante, acha que ta envolvido no crime...

Aqui, a tristeza era clara. Desde a postura encolhida de Rodrigo, a melodia de sua voz, suas palavras. A vergonha e revolta em se sentir abandonado, rejeitado e estigmatizado pelos outros apareciam fortemente. Novamente, a menina recorria a Espinosa, quando ele dizia que a vergonha é um afeto triste, pois sente vergonha aquele que se distancia do que é dito do bem, da boa conduta e bom comportamento, ou seja, aquele que está ainda funcionado sob regimes morais. (ESPINOSA, 2009)

Ao mesmo tempo, outros teciam seus encontros de outras maneiras, as amizades também extrapolam o circuito da rua. Bento compartilhava sua relação com a assistente social:

— Tu se sente gente, tu sente que tu é uma pessoa normal... em outros lugares só te trata como gente lá dentro, depois... Aqui não, aqui a Dona Marta passa por mim na rua ela buzina, já buzinou pra mim várias vezes... já encontrei ela a pé, ela mesmo com a senhora distinta do lado dela ela me cumprimentou, como se eu fosse uma pessoa normal... isso é que... desculpa... Eu falo da Dona Marta é... Desculpa viu... é que a R. não é minha assistente Social, eu tenho ela como uma amiga de verdade...É... pra mim ela me ajudou muito...

(choro)

— Nossa... pessoa distinta do lado dela... eu tava catando latinha, ela nem se importou se a senhora do lado ia achar ruim ou não...ela me tratou como gente...pra mim... Ela me tratou como gente, não me tratou com preconceito...

Bento se emocionava muito ao falar desta amizade com alguém da organização. Aqui era possível para a menina, perceber que havia brincadeiras na organização, bons encontros que fortaleciam cada vez mais aquelas existências.

Miles complementava esta sensação de Bento:

— É verdade... Já encontrei ela na rua, e ela é a mesma pessoa ela fala um bocado de coisa, dá ate raiva...mas no outro dia ta todo mundo aqui...quando ela fala se quiser ir embora, a gente sabe que é pro bem... Ela fala “olha, o senhor voltou, ontem tava bem, hoje não...” é uma mãe... Eu agora eu descobri a biblioteca também...já fiz umas amizades...ai já chego lá, tem café, bolacha... fico lá... já sabem da minha situação.

Estas falas em que eles diziam se sentir como “gente”, chamavam bastante atenção, pois já era incorporado que “gente” é aquele sujeito que trabalha, tem lugar para morar, roupas, objetos, etc. Aquele adaptado às normas econômicas e sociais que geram a vida capitalista.

Aos poucos a menina ia se aproximando e conectando aquilo que via dentro da organização, com o que sentia na rua, nas falas, nos gestos, nos momentos de silêncio, de choro, de respiro das conversações. Cada um daqueles conversadeiros tinha um grau de abertura, uma história, algo que marcou a sua existência que não necessariamente estava relacionado à rua.

Alguns se lembravam de aspectos da sua história, tristezas, mortes, separações, outros de aspectos alegres. As singularidades se expressavam de diversos modos.

A rua era então cada vez mais complexa. Algo permanecia nos rabiscos da menina: não bastava encaminhar aquelas pessoas para qualquer lugar que fosse, para estar junto e mapear as potências, singularidades não era possível somente encaminhá-los para outros locais ou fazer discursos sobre o horror da rua. Ao mesmo tempo, era preciso ver que os mecanismos de captura estavam por toda parte e inventar outras escutas e cuidados diferentes daquelas que se davam. Uma coisa ela sabia agora: a amizade e as redes eram sim inventadas em quaisquer circuitos, há seleções, encontros e solidão. Tudo ao mesmo tempo.

Para aproximar-se um pouco de outros afetos era preciso passear por outros lugares daquelas existências.

Vocês gostam de música?

Foi neste momento que Rodrigo abriu o primeiro sorriso:

— *Ah, eu amo música. A música me fortalece, me deixa mais feliz. Gosto muito do Tim Maia, aquela vozeirona dele. Gosto muito do Roberto Carlos, gosto muito das musicas dele... fico pensando né...naquela época.*

Todos sorriam ao dizer suas preferências musicais, inclusive Miles:

— *Eu gostava muito de Jazz...não sei o que aconteceu comigo, mas gosto muito. Ah, Louis Armstrong... “all jarro”... esse meu filho traduzia pra mim as musicas... Ray Charles também... Sarah Voughan...*

Te alegra?

— *Ah...eu viajo...a musica...o jazz ele é sofrido né...uma musica de raiz...que nem o blues... tem aquela coisa do Mississipi que eles falam né? Esse meu filho começou a trazer e eu comecei a escutar sem entender... nem sei dizer os nomes... tem um grupo que eu curto...Fears for fears, algo assim...isso eu curto.*

Os sorrisos de todos eram quase certos quando essa pergunta era lançada. Trazia lembranças?

— *Isso...lembranças...Aquela musica “eu voltei, aqui é o meu lugar”... pivete, sentava lá ficava ouvindo.*

Dizia Rodrigo ainda contente com tais lembranças. Logo outro se chegava:

— *Eu gosto de nadar, quer ver o óculos de nadar que eu tenho? Olha.*

Aqui aparecia outro rapaz, chamado pela menina de “Bimba”. Não dizia muito de si, apenas que estava há dois anos na rua. Era moreno, bastante alto, capoeirista. Vinha do nordeste e estava longe dos filhos que moravam com a mãe na Baixada. Gostava muito de conversar, assim aproximou-se vagarosamente das conversas, dizendo que *“alegria demais era sinal de tristeza”*.

Com estas lembranças, a menina via que já nas conversações era possível que eles lidassem com seus afetos de outras maneiras, que naquele instante criavam sentidos, significados. As conversações já eram em si uma intervenção. Nem sempre era o conteúdo da fala que dizia se um afeto era alegre ou triste, mesmo que a história fosse triste, quando cada um começava a contar, dava forma a um afeto, talvez aprendesse um novo jeito de conviver com ele. Ai havia uma pista do quão este encontro pode ser alegre, pode aumentar aquela potência.

O que os faz mais alegres?

— *Nessa horas assim... aqui... que tem gente que não vira o rosto pra gente, que não gospe quando olha pra gente... sabe , tipo assim, (apontando para a menina e para ele) é a hora que você se sente mais... se dá conta que você é um cidadão.*

Contava Adoniran, que sempre trazia a importância em se sentir cidadão, e não necessariamente ser cidadão. Afinal, quando sentiriam isto? Qual a cidadania necessária para que alguém se sinta potente, mais próximo de sua própria vida, com capacidades maiores de agir e sentir?

Da mesma forma, cada um trazia algo que também tinha suas vidas expressas, Miles contava:

— *Estar com saúde...de nada me tirar minha auto-estima, de saber que eu durmo no chão todo dia, que eu tenho que me cobrir...hoje durmo numa oficina, mas já dormi num pedacinho de chão, quando chovia molhava, ter que dormir de lado pra não ser molhar... ter prazer de acordar, fazer a barba...ter uma roupa limpa...tem gente bondosa na rua que olha a gente de outra maneira.*

Rodrigo contava com a mesma tristeza de quando chegou:

— *Não lembro de nada... Ah, quando era moleque, criança... depois de adulto...mais nada...não lembro de mais nada...quando era moleque, ia pras balada, cinema, baile...depois de adulto acabou tudo pra mim. Acabou mesmo. Não tenho mais vontade de ir onde eu ia quando era moleque...*

Almir dizia:

— *Aqui eu venho todo dia de manha cedo...saindo daqui eu pego os canal ali, leio um pouco...quando ta sol eu vou pra praia...perto da biblioteca...*

A menina entendia que esta pergunta já estava atravessada pelo sentido e significado de alegria para cada existência daquela. Não era simples desmontar o sentido produzido hegemônica e historicamente, e também não houve tempo para trabalhar outras questões relativas à “alegria” de modos singulares. Era com estas pistas bem como outras não-ditas, que a menina criava um mapa de sua experiência com estes conversadeiros.

Nisto tudo, experimentar a rua era algo muito diverso.

Ao mesmo tempo em que na fala de alguns era uma vivência quase traumática e triste, nas falas de outros era um modo de experimentar a vida que trazia outros saberes, novos modos de se colocar no mundo, não que esta condição não trouxesse sofrimento e diminuições nas potências, mas trazia também outras produções, sentidos para a própria vida, como o próprio Miles dizia:

— *Perdi o medo de tudo. Não tenho medo de dormir em lugar nenhum sozinho, de ouvir o não, eu era muito acomodado, ganhava o dinheiro em casa, toalhinha, sabonete... agora eu senti que a vida é maravilhosa pra mim, eu senti a realidade da vida.*

Esta era uma fala afirmativa em que perder o medo é também parecia conquistar certa liberdade.

— *A gente vai se descobrindo... chega nos 60, 65, pensa “já sei tudo da vida”, não... Não sei de muita coisa e essa experiência da rua vai me trazer experiência. Tenho convicção que eu não vou cair mais... desse degrau, vou consertar ele e subir pra cima... não vou descer mais agora... tenho certeza que com o mínimo que eu ganhar agora, eu vou conseguir... Foi tudo um aprendizado. Valeu a pena. Só vai valer a pena as coisas ruins sabe... as coisas boas são passageiras... se você não tiver tropeço, não vai chegar a lugar nenhum.*

As conversações diziam daqueles que estavam ali, com quem a menina se aproximou mais e chegou mais perto de seus encontros pela vida. Trazia ainda mais questionamentos e compreensões a respeito dessa polifonia que a afetava por todos os lados.

Uma pequenina fotografia (daquelas que dizem atualmente, três por quatro):

“Eu preciso ir pro NAPS. Eu preciso ir pro NAPS! Preciso sair da droga, to viciado!”

Dizia o rapaz bastante próximo da menina, com quem ela viu a rua despida de suas perspectivas imaginárias sem tanta violência.

A resposta dada sem muito acolhimento era:

“Não é NAPS que você precisa, é SENATI”. O rapaz sem saber direito do que diziam, retirava-se. E no dia seguinte, voltara (como todos os dias) cada vez mais magro.

Muitos já tinham sido encaminhados para este local. Nenhum ficara. Atacar o serviço?

Não.

Denunciá-lo em suas impotências? Não se trata de denunciar este ou aquele equipamento, política, prática cotidiana. Mas considerar que algo nesta “rede de cuidados” está falida, algo passa por ali que impede a criação de vínculos, o acompanhamento extramuros, fora das organizações e equipamentos.

A menina pensava insistentemente em uma coisa chamada “acompanhamento terapêutico”. Não sabia dizer exatamente como funcionava, apenas entendia que este arranjo possibilitava desmontar alguns lugares instituídos do saber, do cuidado, da saúde e de práticas normalizadoras.

Um verbo trazia certa abertura: acompanhar, e isto, para ela, significava estar junto. Estar corporalmente junto em situações, experiências, relações de confiança que se dava nos circuitos das cidades. Quem sabe, em meio a esta relação de decomposição e composição com a droga (Deleuze fazia questão de afirmar em suas conversas com a menina que alguma relação sempre era de composição, mesmo quando um homem tomava venenos e este veneno destruiria grande parte de suas relações constituintes) outras práticas de cuidado que não apenas o

“encaminhamento” pudesse gerar outro modo de transitar por estes centros dos saberes especializados.

Era caso de polícia? O que fazer com vícios intensos em alto grau de captura daquela existência e de sua capacidade de agir no mundo?

Deleuze contava a menina coisas interessantes sobre este tema:

É um desfiladeiro estreito, não posso dizer que há princípios, a gente sai fora como pode, a cada vez. É verdade que o papel das pessoas, nesse momento, é de tentar salvar os garotos, o quanto se pode. E salvá-los não significa fazer com que sigam o caminho certo, mas impedi-los de virar trapo. (DELEUZE, 1988, p.18)

Aqui talvez, ela pudesse aproximar um pouco isto que ele dizia daquilo que apostava em seus pensamentos e práticas. Questionar os fazeres de organizações, equipamentos, políticas criados para tais cuidados específicos que permeiam esta condição de rua e vício, não significa dizer que se deve deixar estes habitantes com seus vícios a céu aberto o quanto quiserem e puderem. Também não se trata de salvar qualquer um e todos das drogas e do vício, dizendo-lhes diretrizes de o que eles devem fazer corretamente, mas como Deleuze diz, impedi-los de virar trapos, impedi-los de chegarem ao máximo de sua despotência, se assim pode-se dizer.

Dessa forma, não se trata de dizer ao habitante da rua que ele deve seguir tal receita para construir o caminho correto, mas sim, criar dispositivos para que não permaneçam no máximo da sua despotência, caso estejam vivendo intensamente em registros tristes. A tristeza de cada existência é singular e não universal.

Para experimentar isto na prática, talvez a rede de serviços já estabelecida precise ser desconstruída para que novos arranjos se reinventem.

3.4. Os provocadeiros

Homens e mulheres que passavam por aquelas calçadas, misturadas umas às outras, de procedências diversas, visíveis pelas vestimentas e pela velocidade em que andavam, traziam de volta a sensação de habitar o espaço, agora já conhecido e reconhecido.

Passou por aqueles que iriam entrar e participar da oficina, e como sempre, já estavam esperando a porta abrir, sentados na calçada de ambos os lados da rua. Antes, alguns já cumprimentavam a menina, mas seus olhos nunca se dirigiam a nenhum deles, a não ser que a chamassem. Desta vez, nenhum chamou. Ela os reconhecia pelo som, pela voz, não por ficar olhando nos olhos enquanto estava na rua.

Entrou, cumprimentou o porteiro, um senhor que vive escutando o seu radiozinho de pilha sempre no banco da frente da entrada.

Encontrou a Poeta e sugeriu uma modificação na oficina, que até então seria uma roda de conversa sobre as histórias de vida dos moradores. Ficou pensando nesta proposta, e imaginou que talvez fosse cansativo somente ouvir de um em um. Talvez por saber que nas instituições que eles passam, eles têm de falar suas histórias individualmente, e que entre eles cotidianamente, esta troca já acontecia de alguma maneira.

Decidiram experimentar um dispositivo que ela havia levado “uma entrevista com um morador de rua, que virou escritor de peças de teatro e com um livro de poemas lançado”. Apesar dessa sensação de estranhamento aquele poderia ser um espaço de conversa interessante...

Caminhou calmamente pelo corredor com flores (onde somente os funcionários passam) para o salão onde tomam o café. Estavam todos sentados, não eram muitos como havia lá fora, e percebeu que alguns daqueles haviam ficado por lá mesmo.

No momento em que entrou, expressões festivas:

“Você voltou!”;

“nossa, como você estava sumida hein...”.

Aos poucos eles foram se chegando na sala de vídeo, sentando nos bancos, trazendo suas cadeiras. Silenciosos, esperando a atividade por vir.

Assistiram então à entrevista do programa “Provocações”, do Abujamra na TV Cultura. Nele, algumas questões sobre a rua, sensações, aprendizados, histórias, inquietações e de fato, provocações eram lançadas. Havia muitas críticas a muitos aspectos da vida, da polícia, da miséria, da classe média.

Iniciava-se um encontro e um confronto.

Durante o programa, alguns dormiram, outros batiam o pé forte ao chão quando estavam trocando de posição. Inquietações e silêncios ao mesmo tempo.

Alguns escreviam algo numa folha, outros prestavam atenção.

Ao final, de novo o silêncio.

Perguntou apenas: *“e aí, o que acharam?”*

Um prontamente levanta a mão, dizendo que o Tião do programa tinha percebido algo que ele gostava e que sabia fazer, e assim, conseguiu viver disso, fazer de seus saberes um jeito de seguir em frente.

“É uma motivação pra nós.”

Outro homem com mais idade, dizia que algumas coisas que Tião falou, ele se identificou bastante... Principalmente com relação aos banheiros e como fazer as necessidades...

“às vezes dá tempo de chegar em algum lugar para usar o banheiro... mas tem vezes que não dá, aí tem que fazer ali mesmo, atrás de um caminhão...às vezes você apanha por isso, o pessoal acha ruim...”

O mesmo senhor, dizia que as perguntas que Tião se fez, ele também já tinha feito por muito tempo

“por que eu?”, “Por que estou nessa situação?” e que hoje ele havia mudado a pergunta: “para que eu?”.

Não sabia se havia ali um contorno religioso de “tenho que passar por isso”. Ele não disse sobre Deus, mas muitos falavam como se fosse uma punição divina e que tivessem que passar por aquilo tudo que estavam passando.

Foram contando tudo com o que se identificavam, aquilo que já tinham sentido antes as estratégias pra não perder de vista quem se é no meio da rua... Um outro também quase senhor já assíduo freqüentador da instituição, dizia emocionado, quebrando seu silêncio rotineiro:

“eu me vi ali também quando ele disse que não perdeu a identidade... mesmo na rua, eu fico me lembrando o tempo todo de quem eu sou... que eu ESTOU na rua, mas que não sou isso...”

Aos poucos outros foram sensibilizando-se e contando um pouco de si...

A menina olhou pra um deles, intrigante desde o primeiro dia, de quem fez a primeira fotografia de um morador feliz, dançante, observador, inquieto com a vida.

Lá estava ele de volta, com camisa e gravata, provavelmente estava vindo ou indo para a Igreja. Apenas estava anotando coisas ao longo do vídeo, sem demonstrar muito interesse.

Num escape de silêncio, ele se pronuncia. Abre o caderninho que carregava, e vai tecendo linhas diversas, apontamentos de situações que se aproximavam com as deles em Santos, da diferenças entre classes...

Dizia sobre a diferença entre um menino pobre e um de outra classe social. “o pobre já vem de berço inquieto, desde que nasce já aprende a ouvir os barulhos, a lidar com os problemas da vida. Se ele for pra rua, já sabe se virar... agora, pega um menino de outra classe e joga ele na rua... ele não vai saber se virar. Tem coisa que se aprende com a vida mesmo...aí tem uns que vão pro caminho errado, começa a roubar pra se virar.”

Aqui começavam as tensões. O rapaz escutou, captou as idéias, e conectou com a vida. Dizia que por um momento, (ele ficou oito anos na rua) tudo aquilo pode ser até bom, você realmente pode ser feliz na rua, mas depois percebe que não é isso, que a vida não é isso. Mas que tem coisas que tem que viver. Um jeito de dizer pra si que esse momento da rua passa. É passageiro.

“no fundo, na rua eu sorri muito mais...”

“você tem experiências muito diferentes, conhece muita gente, muitos lugares...eu mesmo já viajei um monte, sem nem saber o que estava me esperando na outra cidade. Não tenho nada aqui mesmo, não tenho o que perder...”

Outros complementavam:

“claro...ele vai achar bom até passar frio, apanhar de GM...e tem gente que vai esquecendo de si... que não se cuida! Se tem uma coisa que eu aprendi com a irmã é que precisamos ter auto-estima...precisamos cuidar da gente. Lembrar de quem somos sempre.”

Alguns ali estavam com uma posição de demarcar quem tem bens e quem não tem, e um, principalmente, dizendo que a Poeta e a menina teriam O DEVER de fazer caridade.

Um desconforto! Em alguns momentos este rapaz as culpava indiretamente por eles estarem naquela situação.

Muitos discordavam do que este último dizia, e expressavam aos demais que cada um está fazendo sua vida como pode e que deveriam pensar e fazer coisas sobre sua própria vida ao invés de tentar culpar cada pessoa que tem seu emprego, seu próprio carro, sua casa.

Foi outro encontro que trazia o confronto das classes e as estratégias para tentar aliviar o discurso que viria carregado da necessidade da caridade e a culpabilização.

Uma armadilha estava sendo tecida. Afinal, como eles se relacionavam com as trabalhadoras e funcionárias da organização com a diferença de classe que estava demarcada cotidianamente ali?

Um encontro e confronto.

“acham que só rico tem depressão? Pobre também tem... morador de rua também tem depressão.”

Era preciso saber misturar os saberes.

Um cuidado maior para não criar tensões. Provocar um debate político requer sustentação dos conflitos. Afinal, essa condição de morar na rua sempre caía em justificativas certas e com pontos finais: “ou é uma condição produzida pelo campo social, e todos devem fazer caridade ou é culpa do sujeito, das drogas, de tudo aquilo que o levou a chegar nesta situação”.

No entanto, puxar discussões políticas parecia ser um arranjo interessante e muito pouco explorado quando se trata deste campo.

Haveria algum medo/receio em politizar o habitante da rua?

3.4.1. Conversações: a caridade

A menina percebia que alguns temas traziam movimentos outros. E questionamentos eram criados não apenas pela menina, mas também por eles mesmos. Esta conversa iniciava-se com Miles:

— Você acaba de almoçar... “vai pra onde?” janta a noite... ta chovendo... não dá pra dormir... tem que procurar outro lugar... tem que tomar banho rapidinho, não dá pra se enxugar direito porque o guarda vai passar... pra lavar roupa, não tem onde lavar... Olha, cansa mais que trabalhar... o cara fica cansado. Esse é o matar leão todo dia... não aquele cara que chega ali... pega uma cachaça e fica lá... não mata leão... vai dormir e pronto... aí vai se acabando... Mas se o cara fica procurando as coisas... vixi... pede coisa, ouve “não”, “não”, é duro. É uma batalha.

Alguns anunciavam, como Adoniran:

— Nenhuma das outras casas tem atividade, o único que nem atividade é aqui. Em santos é. Tem outro que serve a janta... É, tem uns que não querem sair da rua mais não, Fora os carros que passam entregando... vários. Comida não falta... Mas nem um pouquinho...

Enquanto isso, Rodrigo dizia suas impressões sobre outros lugares que oferece serviços para estes habitantes das ruas:

— *Olha, Já fui pra Casa Aberta, fiquei horrizado. Olhei o chão assim, fiquei horrorizado. Olha, horrorizado. Pedi pra dar uma visitadinha... nossa... o chão é péssimo. Eu não sabia que tinha em cima... fiquei sabendo por eles aí...mas fui, fiquei horrorizado... me deram três dias pra ficar lá, mas não deu não...não sei agora, se já limparam... nossa. Fiquei horrorizado.*

Bento dizia um tanto indignado com as mesmas questões:

— *A diferença daqui é que tu tem apoio... nos outros lugar não...você vai, eles te dão o chá, café, a roupa...e só. Não te dão apoio, fecham a porta... tu vai fazer o que? Como vai arrumar um emprego se não tem quem te apóie, quem te da um apoio pra fazer um currículo? Aqui tu tem tudo né... tem o café, tem atividade, tem a Dona Marta que faz o currículo... nos outros lugar não tem isso, a pessoa vai lá a semana todinha e eles só colocam lá o classificado no sábado. Quem vai procurar emprego no sábado?*

Era bastante notável que para quem quisesse sair das ruas, que apenas as ações pontuais de doação de alimento, roupas e banhos não passavam nem perto do suficiente para contribuir com seus objetivos. Do mesmo modo que os contadores de histórias contaram a menina sobre o percurso de tais práticas e todas as críticas tecidas neste campo, inclusive quando se sistematiza uma política voltava para tais problemas de sociais, são essas mesmas práticas assistencialistas que ainda acontecem e que já são criticadas pelos próprios “usuários”.

Há aqueles que não querem ficar ‘presos’ (é justamente com esta expressão que eles usam a condição de ficar das 9h às 12h fazendo as atividades) dentro de nenhuma ordem. Ou seja, há muitos cujos apetites fazem parte de outros jogos e lógicas ainda desconhecidas.

Rodrigo dizia com algumas expressões que a menina achara interessante, sobre o que era “prender a pessoa”:

— *Dizem que vai abrir uma ali no canal e ali vai ter tudo... e dizem que lá vão prender a pessoa ali também. Prender a pessoa pra fazer atividade também... dizem que só vai sair de lá também depois que terminar a atividade... é ótimo, é bom...é excelente. Devem fazer o mesmo que faz aqui, fazer lá também.*

O que a menina sabia até o presente momento é que as ofertas dos serviços e organizações voltados para práticas mais amplas são escassas e quase inexistentes naquele território. São poucas as possibilidades destes habitantes das ruas terem papéis ativos em algum coletivo que não seja muitas vezes, nos próprios circuitos da rua.

Do mesmo modo, há muitos que também sabem os modos necessários para freqüentar determinados lugares, ou seja, sabem os modos específicos de se comportar dentro da instituição, quais os discursos esperados e quais aqueles possíveis de se expressarem nas ruas. Os discursos dentro da instituição e nas ruas eram distintos, e muitas vezes vindos do mesmo corpo.

Ao saber disto, era também esperado que muitos atravessamentos se dessem nas relações com a menina enquanto conversava com eles. Ela já era uma peça representante da instituição e as expressões discursivas poderiam muitas vezes ser montadas de acordo com “aquilo que ela quer ouvir”.

Assim, a conversa sobre caridade também vinha atravessada, pois era esta noção de caridade que contribuía para manter muitos daqueles sujeitos nas ruas, independente de suas experimentações singulares dessa condição. Tecer críticas contra aquilo que minimamente os ajudava de alguma maneira, não era algo fácil.

Miles afirmava de início:

— *Aqui é uma cidade abençoada por deus... tem muita gente caridosa. Pode ver, os caras vem de são Paulo pra cá... não passa fome. A noite toda passa comida...*

—O que acha disso?

Questiona a menina.

— Olha... tenho que ver essa resposta...vamos ver o lado da coisa...um lado, tem gente que necessita mesmo da comida...mas tem muita gente que se aproveita disso pra não poder trabalhar... que vende em droga, tudo...acho que devia ter um lugar pra ter aquele restaurante pras pessoa pobre pra ficar tudo ali. Tem muitos ali que não querem trabalhar não... Tem cara que sai da cadeia, não quer mais nada... você vai conversar com ele, não aproveita nada dele...não consegue tirar nada dele... Saindo daqui já tão perguntando se vão pra tal lugar. Hoje tem “M.T?” (as chamadas bocas de rango, instituições apoiadas pelas Políticas Públicas) é só comida... comer, comer, comer.

Talvez questionar tais práticas não era uma posição simples, nem mesmo compreendida por eles mesmos. Rodrigo entendia que aquelas práticas estava contribuindo muito neste momento de sua vida, e com isto, não podia colocar questões:

— O que alivia são essas casas de caridade. Se não tivesse isso acho que muito morador de rua ia estar frito mesmo. Olha, ajuda um pouco... você toma um banho aqui, um café ali...ajuda... eu tenho vergonha de ficar pedindo as coisas pros outros. Se me der eu aceito, se não, não peço. Tem gente que pede em padaria, aí já fala “olha não posso não, vai trabalhar seu vagabundo”... eu tenho vergonha...é humilhação...pedir dinheiro no semáforo pros outros...tenho vergonha mesmo.

Mesmo ouvindo das necessidades que tinham em relação a esses serviços, incômodos permaneciam. Caso não houvesse esse tipo de prática, o que aconteceria? Como seria a insistência da vida na rua? O que o Estado faria com todos esses habitantes e histórias que pareciam aumentar cada vez mais, principalmente em cidades “acolhedoras”, como a de Santos?

É possível que mesmo com tantas Políticas Públicas para direcionar as práticas diferentemente de assistencialismos, ainda haja uma dependência do

próprio Estado em relação a este tipo de trabalho. Aqui, a menina compreendia na prática tudo aquilo que ouviu dos contadores de histórias sobre a filantropia e a caridade enquanto dispositivos para manter a lógica como está.

A questão não é simplesmente possibilitar um emprego para tais sujeitos (prática esta que discursivamente escapa da caridade), nem mesmo, doar roupas e alimento. Constituir um circuito que se difere de somente manter tais lógicas de pobreza, relação de “pedinte”, discurso da inclusão a qualquer custo, é um movimento extremamente difícil, mas é justamente aí que as brechas precisam aparecer.

A potência de um corpo não está naquilo que se estabelece cultural, econômica, politicamente em um grupo ou sociedade, naquilo que dizem ser bom por si só. E para isto, é preciso estar bastante atento, já que há forças que são criadas nesta direção há muitos séculos e para desmontar tal lógica nas práticas cotidianas, é preciso saber delas e estar disposto a suportar novos encontros e arranjos de corpos, suas potências, alegrias, tristezas, paixões, capturas, escapes, violências, invenções, poesias, sem saber exatamente no que tudo aquilo vai dar, mas apostando no processo de que estes corpos podem conhecer mais sobre suas potências e vidas, e quem sabe com isto, selecionar de alguma maneira aquilo que lhes alegra.

Conclusão

4. Um início de conversa

Após tantos encontros com as mais diversas figuras, saberes, leituras, conversações, histórias, medos, afetos, a menina já havia tecido algo que não sabia exatamente o que era, nem para que ou para quem tudo isto serviria exatamente, mas tinha pistas daquilo que poderia propor como caminhos no encontro com tais homens e mulheres que vivem nas ruas, apontando pistas dos afetos de seus próprios escritos, pensamentos, experiências.

Os mapas, rabiscos, diagramas, fotografias que dantes ocupavam sua bolsa, estavam hoje ocupando outros lugares. A tal bolsa um pouco esquecida com tantos novos encontros, agora já estava desmanchada em fios tecidos com o corpo-linha da própria menina que também se reconfigurava a cada passeio, com os corpos dos compositores, filósofos, artistas, contadores de histórias e com o mais colorido daquela espécie dançante. Era uma pausa em tais passeios, quem sabe continuaria em outros tempos. Era desmanchando-se daquilo que era e transfigurando-se em outras formas sem tantas fôrmas que ela escreveu um texto e deixou que cada letra deslizasse por tantas e tantas linhas daquela imensa tecelagem quase infinita:

“Percebi que ao atualizar tais encontros e descrevê-los de outras formas, tendo como pista escapar de juízos de valor e moralidades, ao criar um percurso, conhecer um pouco da minha própria constituição e a de outros corpos da rua, estava inventando um caminho.

Sobre o pensamento de Espinosa, com este filósofo-compositor aprendi que a vida é uma questão de potência e alegria, e que cada um, ao estar exposto ao acaso dos encontros, pode perceber pela experiência aquilo com o que compõe e aquilo com o que não compõe. É a partir destes encontros e experimentações da vida,

mesmo que ainda por meio das paixões alegres, que se podem fazer seleções (não embasadas na consciência, pois o filósofo nos diz que esta é alienante e nada conhece das coisas como causas adequadas).

Brincar com os conceitos, encontros, reinventar memórias e modos de expressar os acontecimentos do percurso com fotografias e narrativas pareceu um modo mais interessante de dizer como as vidas e discursos me afetaram ao longo deste tempo. Bem dizer, tudo soou como polifonia! Havia um conhecimento daquilo que compunha com meus pensamentos e bons encontros.

O percurso escolhido de primeiro ter uma aproximação intensiva com alguns em situação de rua, perceber as brincadeiras das potências e não somente o que falta em suas vidas (o que não significa em modo algum, indiferença quanto a condição econômica e social precária em que se encontram, bem como as ações frente a um problema que é também social) e construir junto com a caminhada um aparato teórico que ajudaria a pincelar, articular novos pensamentos, este percurso não foi à toa.

Pude perceber distinções quanto aos discursos que circulam. De modo geral, alguns ainda partem da idéia de falta quando se trata da vida na rua e outros buscam outros acontecimentos que passam ali. Mapear estas diferenças e compor com elas de alguma maneira também foi importante, pois mesmo aqueles que partem da falta ainda produzem ferramentas que interessam, como, por exemplo, as Políticas Públicas. A questão não se dava simplesmente por notar divergências e excluir aquilo que era diferente, mas criar um mínimo campo de composição para perceber o que daquele discurso poderia ajudar a compor outras práticas e

pensamentos sobre o tema, e o que somente distanciaria a possibilidade de invenções. A necessidade de invenções vem com o incômodo em relação aos modos como as práticas e diretrizes tem sido efetuadas, assunto que foi mais discutido no Segundo Encontro.

Conhecer um pouco da história dos sujeitos que perambulam pelas ruas na construção das cidades brasileiras e também da construção das ONGs possibilitou outros olhares para as organizações e instituições que cercam esta condição atualmente, e no caso, a organização que freqüentei. Práticas de caridade, casos de polícia e segurança, alianças entre organizações e Estado ainda acontecem. E com isto, é possível notar os encaminhamentos, interesses e jogos políticos que se dão nesta rede complexa. Afinal, continuo com a questão: para que e para quem tais organizações e diretrizes funcionam?

Ir para o campo produzindo conhecimento sobre o que dizem desta condição fez aparecer algumas considerações sobre como as práticas de cuidado e escutas destas vidas estão automatizadas. Não é raro ver práticas que se pautam no discurso da falta, nos efeitos que esses corpos produzem nos chamados “já cidadãos”, que se ocupam menos das potências de vida em seus singulares modos de efetuação e mais daquilo que pode colocá-los de volta ao circuito da vida normatizada.

Com os interlocutores de Espinosa fui aprendendo que olhar somente para os efeitos do encontro é olhar a partir das idéias inadequadas vindas apenas do conhecimento dos efeitos que um corpo cria sobre o outro, sem saber qual a

constituição daquele corpo que compõe ou não com a constituição deste primeiro. (DELEUZE, 2005).

De fato, não é fácil sustentar algumas intensidades vindas destas vidas, nem mesmo alguns de seus modos de se mover no mundo, no entanto, é com este pensamento de Espinosa sobre sair das idéias inadequadas que foi possível me demorar mais nos encontros, reconfigurá-los para poder escutar o que eles tinham a dizer sobre tudo aquilo que viviam nas ruas e nas organizações.

Estar dentro de uma organização possibilitou alguns encontros e dificultou outros. Ali foi possível notar os modos de se mover dentro de tal espaço e arranjo, as relações daqueles que cuidam, as amizades, alegrias e tristezas em participar das atividades de escrita e leitura. Ao mesmo tempo, ir para o território em poucas e intensas vezes, me fez notar como os movimentos e questões em jogo são muito diferentes dentro e fora de um espaço ofertado.

Vi muitos atravessamentos e discursos que pairavam ainda com a meta de tirar as pessoas das ruas, alianças com diretrizes do Estado, outras com a religião, e com este arranjo, moralidades também se faziam presentes. Ao mesmo tempo era possível notar que acontecimentos outros se davam por ali, com menos garantias de tirá-los diretamente das ruas, mas com caminhos para que alguns pudessem conhecer outras coisas, ler alguns livros, perceber outras paisagens no cotidiano, ampliar suas capacidades de serem afetados.

Uma polifonia.

Na rua não havia só tristeza ou alegria, mas ambos os afetos (e muito mais que não foi possível perceber e registrar). Na organização também. Alguns se

afetavam de certo modo com uma atividade, outro de outra maneira. Não havia garantias de nada, mas não por isso caberia um relativismo de tudo. Nas ofertas havia escolhas políticas. Nos mapas também. Quem sabe as escolhas são diferentes, não é possível afirmar neste momento e neste trabalho o que querem tais organizações com suas ofertas, mas há pistas de que nos mapas houve um exercício em se aproximar mais do que Espinosa traz como Ética e desmontar, quando possível, lógicas morais cotidianas.

Quando se compra o discurso de que, em geral, um especialista, *expert*, sabe mais da vida do outro e suas composições do que ele mesmo se tira deste outro a possibilidade de conhecer sua própria constituição, conhecer aquilo que suporta, aquilo que não suporta e dessa forma, afirma-se um distanciamento da Ética.

Muitas vezes o cuidado, a assistência e as diretrizes vêm neste sentido mais ligado à Moral, afirmando para toda a população de rua: quem eles são, do que precisam, o que falta em suas vidas, onde podem encontrar o que necessitam, como podem viver melhor.

Afinal, será que cuidar também não implica desertar este lugar de ditar caminhos universais para uma vida melhor? Não é da mesma maneira que cada um aprende, vive, inventa, se move no mundo. Nem pelos mesmos desejos. Quem sabe caberia falar em encontros, em que aquele que trabalha com os sujeitos das ruas e estes sujeitos abrem juntos espaços comuns para a troca de saberes e construção de outros caminhos na vida, ampliando as margens de manobra para que ambos tenham mais possibilidades de reinventar modos de vida mais potentes para si.

Assim, para pensar outra clínica e saúde possíveis, interessa ir ao encontro daqueles compositores, principalmente dos filósofos-compositores que trazem uma dimensão da vida, dos encontros e dos afetos muito mais interessantes quando se deseja conhecer, sobretudo, conhecer o que podem os corpos no mundo para que cada vez mais se aproximem de suas próprias potências, para que ajam e sintam ampliadamente.

Para escapar dos discursos religiosos, caridosos e mesmo os do Estado, falamos de afetos. Quais afetos estão em jogo nessas existências, quais as redes possíveis, as produções de vida, de quais modos eles estão perseverando nas suas existências? Como acontecem seus encontros, suas seleções?

Cada fala, cada gesto, cada conversadeiro e poesia eram expressão daquilo que insistia. Da vida que se inventava ali, a seu modo. Para estar junto, era preciso mapear os mais diversos afetos que se passaram por medo, alegria, tristeza. Mapear as violências, as moralidades, os encontros entre corpos, as potências, as lembranças, os novos jeitos de conviver com aquilo que sentíamos. Era nos encontrando que conhecíamos mais daquilo que nos afetava e de como afetamos o outro. No percurso, inventamos novos jeitos para lidar com tudo aquilo que se passou.”

A menina produzira tal espécie-carta que escorria pelas linhas, palavra pós palavra. Ela sabia que tudo isso seria um início de conversa, uma aposta em encontros (assim escolheu falar, ao invés de cuidado) que não fossem da dimensão da Moral, mas sim da Ética que Espinosa já no século XVII explicitava com extrema precisão e que foi passando por outros corpos que a expressavam bem, como

Deleuze. A questão mais ampla de todos estes rabiscos, mapas e brincadeiras era pensar nas práticas e encontros com tais vidas, uma aproximação com a Ética e não com a Moral.

Uma proposta de estar com o outro sem juízos de valor, sem lhe dizer o que ele deve fazer e ser, e ao mesmo tempo não apenas assisti-lo quando está virando trapo, como anunciava Deleuze, mas criar um plano comum, um plano de imanência que se abre para uma mistura de corpos e saberes possíveis aumentando as potências daqueles que estão envolvidos no encontro.

Ampliar cada vez mais o conhecimento das constituições de corpos, termos mais notícias de quais afetos estamos lidando quando nos propomos a estar com estes sujeitos, é assim que uma clínica que não diagnostica o outro, não luta pela sua servidão, é assim que ela se reinventa como percurso possível:

a constituição dos modos de existência ou dos estilos de vida não é somente estética, é o que Foucault chama de ética, por oposição à moral. a diferença é esta: a moral se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intenções referindo-as a valores transcendentais (é certo, é errado...) a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica. Dizemos isto, fazemos aquilo: que modo de existência isso implica? Há coisas que só se pode fazer ou dizer levado por uma baixeza de alma, uma vida rancorosa ou por vingança contra a vida. Às vezes basta um gesto ou uma palavra. São os estilos de vida, sempre implicados, que nos constituem de um jeito ou de outro. Já era a idéia de “modo” em Espinosa. (DELEUZE, 1992, p.125-126).

Por fim, lá estava ela.

Outrando-se a cada tecelagem com tais palavras de Deleuze. Indo-se embora... E cantarolando:

— Habitar a rua, fazer arte com as palavras, inventar brincadeiras, sustentar estar com o outro do jeito que ele se move no mundo, abrir espaço e planos comuns imanescentes, poder inventar caminhos... Afinal, *que modo de existência isso implica?*

5. FOTOGRAFIAS: POEMENTOS, HAICAIS E OUTROS...

“Cada coisinha dessa aí tem alguma coisa da vida... uma poesia, uma conversa...tudo...um livro que você lê fala com você...” (Almir¹⁷)

Haicais

Dormindo na praça

A chuva cai e molha

Todo o meu corpo

A. C.

Chove lá fora
Estou no Prato de Sopa
Fazendo haikai

C.

As ruas de Santos
Me acolhem nesta temporada
Só o frio castiga.
K.C.

Na calçada fria
Durmo sobre o papelão
E a geada cai.
L.S.

Madrugada fria –
A geada que cai
Molha o meu cobertor.
W.M.

¹⁷ Citação de uma fala de um conversadeiro com seu nome fictício.

*Noite de temporal –
Divido o meu papelão
Com o companheiro*

J.A.

*Aqui na pracinha
Adormeço ouvindo
O cantar das cigarras.*

J.A.

*Acordo na rua
Com meu corpo congelado –
Frio... que vento frio!*

J.M.A.

*Madrugada...
Parece rasgar a pele
Esse vento frio.*

M.D.

*Na areia da praia
O meu corpo inteiro sofre –
Vento frio castiga.*

A.C.T.

*Sem direção... livre
Chega e me faz tremer –
Vento frio!*

A.M.

*Acordo do sonho
Com este clarão no rosto –
A lua no céu.*

J.X.

*Castiga o meu corpo
Neste final de tarde –
O vento frio.*

L.R.A.

Poemetos

*Trabalho por vir
Janelas que se abrem
Tristezas também.*

*Andanças que assustam
Grita de tanto medo
O corpo que foge*

*Olhos curiosos
Fincam a pele nova
Menina que chega*

*Mantos se arrastam
Limpam o chão sutilmente
Menina na rua.*

*Saudade chega
Diante deste retrato
Sorrisos molhados.*

*Massas de ar
Cada corpo sopra uma
Caos do olfato*

Outros

Aquele do toldo azul.

Mal chegara no ponto de ônibus estava ali, sonhando debaixo do cobertor preto e vermelho que já parecia úmido da garoa mareada.

Um tempo depois, acordou. Levantou a cabeça, como quem está vendo mas não está enxergando, nem a rua, nem as pessoas, nem o movimento. Passei como se fingisse não vê-lo, mas não consegui disfarçar.

Os olhos se cruzaram, e logo desviaram para não serem notados. Mas foram.

Percebi que me observava, em meio às tosses que pareciam cuspir a alma. Não se importava em tossir alto, em gritar que estava ali, era o seu jeito de se fazer notar.

Voltou a se deitar. E eu, procurando o coletivo que já se demorava. Procurava sabendo que queria ficar ali mais um pouco. Lembrei-me que guardava dois pães na mochila já estufada. Pensei em oferecê-lo. Não pela fome que parecia atordoá-lo, mas pela janela que se abriria para um encontro. Ensaiei. Me demorei. Peguei o saco. Mantive fechado, segurando o cheiro de massa fresca ali dentro.

Ele tossia. Deitara-se de novo. Após um respiro profundo, e olhos semi-abertos para chegar mais perto, vozes altas cortaram o fluxo.

Dois homens chegaram falando alto, soltando fumaça pela boca. Falavam de trabalho e casa. Não pareciam companheiros da rua.

Não larguei o saco de pão. Não larguei a idéia de compartilhar substancia de vida.

Mas as pernas não saíam do lugar. Os afetos circulavam no peito, fazia força pra sair, mas não encontraram saída, nem criaram passagem. O letreiro iluminava meus olhos fracos pela imobilidade. Cada vez mais. Cada vez mais perto. Levantei os braços. Enquanto segurava a mala, o saco de pão, o cheiro, a palavra, o encontro, o fracasso por não ter compartilhado outra coisa senão incômodos e breves olhares.

Às vezes a indiferença é intensidade disfarçada.

O choro

Outro dia de encontro...

Todos deveriam encontrar-se com uma capa cheia de folhas e letras e linhas e sentidos que lhe chamasse maior atenção...

Ali era preciso estar atento.

As mãos, aos poucos, pegavam as folhas... dobravam as folhas, viravam-nas...

Eram as mesmas que passavam no rosto e nos olhos como se tivesse acordando naquele segundo... eram as mesmas de ontem, quando procurara o alimento em algum lugar da cidade...

As mãos seguravam a barriga cheia de dor... o rosto era de quem não dormira a noite passada, de quem olhava pro mundo sem achar nada encantado...

Aos poucos as linhas das folhas começavam a criar sentidos... Aos poucos, as palavras chegavam e tocavam em algum ponto esquecido.

Estou me vendo nesse poema.

O choro vinha interrompendo o fluxo da voz e da garganta que lia bem alto aqueles versos...

Um choro que parecia precisar ser contido, engolido como muitos momentos cotidianos da vida daquele rapaz...

O poema não precisava ser terminado... Já estava sendo dito pela água dos olhos que lhe saltava a boca...

Em passos calmos e lentos, outros braços envolviam aquele instante... num abraço que aquecia a própria vida.

A delicadeza de um abraço que vinha afagar aquela dor da barriga, aqueles olhos quase sem poder abrir, aquelas mãos marcadas pela história, cheia de memórias das ruas...

O galego

Um passo rápido me mantinha ereta para atravessar a rua e chegar à calçada.

A companhia era agradável de alguém que compartilha comigo as delícias e dores a convivência, da divisão de espaço, sala, banheiro, contas de luz e sem contas de telefone.

O assunto? Algo trivial, como entender onde era o mercado que já ouvira falar. Por onde pisar pra não encostar nos cocos de cachorro pelo chão. Nesses olhares pro chão os encontrei.

Eram olhos de diamante, mareados. Cabelos louros, pele morena de sol.

Jovem.

Muito jovem.

Estava sentadona sarjeta olhando pro horizonte que parecia existir pra ele naquele momento.

Olhar de horizonte. Belo.

Cruzamos os olhares e desviamos.

às vezes nos permitimos apenas ver, nos afetar, gerar encontros silenciosos, mas não sair disso.

Flores

A música se torna parte da paisagem... Quais plantas nascerão naquele dia?

Como se a terra escondesse diariamente as flores que quer mostrar pro mundo...faz aparecer algumas...aquelas que quer escolhe a dedo?

Quem são as flores que querem aparecer? Quem são aquelas que se escondem?

A música traz água para a terra fertilizada. Pensamos ter fertilidade. Queremos que tenha...

Por vezes da água vem brotos, por vezes outros morrem...

A cada dia, com a mesma música, uns morrem, outros vivem...

Outros permanecem.

Os olhos molhados de brilho fraco

Dentro de um coletivo...

Os olhos daquele homem grisalho passeavam pelas imagens e cenas cotidianas que ficavam pra trás e por detrás dos vidros da janela...

Eram olhos de quem parece ver aquele angula pela primeira vez...

De quem esta cansado e esgotado...

Uma blusa preta esquentava seu corpo, e botas pretas e grossas, os pés...

Havia um silêncio no seu habitar o espaço...enquanto que homens outros faziam ruídos, com uniformes de quem esta pronto para a labuta...

Aquele não estava...

Estava esgotado e pelo mesmo motivo, cheio de vida...cheio de fluxos...

Como fazer os fluxos pulsarem?

Fiquei de frente pra sua nuca...e apenas via os movimentos que a cabeça fazia quase ao entortar o pescoço e olhar as tais cenas que ficavam pra trás...

Os olhos molhados...

Um brilho fraco...

O corpo sereno e esgotado...

Não estava estendido no chão, seu Chico... Mas estava estirado de pé... parecia estar com mortes de gota em gota...

Deram o sinal de parada...o som do grito de quem quer descer...

O homem se levantou, calmamente...Movimentos leves faziam-no virar de frente para mim, de costas para o motorista...

De frente...sua roupa brilhavam mais que os olhos...

Era laranja ardido...para não perde-lo de vista... Parecia uma marca, um radar...

O corpo estava preso dentro daquele macacão...as juntas, as articulações conheciam agora um são movimento...

Era um olhar longe...livre...que voava, mas rebatia-se dentro da roupa...

E com suas limitações de sonhos, lá se foi o homem dos olhos molhados de brilho fraco...

Foi esgotado...caminhando em direção ao campo de concentração de energias e forças de vida, que ficam estreitas de tanto serem estranguladas pelo tempo...

Sou a mosca

Outras horas...

Às vezes demoram a passar...

A inquietação vem, vai, vem, vai. Irritar aquele corpo passa necessariamente por trancá-lo, por limitá-lo em uma dimensão espaço-tempo.

Estrategio minhas saídas. Saio da sala.

Volto.

Caminho. Ando. Passeio. Irrito.

Me pedem silêncio, faço barulho. Não grito, não xingo, não bato.

Apenas faço barulho por não gostar de ficar sentado em frente à mudez da alma.

Movimento ao corpo, às falas. Quero quebrar este silêncio queixoso.

“Que coisa chata!”.

Volto. Me sento. Me ocupo de algo que não queria.

No dia seguinte...

Estarei aqui outra vez.

O homem no banco

Logo ali de canto um homem se senta sozinho. Limpa os poucos dentes que lhe habitam a boca. Cospe algo. Seus olhos apertados parecem não fazê-lo enxergar a quantidade de vidas e gentes que passam diante do seu nariz. Na sua altura, somente bundas, pernas, pés, chão.

Levanta-se como outro que conheci. Descobre-se de seu cobertor colorido para varrer o chão. Limpa-o como aquela diarista o faz quando está cansada. Devagar, deita o corpo. Cobre-se com a manta mais colorida que sua roupa. Faz do degrau do banco onde ele está instalado bem à frente, um travesseiro. É...ele sonha diante de máquinas que fazem dinheiro.

Essa menina

Uma hora

Volta e meia

Vem me amolar

Essa menina do lado de lá

A tal da sina

Vem profetizar

Volta e meia

E uma hora

Ela vai desdobrar

A tal da sina Pra me perturbar

Essa menina vai amontoar

Esse monte de lixo

Capricho do mundo de cá

*“Vai correr a vida inteira, pra sujar a
nossa vila”*

*“Quem diria que é besteira toda essa
covardia”*

De plantar a cabeça no porão

Não sair mais de lá sem ficar são

Esse monte de lixo

É bicho quem vai comer

*“É um berro de suplicio pela morte da
minha vida”*

*“Joga fora a menina que ta sendo a
nossa sina”*

Assinar a cerca do portão

Pra tirar o teu rosto do chão

Ninguém dá esmola, pedinte ela não é
não

Essa moça chora, de grão em grão

E eu choro com ela

Pra esse mundo parar

De dizer que é miséria

Sem nem escutar

Não dê ouvidos a ela

O lixo que quer falar

Que é que tão fazendo?

Calando essa moça sem jeito

Eles tão dizendo

Que ela tem defeito

Lá vem ela, vem de novo

Pra sujar a nossa vila

“Quem diria que é beleza

Toda essa gritaria

Na cidade só limpeza

Dessa gente andarilha”

Que escorre da casa fabricada

Há potencia que escapa de sua mão

E escorre da casa fabricada

Há potência que baila em sua mão

No meio de tudo, a menina fez tecelagens com outro compositor-poeta que conheceu chamado Manoel, ele lhe contou a história de um menino! A menina sentiu-se um pouco o menino e seu corpo linha desmanchou-se outro tanto para fazer passar pelas linhas já tecidas, uma história que ressoava com tudo aquilo que escrevera, experimentara:

Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito porque gostava de carregar água na peneira, com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira. No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras. Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens. Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando ponto final na frase.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios. Até fez uma pedra dar flor!

A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou:
Meu filho você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda. Você vai encher os vazios com as suas peraltagens e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos. (MANOEL DE BARROS¹⁸)

¹⁸ Trecho do poema “O menino que carregava água na peneira”, pertencente ao livro Exercício de ser criança, de Manoel de Barros (1999)

Referências Bibliográficas

Associação Prato de Sopa Monsenhor Moreira. Disponível em: <http://www.pratodesopa.com.br/história/história.htm> (último acesso em 8 de junho de 2011).

ALVAREZ, A.M de Souza; ALVARENGA, A. T; RINA, S. C. S. A. **Histórias de vida de moradores de rua: situações de exclusão social e encontros transformadores**. Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.2, p.259-272, 2009.

AZEVEDO, Adriana B. de. **A construção de um olhar clínico vidente**. São Paulo, Dissertação (Mestrado). Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientador: Profº Dr. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi, 2009.

BAREMBLITT, Gregório F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**, Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattari (Biblioteca Instituto Félix Guattari). 5ed., 2002.

BRASIL. **Política Nacional Para População em Situação de Rua**. Brasília, DF. Maio de 2008.

CALVINO, Ítalo. O inferno dos vivos in **As cidades invisíveis**, 1972.

COSTA, Daniel de L. R. **A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população em situação de rua**. 241 f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Ciências humanas e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DELEUZE, G. **Abecedário**, “D” de desejo. Vídeo gravado em 1988.

_____. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo. Ed.:34, 1992.

_____. O que as crianças dizem in **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Curso sobre Espinosa**, Trad. Port. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso; Helio Rebello Cardoso Junior, 2005.

_____. **Espinosa: Filosofia Prática**. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

ESPINOSA, Baruch de. **Parte III, Ética**. Trad. Tomás Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely, **Micropolítica. Cartografias do desejo**. São Paulo: Vozes, 1986; 8ª ed. revista e ampliada, 2007.

GHIRADI, M.I.G; LOPES, S.R; BARROS, GALVANI D. **Vida na rua e cooperativismo: transitando pela produção de valores**. Interface – Comunicação, Saúde e Educação, vol.9, nº 18, p. 601 – 10. 2005

KASPER, P.C. **Habitar a rua**. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/11201376/Habitar-a-Rua>>. Acesso em:

LANDIM, Leilah. **A Invenção das ONGs: do serviço invisível à profissão sem nome**. Tese (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional e da Universidade Federal do Rio de Janeiro. RJ, 1993.

LISPECTOR, Clarice. Menino a bico de pena in **Felicidade Clandestina**. RJ: Rocco, 1998.

MATTOS, R.M.; FERREIRA, R.F. **Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua**. Psicologia & Sociedade; 16 (2): 47-58; maio/ago.2004

MENDONÇA, Gabriel Coelho. **Sentidos subjetivos de Moradores de Rua frente ao futuro**. Tese Mestrado. PUC – Campinas, 2006.

NERUDA, Pablo. **O livro das perguntas**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

PAUGAM, Serge. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In SAWAIA, Bader (org). **Artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social, 8ed., Petrópolis, RJ: Vozes 2008**.

VARANDA, W.; ADORNO, R. **Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde.** Saúde e Sociedade. v.13 n.1 São Paulo jan./abr. 2004

ANEXOS**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO****Campus Baixada Santista****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar **voluntariamente** da pesquisa: “Cartografia na Rua: cuidados e escutas possíveis” cujo pesquisador responsável é o Prof. Dr. Emílio N. de Carvalho.

Objetivos: Compreender e aproximar-se das relações possíveis que se criam nas ruas, a partir do encontro com sujeitos habitam este espaço.

Justificativa: Considerando que esta é uma condição vista com frequência da cidade de Santos, e que há uma preocupação bastante recente em se criar políticas públicas e serviços voltados diretamente para cuidar desta população, é importante criar espaços de discussão e reflexões mais amplas a respeito do tema.

Procedimentos: Serão feitas narrativas de histórias de vida nos próprios territórios dos sujeitos que habitam as ruas, locais passagem ou serviços que eles freqüentem, a partir dos encontros estabelecidos. Presuma-se o número de 10 sujeitos a serem entrevistados. A partir dos vínculos e encontros criados no campo, também serão registradas, por escrito, cenas cotidianas que incitem alguma discussão sobre o tema proposto.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios, além de ter o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais e finais da pesquisa.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista e outra será fornecida a você.

No caso de possível dano pessoal diretamente causado pelos procedimentos realizados na pesquisa, o sujeito de pesquisa deve ser encaminhado para unidade da rede pública de saúde mais próxima, acompanhado por profissional vinculado a pesquisa.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE: Eu,

_____ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. O pesquisador responsável Emílio Carvalho certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Também sei que não haverá gasto nenhum com esta pesquisa. Em caso de dúvidas poderei entrar em contato com pesquisador responsável Emílio Carvalho no telefone: (13) 81621944, e que pode ser encontrado no endereço: Av. Alm. Saldanha da Gama, 89 Ponta da Praia - Santos/SP - CEP: 11030-400 Tel: (13) 3523-5000.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj 14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 – E-mail: cepunifesp@unifesp.br

Declaro que concordo em participar desse estudo e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do(a) participante

Data ____ / ____ / ____

Assinatura da testemunha

Data ____ / ____ / ____

Para casos de voluntários menores de 18 anos, analfabetos, semi-analfabetos ou portadores de deficiência auditiva ou visual.

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante ou representante legal para a participação neste estudo.

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

Data ____ / ____ / ____